A LUTA do HOMEM

SUAS CAUSAS
SEUS EFEITOS
SEU FIM

J. KRISHNAMURTI

Conceitos sôbre Jiddu Krishnamurti e suas obras :

"Krishnamurti centraliza todo o seu ensino num insistente convite à inteligência. Não há na sua mensagem nenhum tabu. Nada oferece de misterioso, nada apresenta para ser adotado e seguido por outrem. Todo o seu apêlo consiste em despertar a criatura para que possa, livre de tutelas espirituais, fazer uma autocrítica de todos os falsos valores que adotou." (Dr. Francisco Aires).

"Seja Freud ou Krishnamurti, um ou outro surgem nesse instante de inquietação social e de angústia da alma humana, como dois grande iniciados que parecem antecipar a perspectiva de uma nova humanidade." (Gastão Pereira da Silva).

"Nada tenho que acrescentar ao caráter eminentemente social destes ensinamentos. O homem que se entrega à constante busca da Verdade, tal como a define Krishnamurti, é o melhor servidor da humanidade." (Ludowic Kehault).

"Krishnamurti, para mim, é o mais profundo dos psicólogos atuais; um psicólogo que leva a sua análise, sua investigação, até às últimas conseqüências; que convida cada um de nós a ser um psicólogo imparcial, leal, sincero, honrado em si mesmo, sem vacilação alguma, nem temor dos resultados." (Da obra "Krishnamurti, el inspirador", de Arturo Montesano Delchi).

"Estas idéias" (as do autor) "têm inspirado igualmente a políticos como George Lansbury; a pensadores e cientistas como o Dr. Johannes Verweyen, professor de Filosofia da Universidade de Bonn, Alemanha, ou o etnologista americano, Dr. Edward Craighill Handy; artistas como o famoso maestro Leopoldo Stokowski e também ao grande escultor francês, Antoine Bourdelle." (De "Krishnamurti, The man and his message", de Lilly Heber, Ph. D.).

A OBRA E O AUTOR

Encerra êste livro, como os mais de J. Krishnamurti, autênticas lições de uma nova arte de viver, pois os ensinamentos nêle contidos fogem a quanto se há escrito sôbre matéria filosófica, religiosa ou moral, sendo, antes, um convite indiscriminado para adquirirmos a plena consciência de todos os atos e pensamentos, necessária a nos tornarmos verdadeiras parcelas de uma sociedade eminentemente cooperativa.

Só essa particularidade justificaria a precisão de um maior conhecimento da mensagem do autor, tão envolvidos e dominados nos achamos, hoje em dia, por ideologias, princípios e credos, que só laboram para a confusão e irresponsabilidade do homem.

Em verdade, vivemos numa completa desorientação espiritual, esperando solucionar os difíceis problemas de ordem social e financeira com o alcance de uma estrutura econômica mais equitativa, capaz de promover o bem-estar coletivo.

Embora urja tal transformação em face dos justos anseios dos povos de tôda a parte, não constituirá ela, todavia, o elemento propiciatório daquilo a que, de um modo ou de outro, estamos sempre visando: a felicidade.

Por entre as névoas da crise universal já podemos distinguir que a atual tragédia humana é, na essência, de caráter psicológico, porquanto a questão econômico-social decorre, em última análise, da generalização do egotismo, da expansão dos desejos pessoais e, também, da lógica contraditória e mundana do espírito individualista.

Inegàvelmente, não obstante a experiência histórica, não aprendemos ainda a viver plenamente. O homem ama e odeia, sofre e goza, ambiciona e renuncia, mas jamais se detém no indagar a causa primária de seus pensamentos e sentimen-

tos. No entanto, do ponto de vista de Krishnamurti, como de outros psicólogos, é essa indagação fator relevantíssimo para a aquisição do esclarecimento indispensável.

Indicando como observar-nos imparcialmente, para estendermos cada vez mais o autoconhecimento e, em conseqüência, a percepção e o discernimento das coisas; fazendo-nos ver o significado real das influências ambientes e a ilusão dos valores dos sentidos, convence-nos o grande pensador de que só a ação inteligente, baseada no humanismo verdadeiro, nos propiciará o grandioso mundo há tanto almejado.

Quem vê a existência sob prisma tão alevantado não é um puro teórico, um ser que vive distanciado de suas criações: ao contrário, o que mais o recomenda é revelar êle, na conduta própria, a melhor prova do acêrto de seus enunciados.

Por isso, suas obras são consideradas no presente, como de alguns anos para cá, um grande auxílio para o despertar da humanidade.

Quando contemplamos tanto sofrimento e solidão na alma do rico e do pobre de nossos dias e sentimos, de perto, os tremendos males causados pelo egoísmo e pela vaidade humana, é que avaliamos a importância de trabalhos como êste para o bem e a plenitude geral.

Eis por que deve êle andar em tôdas as mãos e ser meditado por tôdas as pessoas. Qualquer um, independentemente do grau de cultura, poderá lê-lo com proveito, importando mais a "ação" conforme aos seus profícuos ensinamentos que, pròpriamente, o mero entendimento "intelectual" dos mesmos.

Contém êste livro, em suma, um manancial de sabedoria e facultará, aos que a observarem, o indestrutível bem do pensar criador — meio único de alcançarmos a ventura sem fim.

*
**

Editado pela Instituição
Cultural Krishnamurti.

KRISHNAMURTI

Conferências — com perguntas e respostas — realizadas, em Ojai, Califórnia, Estados Unidos da América do Norte. em 1934.

J. KRISHNAMURTI

A LUTA DO HOMEM

SUAS CAUSAS
SEUS EFEITOS
SEU FIM

★

Editado pela
Instituição Cultural Krishnamurti
AVENIDA RIO BRANCO, 117, sala 203 - Tel. 23-2697
RIO DE JANEIRO (BRASIL)
1 9 4 8

ÍNDICE

	Pág.
I	7
II	19
III	36
IV	51
V	65
VI	78
VII	92
VIII	108
IX	122
X	136
XI	151
XII	167

I

É minha intenção, durante estas palestras, não tanto expor um sistema de pensamento, como despertar o pensamento e, para tal, enunciarei certos conceitos — não dogmáticos, naturalmente — que espero sejam meditados por vós e, enquanto o forem, numerosas questões, haverão de apresentar-se, as quais, se tiverdes a bondade de me perguntar, tentarei esclarecer, desenvolvendo assim mais amplamente o que tenho para transmitir-vos.

Eu quisera saber por que vem aqui a maioria de vós. Vindes provàvelmente em busca de alguma coisa. Mas, que buscais? Não sabeis, naturalmente, responder a essa pergunta, porque o vosso método de busca varia e também varia o objeto de vossa busca. Êste último modifica-se continuamente e, por isso, não sabeis com precisão o que buscais nem o que desejais. Infelizmente, já formastes o hábito de passar de um suposto mestre espiritual para outro, igualmente suposto, de filiar-vos a diferentes

organizações e sociedades, e de seguir sistemas. Por outras palavras, forcejais por descobrir o que vos dê satisfação e excitação em escala crescente.

Êsse contínuo proceder de uma escola filosófica para outra, de um sistema de pensamento para outro, de mestre para mestre, vós chamais a busca da verdade. Em outros têrmos: passais de uma idéia para outra, de um sistema de pensamento para outro, acumulando constantemente, esperando compreender a vida, tentando penetrar o seu significado, o sentido de suas lutas, e declarando, sempre, haverdes descoberto alguma coisa.

Mas eu espero que, no final de minhas palestras, não ides dizer que achastes alguma coisa, uma vez que, no momento em que isso acontecer, estareis já perdidos; porque, prêso a essa âncora o espírito, cessará aquêle movimento eterno, aquela verdadeira busca de que vou falar-vos. A maioria dos espíritos demanda um alvo determinado, com o desejo fixo de achar alguma coisa, e, já que se firmou êsse desejo, achar-se-á, de fato, algo. Mas não será coisa com vida, será uma coisa morta o que achareis e, por isso, vós a rejeitareis, voltando-vos para outra. E êsse contínuo escolher e rejeitar, vós chamais o processo para a aquisição da sabedoria, da experiência, da verdade.

É provável que a maioria de vós, consciente ou inconscientemente, veio ter aqui com igual propósito e, assim sendo, o vosso pensamento está aplicado meramente na busca de sistemas e confirmações, no desejo de vos ligardes a um movimento ou de vos congregardes em grupos, sem a luz da realidade fundamental e sem procurardes compreender o significado dessas coisas básicas da vida. Assim, pois, como já disse, não vou propor um ideal para ser imitado, uma meta para se alcançar, pois meu propósito é, antes, o de despertar o pensamento pelo qual possa a mente libertar-se das coisas que nela implantamos, admitidas que foram como verdades certas.

Com efeito, cada um procura imortalizar o produto do ambiente. Essa coisa que é o resultado do ambiente, nós a queremos eternizar. Isto é, os diferentes temores, esperanças, anseios, preconceitos, inclinações, que costumamos exaltar e chamar nosso temperamento, essas coisas são, afinal, o produto do ambiente; e êsse feixe de lembranças, que é o resultado do ambiente, produto das reações ao ambiente, vai constituir aquêle estado consciente que chamamos "eu". Não é assim? A luta se desenrola, tôda ela, entre o resultado do ambiente, com o qual a mente se identifica, tornando-se o "eu", e o próprio ambiente. Ao cabo de tudo, o "eu", o estado consciente com que a mente

se identifica, é o resultado do ambiente. E a luta se trava entre êsse "eu" e o ambiente sempre cambiante.

Empenhamo-nos contìnuamente na busca de imortalidade para êsse "eu". Por outras palavras: o falso forceja por elevar-se ao real, ao eterno. Para quem compreende o significado do ambiente, não existe reação e não existe, por conseqüência, choque entre a reação, isto é, aquilo que chamamos "eu", e o fator da reação, ou seja, o ambiente. E assim essa busca de imortalidade, êsse desejo de certeza e durabilidade, se chama processo evolutivo, processo para alcançar a verdade, ou Deus, ou a compreensão da vida. E quem quer que vos ajude nessa busca, quem quer que vos ajude a imortalizar a reação que chamamos "eu", vós o intitulais o redentor, o salvador, o senhor, o mestre, e seguis o seu sistema. Vós o seguis com raciocínio ou sem êle. Seguis com raciocínio, quando pensais fazê-lo inteligentemente, porque êle vai conduzir-vos à imortalidade, ao sentimento dêsse enlêvo. Isto é, tendes necessidade de outrem que imortalize para vós essa reação que é produto do ambiente e que é, em si, fundamentalmente falsa. No desejo de imortalizar o que é falso, vós criais religiões, sistemas e divisões sociais, métodos políticos, panacéias econômicas e padrões morais. E assim, gradualmente, nesse desenvolver de sistemas

para perpetuar o indivíduo, dar-lhe durabilidade e segurança, o homem se perde inteiramente e entra em choque com as criações de sua própria busca, criações nascidas do anseio por essa segurança que êle chama imortalidade.

Mas, porque há religiões? As religiões, como divisões do pensamento, se desenvolveram, glorificadas e nutridas por conjuntos de crenças, em virtude dêsse desejo de vos certificardes da imortalidade e assegurardes a vossa imortalidade.

E os padrões morais, êsses são puros produtos da sociedade para manter o indivíduo em sua servidão. A meu ver, a moral não pode ser padronizada. Não podem coexistir moral e padrões. O que deve haver é compreensão, tão sòmente, e esta não é nem pode ser padronizada. Mas apreciaremos melhor êsse ponto em minhas próximas palestras.

Nessas condições, essa contínua busca em que se acha empenhado cada um de nós, essa busca de felicidade, verdade, realidade, bem-estar espiritual — êsse desejo ininterrupto é cultivado por cada um de nós, para têrmos segurança e permanência. E dessa busca de permanência tem de resultar choque, choque entre o resultado do ambiente, o "eu", e o próprio ambiente.

Agora, refletindo bem, que vem a ser o "eu"? Quando falais do "eu" e do "meu", quan-

do dizeis *minha* casa, *minha* alegria, *minha* mulher, *meu* filho, *meu* amor, *meu* temperamento — que coisa é essa? Apenas o resultado do ambiente, e entre êsse resultado, o "eu", e o próprio ambiente, existe choque permanente. Só pode haver choque, e inevitàvelmente o há, entre o falso e o falso, nunca entre o verdadeiro e o falso. Não é assim? Não pode haver choque entre o que é verdadeiro e o que é falso. Mas pode haver choque, e necessàriamente o haverá, entre duas coisas falsas, entre as gradações do falso, entre os opostos.

Não julgueis, pois, que essa luta — que chamais a verdadeira luta — entre o "eu" e o ambiente, seja legítima. Não se desenrola uma luta entre vós mesmos e o vosso ambiente, tudo o que vos cerca, vosso marido, espôsa, filho, vizinhos, meio social, organizações políticas? Não se desenrola aí uma batalha permanente? Julgais necessária essa batalha, para que possais alcançar a felicidade, a verdade, a imortalidade, ou o êxtase. De outro modo expresso: o que julgais ser a verdade é apenas a consciência da personalidade, o "eu", contìnuamente empenhado em imortalizar-se, e o ambiente, que eu digo ser o movimento contínuo do falso. Êsse movimento do falso, que constitui o vosso ambiente sempre cambiante, é chamado progresso, evolução. Nessas condições, para mim, a felicidade, a verdade, ou Deus, não pode de-

correr do resultado do ambiente, o "eu", nem de condições externas sempre variantes.

Vou mais uma vez tentar expressá-lo diferentemente. Existe um choque, de que tendes conhecimento, entre vós mesmos e o ambiente, as condições externas. Mas, direis para vós mesmos: "Se eu conquistar o ambiente, superá-lo, dominá-lo, ficarei em condições de descobrir, de compreender". É por essa razão que se trava essa batalha permanente entre vós mesmos e o ambiente.

Mas, que sois "vós mesmos"? Simples produto do ambiente. E que fazeis? Estais combatendo uma coisa falsa com outra coisa falsa, pois falso será sempre o ambiente, enquanto o não compreenderdes. O ambiente, pois, produz aquêle estado consciente que chamamos "eu" e que está contìnuamente interessado na própria imortalidade. E para dar-lhe essa imortalidade deve haver muitos modos e meios, e por isso vós tendes religiões, sistemas, filosofias, tôdas essas inconveniências e barreiras que haveis criado. Por essa razão existirá sempre choque entre o resultado do ambiente e o próprio ambiente; e, repito, só pode haver choque entre o falso e o falso, nunca entre o verdadeiro e o falso. Todavia, tendes firmemente arraigada em vossas mentes a idéia de que nessa luta entre o resultado do ambiente, que é o "eu", e o próprio ambiente, há fôrça, há sabedoria, e

que por ela alcançareis a eternidade, a realidade, a verdade, a felicidade.

O que nos deve interessar, sobretudo, é o ambiente, não o choque com êle nem a maneira de dominá-lo ou de fugir-lhe. Interrogando o ambiente e procurando compreender-lhe o significado, descobriremos o seu verdadeiro valor. Não é assim? A maioria de nós está colhida no processo de tentar dominar ou fugir às circunstâncias, o ambiente; não tentamos descobrir o que êle significa — a sua causa, o seu sentido e valor. Quando perceberdes o sentido do ambiente, significará isso ação violenta, uma extraordinária viravolta em vossa vida, transformação completa e revolucionária de vossas idéias, na qual prescindireis de autoridades e modelos. Mas são bem poucos os que querem ver o significado do ambiente, porquanto isso implica modificação, modificação radical e revolucionária, e mui poucos desejam tal coisa. Sendo assim, a maioria dos indivíduos, milhões de indivíduos, põem todo o interêsse em fugir do ambiente, seja encobrindo-o, seja buscando substitutos: desfazendo-se de Jesus Cristo para entronizarem um novo salvador, procurando novos mestres para substituírem os velhos, mas sem indagarem uma só vez se realmente necessitam de um guia. E só isso lhes traria benefícios, só isso lhes forne-

ceria o verdadeiro significado dessa busca de substitutos.

Nessas condições, quando se procura substituto, procura-se uma autoridade, um guia para seguir, do que resulta tornar-se o indivíduo um simples dente na engrenagem social e religiosa da vida. Considerada de perto, essa busca se resume numa busca de confôrto, segurança, refúgio: não é uma busca de compreensão, nem de verdade, porém, antes, uma busca de por onde fugir e, conseqüentemente, um esfôrço para afastar todos os obstáculos. Ora, afastar equivale a substituir, e no substituir não há compreensão.

Há fugas por meio das religiões, com seus mandamentos, seus padrões morais, atemorizações, autoridades; e há fugas através da expressão individual — o que chamais expressão individual, o que a grande maioria designa por êsse nome, é puramente a reação contra o ambiente, o esfôrço de expressar a personalidade através dessa reação — expressão individual nas artes, nas ciências e outras formas de ação. Não me refiro aqui às verdadeiras, às espontâneas expressões da beleza, da arte e da ciência; estas são, por si sós, completas. Refiro-me ao homem que busca essas coisas como utensílios para a expressão de si próprio. O verdadeiro artista não fala de expressão individual; o que êle expressa é o que sente com

tôda a intensidade. Mas há tantos artistas desviados que, como os indivíduos espiritualmente desviados, vivem à procura de expressão pessoal como meio de alcançar alguma coisa, alguma satisfação que são incapazes de encontrar no ambiente em que vivem.

Em virtude dessa busca de segurança e permanência, temos religiões estabelecidas, com tôdas as suas futilidades, discórdias e explorações, como vias de fuga. E essas vias de evasão assumem tamanha significação e importância porque, para procurar conhecer o ambiente, isto é, as condições que nos cercam, necessita-se ação intensíssima, ação voluntária e dinâmica, e bem poucos se inclinam a empreender tal ação. Pelo contrário, inclinamo-nos mais a nos deixar forçar à ação pelo ambiente, pelas circunstâncias; se, por exemplo, um homem alcança um elevado grau de moralidade e virtude, numa época de crise econômica geral, logo o considerais um homem admirável, em virtude de tal mudança. Mas foi o ambiente que forçou a mudança, e enquanto estiverdes na dependência dêle para procederdes retamente, necessitareis de meios de fuga e de substituições, chamai-o religião ou como quiserdes. Entretanto, para o genuíno artista, também espiritualmente genuíno, a expressão é espontânea, por si mesma suficiente, completa, integral.

E vós, que fazeis? Que se passa com cada um de vós? Que estais tentando na vida? Procurais algo — mas, que procurais? Existe um conflito entre vós mesmos e o movimento constante do ambiente. O que procurais é um meio de dominar êsse ambiente, para perpetuardes o vosso "eu", que nada mais é que o resultado dêsse mesmo ambiente; ou, porque já tantas vêzes vos tem contrariado o ambiente, impedindo a vossa expressão individual, como o chamais, buscais novos meios de expressão com serviços à humanidade, planos de ajustamento econômico, e o que mais seja.

Cada indivíduo deve saber o que busca; se nada busca, há, então, saciedade e decomposição. Se existe choque, há o desejo de vencer êsse choque, de fugir-lhe, de dominá-lo. Mas, como já disse, só pode haver choque entre duas coisas falsas, entre essa suposta realidade que chamais o "eu" — para mim, simples resultado do ambiente — e o próprio ambiente. Por isso, se vossa mente está interessada apenas em vencer essa luta, estais, então, perpetuando o falso, resultando daí mais conflito, mais sofrer. Mas, se quiserdes descobrir o significado do ambiente, isto é, das condições do ambiente — opulência, miséria, exploração, opressão, nacionalidades, religiões, e tôdas as futilidades da moderna vida social — sem tentar dominá-las, mas procurando ver o que significam,

requer-se, então, ação individual e uma completa revolução na esfera das idéias e do pensamento. Mas isso não será luta, será a luz a dissipar as trevas. Não há choque entre a luz e a treva. Não o há entre o verdadeiro e o falso. Só há choque onde há opostos.

II

Estareis lembrados de que ontem eu vos falava da origem dos conflitos e do modo pelo qual a mente busca solução para êles. Tenciono, hoje, apreciar amplamente a idéia de conflito e de desarmonia e demonstrar a absoluta inutilidade de ocupar-se a mente com a procura de solução para qualquer conflito, porque a mera busca de solução não terá a virtude de desfazer o conflito. Quando buscais uma solução, uma maneira de dissolver o conflito, estais apenas procurando sobrepor-lhe ou substituir-lhe uma nova série de idéias, uma nova série de teorias, ou estais tentando evitá-lo de todo. Quando desejamos uma solução para nosso conflito, é isso o que procuramos.

Observando bem, percebereis que, quando se verifica conflito, imediatamente procurais solucioná-lo. Desejais encontrar uma saída dêsse conflito, e de ordinário a achais, realmente; mas o conflito ficou sem solução, porque vós o transferistes, simplesmente, passando para

um novo ambiente, com condições novas, as quais, por sua vez, produzirão novo conflito. Consideremos, pois, demoradamente, a idéia de conflito, de onde surge e o que podemos fazer em presença dêle.

Ora, todo conflito é resultado do ambiente, não é verdade? Expressando-o em outros têrmos: Que é o ambiente? Quando tendes consciência do ambiente? Sòmente quando vos chocais com êle e lhe opondes resistência. Nessas condições, se observardes e examinardes as vossas vidas, verificareis que há sempre conflito a desfigurá-las, deturpá-las, moldá-las; e a inteligência, que é a harmonia perfeita da mente e do coração, nada influi nas vossas vidas. Isto é, o ambiente está contìnuamente formando, moldando vossas vidas e vossas ações, e, naturalmente, dêsse contínuo desfigurar, moldar, formar, perverter, origina-se o conflito. Assim, pois, onde há êsse constante processo gerador de conflito, não pode haver compreensão. Todavia, supomos que, atravessando contínuos conflitos, atingiremos aquela compreensão, aquela abundância, aquela plenitude do êxtase. Mas, pela acumulação de conflitos jamais descobriremos a maneira de viver inteligentemente; só a descobriremos compreendendo o ambiente, o criador dos conflitos, e a mera substituição, isto é, a introdução de novas condições, não dará solução ao conflito.

Não obstante, se observardes, vereis que, sempre que há conflito, sempre procura a mente uma solução. E dizemos, então: "é efeito da hereditariedade, das condições econômicas, das circunstâncias anteriores" — ou afirmamos a nossa crença no "karma", na reincarnação, na evolução. Procuramos dêsse modo justificar o conflito atual em que se acha colhida a nossa mente, e não tentamos descobrir a sua causa, investigando o significado do ambiente.

O conflito, pois, só pode existir entre o ambiente — entendendo-se por ambiente as condições econômicas e sociais, o regime político, os nossos semelhantes — entre êsse ambiente e o seu resultado, o "eu". Só pode existir conflito enquanto houver reação a êsse ambiente gerador do "eu", da personalidade. A maioria dos indivíduos não está consciente dêsse conflito — o conflito entre o "eu", que é o resultado do ambiente, e o próprio ambiente; em verdade, mui poucos se dão conta dessa contínua batalha. Só se faz notar êsse conflito, essa desarmonia, essa luta entre o falso produto do ambiente, o "eu", e o próprio ambiente, pelo sofrimento. Não é assim? É só na crise aguda do sofrimento, da dor, da desarmonia, que nos tornamos conscientes do conflito.

Que acontece quando tomais conhecimento do conflito? Que acontece quando, sob o aguilhão do sofrimento, vos tornais plenamente

conscientes da batalha, da luta que se trava? A maioria quer socorro imediato, solução imediata. Quer abrigar-se dêsse sofrimento e encontra diferentes vias de fuga, tais sejam, como já ontem citei, as religiões, as excitações, as frivolidades, e as muitas outras saídas misteriosas que tendes criado, no desejo de abrigar-vos dessa luta. O sofrimento torna o indivíduo consciente dêsse conflito, mas não o conduz àquela abundância, àquela riqueza, àquela plenitude, àquele êxtase da vida, porque, em verdade, o sofrimento só tem o efeito de aguçar a mente. Mas esta, uma vez aguçada, põe-se a interrogar o ambiente, as condições, e nessa indagação está em atividade a inteligência; e é só a inteligência que pode conduzir o indivíduo à plenitude da vida e ao descobrimento do significado do sofrer. A inteligência entra em atividade na fase aguda do sofrimento, quando mente e coração já não buscam evadir-se, fugindo pelas diferentes passagens que tão engenhosamente soubestes preparar e que se vos afiguram tão razoáveis, tão concretas e reais. Se observardes atentamente, sem preconceito, vereis que, enquanto houver fuga, nenhuma solução podereis dar ao conflito, porquanto evitais olhá-lo de frente. Conseqüentemente, o vosso sofrimento nada mais é que a acumulação de ignorância. Quando desistirmos de fugir, de evadir-nos pelos

caminhos já sabidos, será então, no sofrimento mais intenso, que começará a exercitar-se a inteligência.

Excuso-me de apresentar-vos exemplos e comparações, pois desejo que penseis profundamente no assunto, e, se eu vos apresentar exemplos, estarei pensando no vosso lugar e sereis meros ouvintes. Mas, se começardes a meditar o que vos digo, vereis, observareis por vós mesmos, que a mente, habituada a sucessivas substituições, autoridades, fugas, nunca atinge aquêle grau supremo de sofrimento que exige o exercício da inteligência. E é sòmente com a inteligência em plena atividade que se pode efetuar a completa dissolução da causa do conflito.

Sempre que há falta de compreensão do ambiente, tem de haver conflito. O ambiente gera o conflito, e enquanto não compreendermos o ambiente, as condições externas, tudo o que nos cerca, e estivermos ocupados apenas em procurar substituições para essas condições, estaremos fugindo de um conflito e nos lançando noutro. Mas se naquele agudo sofrimento que nos revela um conflito, em tôda sua intensidade, começarmos a interrogar o ambiente, chegaremos a compreender o seu verdadeiro valor, visto que a inteligência assume então a sua atividade natural. Até agora a mente se tem identificado com o conflito, com o

ambiente, com evasões, e, portanto, com o sofrimento — dizeis "eu sofro". Mas naquele estado de agudo sofrimento em que já não é permissível a evasão, a mente se torna inteligência.

Expressando-o de outra maneira, mais uma vez: enquanto estivermos na busca de soluções, e substituições, e autoridades para alívio de nossos conflitos, há de haver identificação da mente com circunstâncias específicas. Mas, se atingir a mente aquêle estado de intenso sofrer em que ficam bloqueadas tôdas as saídas, ocorrerá, nesse momento, o despertar da inteligência, que entrará em atividade, natural e espontâneamente.

Tende a bondade de experimentar o que vos sugiro: Vereis que não estou propondo teorias, mas algo com que podereis exercitar-vos, algo de praticável. Tendes uns tantos ambientes, os quais vos foram impostos pela sociedade, pela religião, pelas condições econômicas, pelas distinções sociais, pela exploração e pelas opressões políticas. O "eu" nasceu dessa imposição, dessa compulsão. Existe em vós o "eu", que se opõe ao ambiente, daí resultando conflito. Nada adianta criar-se um novo ambiente, porque continua a existir a mesma coisa. Mas, se nesse conflito houver aflição e sofrimento, vivamente sentidos — e em todo conflito há sofrimento, mas preferimos fugir des-

sa luta e buscamos, por isso, substitutos — e nessa agudez do sofrimento desistirdes de procurar substitutos e olhardes de frente os fatos, vereis que a mente, que é a plenitude da inteligência, começará a descobrir o verdadeiro valor do ambiente, e assistireis, aí, à sua libertação do conflito. É na própria agudez do sofrimento que se encontra a sua dissolução. É, pois, aí que está a compreensão da causa do conflito.

Cumpre igualmente ponderar que o que chamamos acumulação de sofrimentos não nos leva a sofrer com intensidade; nem tão pouco resulta da multiplicação do sofrimento a sua dissolução. Porque o aguçamento da mente pelo sofrer só se verifica depois de haver a mente cessado de evadir-se. Pois, enquanto estiver interessada na fuga, não haverá conflito que desperte aquêle sofrer intenso, porquanto na fuga não há compreensão.

Resumindo mais uma vez antes de passar a responder às perguntas que me foram apresentadas: Primeiramente, todos nós estamos colhidos nas malhas do sofrimento e do conflito, mas a maioria dos indivíduos não está consciente dêsse conflito porque vive a procurar substituições, soluções e refúgios. Se, entretanto, deixarem de procurar refúgio e começarem a interrogar o ambiente, que é a causa do conflito, tornar-se-á, então, a mente pe-

netrante, ativa, inteligente. Nessa intensidade a mente se torna inteligência e capaz, portanto, de discernir o exato valor e significado do ambiente, causador do conflito.

Ouso acreditar que a metade dos que me ouvem não me estão compreendendo, mas não importa. O que podereis fazer, se vos aprouver, é meditar as minhas palavras, para verificar se correspondem, ou não, à verdade. Mas meditar não deverá significar intelectualizar o assunto, isto é, acomodar-se numa poltrona e fazê-lo evaporar-se através do intelecto. Para descobrirdes se é verdade o que vos digo, deveis de o pôr em prática, e para o pordes em prática, cumpre interrogardes o ambiente. Isto é, se estiverdes em conflito, é claro que deveis interrogar o ambiente, mas a mente da maioria já de tal modo se desvirtuou que não percebe que está à cata de soluções e meios de fuga, com suas maravilhosas teorias. É perfeito o seu raciocinar, porém baseado, embora inconscientemente, no desejo de fuga.

Se há, pois, conflito e desejais descobrir-lhe a causa, deixai que a mente a descubra pela intensidade do pensamento e, portanto, interrogando tudo o que o ambiente põe em tôrno de vós — vossa família, vossos semelhantes, vossas religiões, vossas autoridades políticas; no interrogar haverá ação contra o ambiente. Tendes a família, o semelhante, o Estado, e,

interrogando o significado dessas coisas, vereis como é espontânea a inteligência, que ela não é coisa que se adquira ou cultive. Lançada a semente do percebimento, nasce a flor da inteligência.

P e r g u n t a : *Dizeis que o "eu" é o produto do ambiente. Sois de parecer que seria possível criar-se um ambiente perfeito, no qual não se desenvolvesse êsse estado consciente chamado "eu"? Se assim é, a perfeita liberdade de que falais depende da criação do ambiente justo. É exato isso?*

VOZES DO AUDITÓRIO: "Não"!

K r i s h n a m u r t i : Um momento. É possível haver um ambiente justo, perfeito? Não. Aquêles que responderam negativamente por certo não pensaram a fundo na questão. Vamos, pois, raciocinar juntos, entrar em cheio no assunto.

Que é o ambiente? O ambiente é coisa criada. Tôda essa estrutura humana foi criada, pelos temores, pelos anseios, esperanças, desejos, realizações, dos homens. Ora, não se pode criar um ambiente perfeito porque cada indivíduo cria, de acôrdo com seus caprichos e desejos, novas séries de condições; mas, com uma mente inteligente, podeis penetrar todos êsses

ambientes falsos e ficar livres da consciência do "eu". Pois não é verdade que a consciência do "eu", o sentimento do "eu", é o resultado do ambiente? Não acho necessário raciocinarmos mais a respeito dêsse ponto, já bastante claro.

Se o Estado vos desse casa e tudo o mais de que necessitásseis, não haveria motivo da expressão "minha" casa — talvez houvesse outro sentido de "meu", mas estamos apreciando circunstâncias específicas. Como entretanto assim não aconteceu, existe o sentimento de "meu", de posse. Isso é resultado do ambiente; aquêle "eu" é uma falsa reação ao ambiente. Se, entretanto, começar a mente a interrogar o próprio ambiente, desaparecerá essa reação. Não nos interessa, pois, a possibilidade de existir, em algum tempo, um ambiente perfeito.

Mas, que vem a ser ambiente perfeito? Cada homem vos dirá o que é, para êle, o ambiente perfeito: o artista dirá uma coisa, o financista outra, a estrêla cinematográfica outra. Cada indivíduo pede um ambiente perfeito, que o satisfaça, isto é, que não lhe traga conflito. Conseqüentemente, não pode existir ambiente perfeito. Mas, havendo compreensão, perde o ambiente todo valor e significado porque, nesse caso, a inteligência, libertada das circunstâncias, funciona plenamente.

A questão, pois, não é de sabermos se se pode criar um ambiente perfeito, porém, antes, de sabermos despertar aquela compreensão que esteja livre do ambiente, seja êle imperfeito ou perfeito. Afirmo que podeis despertar essa compreensão, investigando o verdadeiro valor de qualquer ambiente em que esteja colhida a vossa mente. Vereis então que estareis livres de qualquer ambiente que seja, porquanto o vosso proceder se baseará na compreensão, uma vez que estareis sendo deformados, pervertidos, moldados pelo ambiente.

Pergunta: Não é possível que expresse vossa convicção o que vossas palavras parecem significar. Quando vejo o vício a alastrar-se pelo mundo, sinto um forte impulso a lutar contra êle e todos os sofrimentos que origina nas vidas de meus semelhantes. Significa isso tremendo conflito, porque, quando tento socorrer, encontro, muitas vêzes, violenta oposição. Como então podeis afirmar que não existe conflito entre o falso e o verdadeiro?

Krishnamurti: Disse-vos, ontem, que só pode haver luta entre duas coisas falsas, que só pode haver conflito entre o ambiente e o resultado do ambiente, o "eu". Pois bem. Entre êsses dois existem inúmeras vias de eva-

são, denominadas vício, caridade, moralidade, padrões morais, temores, e todos os numerosos opostos; e a luta só pode existir entre os dois, entre a falsa criação do ambiente, o "eu", e o próprio ambiente. Mas não é possível luta entre a verdade e o que é falso. Isso é óbvio, pois não? Podeis encontrar violenta oposição, devida à ignorância de vosso adversário. Não digo que não devais lutar, mas também não digo que seja lícito lutar. Há uma maneira natural, uma maneira espontânea e suave de fazer as coisas que julgamos justas, sem o recurso à agressividade e à violência.

Primeiramente, antes de lutar, deveis saber contra que ides lutar. É necessária, portanto, compreensão da realidade profunda, e não das desarmonias entre as coisas falsas. Mas é tão viva a nossa percepção das desarmonias entre as coisas falsas, entre o resultado e o ambiente, que lutamos contra elas, e daí o desejo de reformar, modificar, alterar, sem entretanto fazermos algo que modifique fundamentalmente a estrutura da vida humana. Isto é, queremos que subsista a consciência do "eu", que é a falsa reação ao ambiente; queremos preservar essa coisa e ao mesmo tempo reformar o mundo. Por outras palavras: quereis continuar na posse de vosso livro de cheques, vossas propriedades, quereis preservar o sentimento do "meu" e ao mesmo tempo desejais reformar o

mundo por maneira que deixe de existir essa idéia de "meu" e "vosso".

Assim, pois, o que nos cumpre fazer é verificar se temos que ver com o profundo ou apenas com o superficial. E, a meu juízo, existirá o superficial enquanto vos preocupardes apenas com a reforma do ambiente, para aliviar o conflito. Isto é, quereis continuar apegados à consciência do "eu", como "minha" consciência, e entretanto desejais alterar as circunstâncias por forma que não criem conflito naquele "eu". A isso eu chamo pensar superficialmente, do que resulta, por fôrça, ação superficial. Entretanto, se pensardes profundamente, isto é, interrogando o próprio resultado do ambiente, que é o "eu", e conseqüentemente interrogando também o próprio ambiente, procedereis fundamentalmente e, portanto, duradouramente. E há nisso um enlêvo, um deleite que não conheceis agora, porque receais proceder fundamentalmente.

Pergunta: Em vossa palestra de ontem falastes do ambiente como movimento do falso. Incluís no ambiente tôdas as criaturas da natureza, inclusive as formas humanas?

Krishnamurti: O ambiente não se modifica constantemente? Sim ou não? Para a maioria das pessoas o ambiente não muda,

porque tôda mudança implica contínua adaptação e, portanto, contínua vigilância da mente, e a maioria se interessa apenas pelas condições estáticas do ambiente. Mas o ambiente movese, porque não o podeis controlar, e será falso enquanto não compreenderdes o seu significado.

"O ambiente inclui as formas humanas?" Porque separá-las da natureza? Não nos interessa tanto a natureza, porque quase já a temos sob nosso contrôle, mas ainda não compreendemos o ambiente criado pelos entes humanos. Considerai as relações entre os povos, entre os sêres humanos, considerai tôdas as condições criadas pela humanidade, que ainda não compreendemos, embora já tenhamos considerável compreensão e domínio da natureza através da ciência.

Assim, pois, não nos preocupa muito a estabilidade, a continuação de um ambiente que já compreendemos, porque, no momento que compreendemos, cessa o conflito. Mas nós buscamos segurança, emocional e mental, e, como nos sentimos felizes enquanto temos garantida essa segurança, não interrogamos o ambiente e, por isso, essa coisa falsa e em constante movimento, que é o ambiente, traz continuamente novas perturbações a cada indivíduo. Enquanto houver conflito, indicará êle falta de compreensão das condições que nos cercam; e per-

manecerá falso êsse movimento do ambiente, enquanto não inquirirmos o seu significado, e êste só poderemos descobrir naquele estado de intensa consciência do sofrimento.

P e r g u n t a : *Está perfeitamente claro para mim que a consciência do "eu" é o resultado do ambiente. Mas, não vos lembrais, porventura, que o "eu" não surgiu pela primeira vez na vida presente? Do que dizeis se depreende, claramente, que a consciência do "eu", como resultado do ambiente, deve ter começado a existir no remoto passado e continuará a existir no futuro.*

Kr i s h n a m u r t i : Vejo que esta pergunta se destina a enredar-me na questão da reincarnação. Mas, não importa. Examinemo-la.

Primeiramente, deveis admitir, pensando bem, que o "eu" é o resultado do ambiente. Ora, a mim pouco importa que se trate do ambiente passado ou do ambiente presente. Afinal de contas, o ambiente é também coisa do passado. Se fizestes uma coisa que não compreendestes, se ontem fizestes uma coisa que não compreendestes, essa coisa vos perseguirá até que a compreendais. Não podeis dissolver êsse ambiente do passado, enquanto não viverdes com plena consciência, no presente. Não importa, pois, saber se a mente se debilitou pelas condições

passadas ou pelas atuais. O que importa é que compreendais o ambiente e só isso poderá libertar vossa mente do conflito.

Há quem creia que o "eu" se originou no passado remoto e continuará a existir no futuro. Isso, para mim, carece de importância e sentido. Já vos digo porque. Se o "eu" é o resultado do ambiente, se o "eu" é a verdadeira essência do conflito, deve então a mente interessar-se não por essa entidade continuadora do conflito, mas pela própria libertação do conflito. Não importa, pois, que seja o ambiente passado que está debilitando a mente, ou que seja o atual que a está pervertendo, ou que o "eu" se tenha originado no passado remoto. O que importa é que naquele estado de sofrimento, naquela consciência, naquele sofrimento intensamente sentido, haja a dissolução do "eu".

Sugere isso a idéia de "karma". Sabeis o que ela significa: que arcais com um fardo, o fardo do passado, no presente. Isto é, trazeis para o presente o ambiente do passado, e, porque levais êsse fardo, influenciais também o futuro, moldais também o futuro. Se refletirdes sôbre isso, vereis que tem de ser assim, porque, se vossa mente está pervertida pelo passado, o futuro forçosamente será também desfigurado; porque, se não compreendestes o ambiente de ontem, êle se estende necessàriamen-

te ao dia de hoje; e, conseqüentemente, como não compreendeis o dia de hoje, é claro que não compreendereis, tão pouco, o de amanhã. Isto é, se não tiverdes percebido o exato sentido de um ambiente ou de uma ação, perverte-se o vosso julgamento do ambiente de hoje, da ação de hoje, nascida do ambiente, a qual de novo vos perverterá amanhã. Vê-se, assim, o indivíduo colhido num círculo vicioso e daí a idéia de contínuo renascimento, renascimento da memória, ou renascimento da mente continuada pelo ambiente.

Mas, afirmo que a mente pode ficar livre do passado, do ambiente do passado, dos obstáculos do passado, e que, conseqüentemente, podereis ficar livres do futuro, porque vivereis, então, no presente, dinâmicamente, intensamente, supremamente. No presente está a eternidade, e para tal compreender deve estar a mente liberta da carga do passado; e para alcançar essa libertação, requer-se intensa investigação do presente, não a preocupação sôbre como subsistirá o "eu" no futuro.

III

Limitar-me-ei hoje a responder a perguntas.

P e r g u n t a : *Qual é a diferença entre autodisciplina e refreamento?*

K r i s h n a m u r t i : Não vejo grande diferença entre essas duas coisas, porque são ambas a negação da inteligência. Refreamento é a forma grosseira da autodisciplina, mais sutil, porém, também repressão. Isto é, tanto refreamento como autodisciplina representam meras adaptações ao ambiente. O primeiro é a forma grosseira da adaptação, e a segunda, a autodisciplina, a forma sutil. Baseiam-se, um e outra, no temor: o refreamento, num temor evidente; a autodisciplina, no temor que acompanha o desejo de ganho.

A autodisciplina — o que chamais autodisciplina — é meramente a adaptação a um ambiente que não compreendemos claramente; por conseqüência, nessa adaptação tem de ha-

ver negação da compreensão. Por que disciplinar-se o indivíduo? Por que nos disciplinamos, obrigando-nos a nos moldar de acôrdo com determinado padrão? Por que há tantas pessoas filiadas às várias escolas de disciplina, as quais, supostamente, conduzem à espiritualidade, compreensão mais clara, e maior desdobramento do pensamento? Vereis que, quanto mais disciplinardes a mente, quanto mais a educardes, maiores se tornam as suas limitações. Deve o indivíduo ponderar essas coisas com muito cuidado e apurada percepção, para não se confundir, introduzindo outras questões. Estou aqui empregando a palavra autodisciplina no sentido que tem na pergunta, isto é, o disciplinar-se um indivíduo de acôrdo com determinado padrão, preconcebido ou preestabelecido, e portanto com o desejo de consecução, de ganho. Para mim, entretanto, êsse processo mesmo da disciplina, êsse contínuo torcer do indivíduo para conformá-lo a um padrão preestabelecido, acabará por deformar a mente. A mente verdadeiramente inteligente está isenta de autodisciplina, porquanto a inteligência nasce da investigação do ambiente e da descoberta do seu verdadeiro sentido. Nessa descoberta está a verdadeira adaptação, não adaptação a determinado padrão ou condição, mas adaptação pelo entendimento, isenta, portanto, de condição.

Considerai o selvagem. Que faz êle? Nêle não existe disciplina, nem contrôle, nem refreamento. Êle faz o que deseja fazer. O homem inteligente também faz o que deseja, mas com inteligência. A inteligência não nasce da autodisciplina ou do refreamento. No primeiro exemplo, trata-se puramente da atividade instigada pelo desejo — o homem primitivo a perseguir o objeto que deseja. No segundo exemplo, o homem inteligente percebe a significação do desejo e percebe o conflito. O selvagem nada percebe, procura alcançar qualquer coisa que deseja e, com isso, cria sofrimento e dor. Em conclusão, pois, a meu ver, autodisciplina e refreamento são coisas idênticas, porque rejeitam ambas a inteligência.

Experimentai o que acabo de dizer-vos sôbre disciplina e autodisciplina. Não o rejeiteis, não digais que necessitais de autodisciplina porque, do contrário, reinará o caos no mundo. — Como se já não reinasse! — Por outro lado, não aceiteis prontamente o que vos digo, reconhecendo-o verdadeiro. Estou-vos transmitindo algo que eu próprio experimentei e verifiquei ser verdadeiro. Psicològicamente, acho-o verdadeiro, porque a autodisciplina sugere uma mente atada a determinado pensamento, crença ou ideal, tolhida por uma condição; e assim como um animal atado a uma estaca só pode afastar-se quanto lhe permita

o comprimento da corda, do mesmo modo a mente que se acha prêsa a uma crença, a mente pervertida pela autodisciplina, só pode mover-se dentro dos limites permitidos por essa condição. Essa mente, portanto, não é mente, em absoluto, porquanto está incapacitada para o pensamento. Será capaz, talvez, de adaptação entre os limites da estaca e do ponto extremo a seu alcance. Mas essa mente, êsse coração, não podem, em verdade, pensar e sentir, porque estão disciplinados, pervertidos, pela negação do pensamento e do afeto. Deveis, por isso, observar, perceber como funciona o vosso próprio pensamento, os vossos próprios sentimentos, sem o desejo de guiá-los num sentido determinado. Em primeiro lugar, antes de os guiardes, procurai saber como estão funcionando. Antes de tentardes modificar e alterar o pensamento e o sentimento, verificai a maneira de seu funcionamento, e, fazendo-o, vereis que estão contìnuamente a adaptar-se dentro dos limites estabelecidos por aquêle ponto fixado pelo desejo e a realização do desejo. No percebimento não há disciplina.

Permiti-me um exemplo. Suponhamos que tenhais o espírito de classe, a consciência de classe, isso que se chama *snobismo*. Não sabeis ainda se sois *snobs*, mas desejais descobrir se o sois. Como descobri-lo? Tornando-vos conscientes de vosso pensamento e vossas emoções.

Que acontece então? Suponhamos que descubrais que sois *snobs:* Nesse caso, essa mesma descoberta cria uma perturbação, um conflito, e êsse mesmo conflito dissolve o *snobismo.* Mas, se vos limitardes a disciplinar a mente para não ser *snob,* ireis desenvolver uma característica oposta à do *snob,* — e proceder deliberadamente, e portanto errôneamente, é por igual pernicioso.

Nessas condições, porque estabelecemos diferentes padrões, objetivos, expedientes, os quais, consciente ou inconscientemente, nos esforçamos continuamente por alcançar, disciplinamos nossas mentes e nossos corações na direção dos mesmos, o que implica necessàriamente contrôle e perversão. Mas, se entrardes a investigar as condições que geram conflito, despertando por êsse modo a inteligência, será então suprema essa inteligência e, como tal, estará em contínuo movimento, não apresentando um só ponto estático que possa gerar conflito.

Pergunta: Admitindo-se que seja o "eu" constituído de reações oriundas do ambiente, por que método poderemos fugir às suas limitações? Ou, como procedermos à reorientação, para evitarmos conflito entre as duas coisas falsas?

Krishnamurti: Em primeiro lugar, desejais saber o método de fugir das limitações. Por que? Por que o perguntais? Dizei-me, por que estais sempre a solicitar um método, um sistema? Que indica êsse desejo de método? Todo desejo de método denota o desejo de fuga. Pedis-me que delineie um sistema, para o observardes. Por outras palavras, quereis que seja inventado para vós um sistema, para o sobrepordes àquelas condições que estão gerando conflito, a fim de poderdes escapar de qualquer conflito. Isto é, procurais simplesmente adaptar-vos a um padrão, a fim de fugirdes ao conflito ou ao vosso ambiente. É êsse o desejo em que se baseia a busca de método, de sistema. Sabeis que a vida não é Pelmanismo (1). O desejo de método indica, essencialmente, o desejo de fuga.

"Como proceder à reorientação, para evitarmos conflito entre as duas coisas falsas?" Em primeiro lugar, estais consciente de vos achardes em conflito, antes de desejardes saber a maneira de fugir-lhe? Ou, consciente do conflito, buscais apenas um subterfúgio, um abrigo, onde não se criem novos conflitos? Vamos, pois, certificar-nos sôbre se desejais um abrigo, uma zona de segurança, que não mais produza conflito; ou se desejais fugir do presente conflito para ingressardes numa condição na qual não haja conflito; ou se estais

(1) Sistema de treinamento para desenvolver a memória, a fôrça de vontade, etc.
(Nota do tradutor).

inconsciente do conflito em que vos achais. Se não estais consciente do conflito, isto é, da batalha que se trava entre o "eu" e o ambiente, se não tendes conhecimento dessa batalha, porque, então, procurar outro remédio? Permanecei nesse desconhecimento. Deixai que as próprias condições produzam o conflito necessário, em vez de vos precipitardes num conflito, provocardes artificialmente, falsamente, um conflito que não existe nem na vossa mente nem no vosso coração. Se criais artificialmente um conflito, é porque receais perder alguma coisa. Mas a vida não se esquecerá de vós, não vos deixará perder nada. Se julgais o contrário, tendes alguma anomalia. Talvez sejais neurótico, anormal.

Se estais em conflito, não deveis pedir-me um método. Se eu vos desse um método, iríeis apenas disciplinar-vos de acôrdo com êsse método, procurando imitar um ideal, um padrão por mim estabelecido, com o que iríeis destruir a vossa própria inteligência. Mas, se tendes real consciência do conflito, com essa consciência se tornará agudo o sofrimento, e nessa agudeza, nessa intensidade, dissolver-se-á a causa do sofrimento, que é a falta de compreensão do ambiente.

Já perdemos totalmente o senso de viver normalmente, simplesmente, indissimuladamente. Para voltardes a essa normalidade, a essa

simplicidade, a essa lealdade, não deveis seguir métodos não deveis tornar-vos meros autômatos. Inclino-me a crer que a maioria de nós procura métodos por julgar que por meio dêles alcançará plenitude, estabilidade e permanência. Para mim, os métodos conduzem à estagnação e à deterioração, e nada têm que ver com a verdadeira espiritualidade, a qual é a plenitude da inteligência.

P e r g u n t a : *Falais da necessidade de uma radical revolução na vida do indivíduo. Se êle não desejar revolucionar o seu ambiente pessoal externo, por causa do sofrimento que acarretaria para a família e os amigos, poderá uma revolução interna conduzi-lo à libertação de qualquer conflito?*

K r i s h n a m u r t i : Primeiramente, senhores, não achais também necessária uma revolução radical na vida do indivíduo? Ou estais satisfeitos com as coisas tais como são, com vossas idéias de progresso e evolução, vossos desejos de realizações, vossos anseios e vossos prazeres precários? No momento em que começardes a pensar realmente, a sentir realmente, sereis empolgados dêsse ardente desejo de modificação profunda, revolução radical, completa reorientação do pensar. Pois bem. Se sentirdes necessária tal coisa, então, nem

família, nem amigos constituirão empecilhos. Porque, nesse caso, não haverá revolução externa nem revolução interna; haverá, simplesmente, revolução, modificação. Mas, se começais a estabelecer restrições, dizendo: "não devo magoar minha família, meus amigos, meu pároco, meu explorador capitalista ou meu explorador político" — não vêdes então a necessidade de mudança radical e apeteceis apenas mudança de ambiente. Isso é evidente letargia, a qual criará outro ambiente falso, fazendo continuar o conflito.

Parece-me um tanto falaz o pretexto de não devermos magoar nossas famílias e amigos. Por certo, quando desejais fazer algo de capital importância, vós o fazeis, sem considerações de família nem de amigos, não é verdade? Não receais, então, prejudicá-los. Isso já não está sob vosso contrôle: sentis tão intensamente, pensais tão completamente, que sois transportados para fora das limitações dos círculos de família, das obrigações de qualquer classe. Mas só começais a levar em conta a família, os amigos, os ideais, as crenças, as tradições, a ordem estabelecida — só começais a tomá-los em consideração quando ainda vos apegais a uma determinada segurança, quando vos falta aquela riqueza interior de que vos falei há pouco, e, em lugar dela, existe apenas a dependência de estímulos exteriores. Assim, pois, se existe ple-

na consciência do sofrimento, despertada pelo conflito, não estais, então, tolhidos pelos vínculos de qualquer ortodoxia, amigos ou família: quereis achar a causa do sofrimento, quereis descobrir o significado do ambiente que cria êsse conflito; apagou-se a personalidade, desapareceu a idéia limitada do "eu". É sòmente quando vos apegais a essa idéia limitada do "eu", que sois obrigados a considerar até onde vos podeis transportar e até onde não deveis ir.

Certo, não se pode encontrar a verdade, ou essa faculdade divina da compreensão, enquanto estivermos apegados à família, à tradição, ou ao hábito. Ela só poderá encontrar-se quando estiverdes em plena nudez, despidos de vossos desejos, esperanças e cautelas. Nessa simplicidade direta está a riqueza da vida.

Pergunta: Podeis explicar por que razão o ambiente começou a existir como coisa falsa, em vez de verdadeira? Qual a origem de tôda essa desordem e inquietação?

Krishnamurti: Quem julgais haver criado o ambiente? Alguma divindade misteriosa? Um momento, por favor: Quem criou o ambiente, a estrutura social, a estrutura econômica e religiosa? Nós mesmos. Cada um contribuiu para a sua formação, individualmente,

até se tornar coisa coletiva, e o indivíduo, que cooperou para a criação do coletivo, vê-se agora perdido nesse mesmo coletivo, que se tornou o seu molde, o seu ambiente. Pelo desejo de segurança financeira, moral e espiritual, tendes criado um ambiente capitalista, no qual existem nacionalidades, distinções de classe e exploração. Fomos nós que criamos isso. Vós e eu. Essa coisa não surgiu miraculosamente para a existência. E voltareis a criar outro sistema capitalista, aquisitivo, com uma ligeira diferença de matiz, de côr, enquanto viverdes na busca de segurança. Podereis abolir o padrão atual, mas, enquanto houver amor à posse, criareis outros estados capitalistas, com novas fraseologias, novos jargões.

O mesmo se pode dizer das religiões, com suas absurdas cerimônias, suas explorações e temores. Quem as criou? Vós e eu. Pelos séculos em fora, vimos criando essas coisas e nos submetendo a elas pelo temor. Foi o indivíduo quem criou o ambiente falso, por tôda a parte e se fêz escravo dêle. E dessa condição falsa resultou uma falsa busca de segurança para aquêle estado consciente que chamamos "eu", e daí a batalha sem trégua entre o "eu" e o ambiente falso.

Desejais saber quem criou êsse ambiente e tôda essa horrível confusão e inquietação, porque desejais um redentor que vos erga para

fora dessa inquietação e vos ponha num novo céu. Apegados a todos os vossos preconceitos, esperanças, temores e preferências, vós criastes, individualmente, êsse ambiente, e por isso o deveis quebrar individualmente, sem esperar o advento de um sistema que o varra da face da terra. Um novo sistema *virá*, sem dúvida, que varrerá o ambiente atual, mas passareis a escravos dessoutro sistema. O sistema comunista poderá implantar-se, e, quando isso acontecer, usareis provàvelmente uma nova terminologia, mas continuarão as mesmas as vossas reações, com diferença apenas de maneira e de ritmo.

Eis a razão por que há dias eu vos dizia que, se o ambiente vos impele a uma determinada ação, essa ação já não é justa. Justa é sòmente a ação nascida da compreensão do ambiente.

Assim, pois, individualmente, devemos tornar-nos cônscientes. Asseguro-vos que criareis, então, individualmente, algo grandioso, não uma sociedade aderente a um ideal, e portanto em decomposição, mas uma sociedade em movimento constante, que jamais atingirá uma culminância para depois morrer. Os indivíduos estabelecem um objetivo, lutam por alcançá-lo, e depois de o alcançarem tombam extenuados. Estão sempre tentando alcançar uma determinada meta e permanecer no nível a que se ergueram. Qual o indivíduo, tal o Estado. O Es-

tado acha-se continuamente empenhado em alcançar um ideal, um objetivo. Mas, para mim, deve o indivíduo viver em movimento constante, recriando-se continuamente, nunca mirando culminâncias, nem perseguindo objetivos. Então, a expressão individual, que é a sociedade, estará, perenemente, em movimento constante.

P e r g u n t a : *Julgais que "karma" é a ação recíproca entre o ambiente falso e o falso "eu"?*

K r i s h n a m u r t i : "Karma" é uma palavra sânscrita, que significa praticar, fazer, obrar, implicando também causa e efeito. Ora, "karma" é escravidão, é reação nascida do ambiente que a mente não compreendeu. Como ontem tentei explicar, se não compreendemos uma determinada condição, a mente fica naturalmente gravada com essa condição, com essa falta de compreensão. E com essa falta de compreensão nós obramos e agimos, criando assim novos fardos, limitações maiores.

Torna-se, pois, necessário descobrir-se o que gera essa falta de compreensão, o que impede o indivíduo de perceber o exato significado do ambiente, quer se trate de ambiente passado, quer se trate do atual. E para descobrir êsse significado, é necessário que a mente

esteja de todo isenta de preconceito. É coisa das mais difíceis ficarmos inteiramente livres de uma propensão, de um temperamento, de uma deformação e, para encararmos o ambiente com renovada simplicidade e lealdade, necessita-se um elevado grau de percepção.

A maioria dos espíritos está sob a influência da vaidade, do desejo de causar impressão em outros, com ser alguém; ou do desejo de alcançar a verdade, ou fugir do ambiente, ou expandir a própria consciência (a que dão, entretanto, um nome espiritual especial), ou sob a influência de preconceitos nacionalistas. Êsses desejos, todos, impedem a mente de perceber diretamente o verdadeiro valor do ambiente; e como a maioria dos indivíduos está dominada por preconceitos, a primeira coisa de que deve tornar-se consciente o indivíduo são as próprias limitações. E, quando começamos a tornar-nos conscientes delas, essa consciência nos traz conflito. Quando verificamos que somos, com efeito, brutalmente orgulhosos e presunçosos, começa a presunção, pela própria consciência que dela temos, a dissipar-se, porquanto percebemos, então, quanto é absurda. Mas, se tentardes encobri-la, ela criará novos males, novas reações falsas.

Dessarte, para vivermos cada momento num eterno presente, sem o fardo do passado nem do presente, sem essa lembrança deformadora

gerada pela falta de compreensão, deve a mente enfrentar as coisas de maneira original, i.e., prescindindo da tradição. É fatal enfrentar a vida com o fardo da certeza, com a presunção do saber, porque, afinal, o saber é mera coisa do passado. Assim, pois, procedendo com originalidade, em todos os encontros com a vida, sabereis o que é viver sem conflito, êsse continuado e extenuante esfôrço. Navegareis então longas distâncias pelos mares da vida.

IV

Responderei primeiramente a algumas das perguntas que me foram feitas, concluindo com uma breve palestra.

Pergunta: A intuição compreende a experiência passada e mais alguma coisa, ou sòmente a experiência passada?

Krishnamurti: Para mim, intuição é inteligência, e inteligência não é a experiência do passado, mas a compreensão dessa experiência. Vou daqui a momentos falar sôbre a idéia de experiência passada, memória, inteligência e mente, mas responderei agora a êste ponto especial: se a intuição é nascida do passado.

Para mim, o passado é uma carga, e representa apenas lacunas na compreensão. Se de fato basceardes a vossa ação no passado, no que se convencionou chamar intuição, isso fatalmente vos desnorteará. Mas, se houver ação

espontânea no presente, nesse presente em contínuo movimento, nela haverá inteligência, e esa inteligência é intuição. A inteligência não pode separar-se da intuição. A maioria se apraz em separar a intuição da inteligência, porque a intuição lhes proporciona certa segurança e esperança. Muitas pessoas dizem proceder "por intuição", o que quer dizer proceder sem a razão, sem profundeza de pensamento. Muitos aceitam uma teoria, uma idéia, que sua "intuição" lhes diz ser verdadeira. Não se funda na razão tal proceder. Êles aceitam tal teoria ou tal idéia, porque ela lhes traz alguma solução ou confôrto. Não é a razão que funciona: são as próprias esperanças e anseios dêsses indivíduos, que orientam as suas mentes. Mas a inteligência está separada do ambiente e se funda, portanto, na razão e no pensamento.

P e r g u n t a : *Como posso agir livremente e sem auto-repressão, quando sei que minha ação deverá magoar os que amo? Num caso dêsses, de que maneira podemos reconhecer a ação justa?*

K r i s h n a m u r t i : Creio haver respondido a essa pergunta, há dias, mas como é possível que não estivesse presente o seu autor, responderei de novo a ela. O característico da ação justa é a espontaneidade, mas pro-

ceder espontâneamente é revelar profunda inteligência. A maioria dos indivíduos têm sòmente reações, desvirtuadas, desfiguradas, sufocadas, pela falta de inteligência. Quando opera a inteligência, é espontânea a ação.

Deseja também saber o interrogante como poderá proceder livremente e sem refreamento, quando saiba que sua ação deverá magoar os que ama. Ora, amar é ser livre. No amor, são livres ambas as partes. Se existe a possibilidade de sofrimento, não se trata então de amor, mas, sim, puramente, de uma forma sutil do instinto de posse, do instinto de aquisição. Se amais, se realmente amais alguém, não há possibilidade de lhe causardes dor, fazendo algo que julgueis justo. É sòmente quando queremos levar a pessoa amada a fazer o que desejamos, ou esta nos quer levar a fazer o que ela deseja, é sòmente então que existe dor. Isto é, amais a posse. Com ela vos sentis abrigados, seguros, confortáveis. Embora saibais transitório êsse confôrto, buscais abrigo nêle, na sua transitoriedade. Tôda luta em busca de confôrto, incitamento, denuncia falta de riqueza interior, e, por conseguinte, cada ação incompatível com um dos amantes, cria-lhe na mente perturbação, dor e sofrimento. Assim, um dos amantes tem de reprimir o que realmente sente, a fim de ajustar-se ao outro. Em suma, essa constante repressão, ocasiona-

da por isso que chamam amor, destrói os dois indivíduos. Em tal amor não existe liberdade; êle é apenas uma forma sutil de escravidão. Quando sentis ardentemente a necessidade de fazer uma coisa, vós a fazeis, às vêzes com astúcia e sutileza, mas a fazeis de qualquer maneira. Existe sempre êsse impulso a operar, a agir independentemente.

P e r g u n t a : *Estou certo em acreditar que tôdas as condições e ambientes serão justos para a mente verdadeiramente inteligente? Não é questão de saber apreciar a arte no desenho?*

K r i s h n a m u r t i : À mente inteligente o ambiente confia o seu significado. Por isso, essa mente inteligente é senhora do ambiente, está liberta do ambiente, não está por êle condicionada. Que é que condiciona a mente? É a falta de compreensão. Não o achais? Não é o ambiente. Êste não limita a mente. O que a limita é a falta de compreensão de uma dada condição.

Quando há inteligência, não é a mente condicionada por ambiente nenhum, porque ela está sempre consciente, desperta e ativa, e, portanto, discernindo, percebendo o exato valor do ambiente. Só pode condicionar-se ao ambiente a mente letárgica e indolente, a qual

procura fugir à condição mesma. Embora, em tal estado, seja a mente capaz de pensar, não é perfeito o seu funcionamento, porque pensa apenas dentro do limitado círculo da condição, e isso, para mim, não é pensar completamente.

Nessas condições, o que cria a inteligência, o que desperta a inteligência é a percepção dos valores genuínos, e como a mente está deformada por tantos valores impostos pela tradição, é preciso estarmos livres dessas experiências do passado, dessas cargas do passado, para podermos compreender o ambiente atual. A batalha é, portanto, entre o passado e o presente. A luta se trava entre êsse "background", i.e. a tradição, enriquecida através dos séculos, e as circunstâncias sempre cambiantes do presente. Ora, uma mente obnubilada pelo passado não pode compreender essas céleres modificações do ambiente. Em outros têrmos: para compreender o presente, cumpre estar a mente soberanamente livre do passado; isto é, deve ter uma espontânea apreciação de valores no presente. Tratarei disso mais adiante.

"Não é questão de apreciar a arte no desenho?" De certo. Isto é, no desenho das circunstâncias, no padrão do ambiente, deve a mente perceber o valor sutil, sempre tão oculto e delicado. E para perceber essa sutileza, essa delicadeza, requer-se uma mente ágil, flexível, penetrante, não onerada pelos valores do passado.

Pergunta: Parecem as vossas palavras sugerir a idéia de que a libertação é um objetivo, uma culminância. Qual a diferença, nesse caso, entre o esfôrço para alcançar-se a libertação, e o esfôrço para alcançar-se qualquer outra culminância? Já nos foi dito que é errônea a idéia de um fim, um objetivo, uma culminância. A não considerarmos a libertação por essa maneira, como devemos então considerá-la?

Krishnamurti: Inclino-me a crer que o consulente não tem ouvido as minhas palestras. Talvez tenha lido minhas obras mais antigas, que lhe inspiraram tal pergunta.

Pois bem. A mente procura uma culminância, um objetivo, um fim, porque deseja estar certa, segura. Varrei da mente tôdas as certezas e seguranças, que são formas sutis de auto-exaltação ou do desejo de perpetuação própria; varrei tudo isso da mente, desnudai-a de todo, e vereis que ela volta a lutar pela própria segurança, por um abrigo, porque nesse abrigo ela pode julgar, pode funcionar, pode agir em segurança, tal como o animal atado a uma estaca.

Como já disse, a libertação não é um fim, não é um alvo; é a compreensão dos verdadeiros valores, dos valores eternos. A inteligência se recria perenemente, não tem objetivo

nem finalidade. No desejo de alcançar uma altura, existe um sutil anseio de perpetuação própria, continuação glorificada do "eu" pessoal; e todo esfôrço, tôda luta para alcançar a libertação, significa fuga do presente. Essa plenitude da compreensão, que é a libertação, não deve ser entendida como coisa que se adquire pelo esfôrço. Todo esfôrço denota desejo de adquirir, conquistar alguma coisa. Mas a libertação não é coisa que se conquiste; a verdade não é adquirível. Dessarte, onde existe desejo de libertação, de culminância, de consecução, existe também, infalìvelmente, esfôrço para sustentar, preservar, perpetuar aquela consciência que chamamos "eu". A essência mesma do "eu" é um esfôrço por atingir uma culminância, porque êle vive numa série de movimentos da memória e se dirige para um alvo.

"Mas, então, como havemos de considerar a libertação, se não fôr por essa maneira?" — Mas, por que havemos de considerá-la? Porque desejais a libertação? Será porque tenho estado a falar dela nestes últimos dez anos? Ou será porque desejais fugir das condições que vos cercam, ou porque desejais maior excitação, maior estímulo, maior preponderância intelectual? Porque desejais libertação? Dizeis, porventura: "Não sou feliz, e se encontrar a libertação encontrarei a felicidade; por-

que vivo em sofrimento, e se encontrar essa coisa diferente, desaparecerá o sofrimento". Se assim falais, estais simplesmente em busca de substituição.

A libertação não é coisa para "contemplar-se" por forma alguma. Ela nasce. Ela só começa a existir quando a mente já não procura fugir da condição em que se acha colhida, mas procura, antes, compreender o significado daquela condição que cria o conflito. Como não compreendeis a condição, o ambiente que gera o conflito, procurais uma idéia, uma culminância, um fim, um objetivo, dizendo para vós mesmos: — "Se eu compreender aquilo, desaparecerá isto", ou "Se eu obtiver aquilo, poderei sobrepô-lo a esta condição". E temos com isso, meramente, uma maneira sutil de fugir do presente. Todos os ideais, todos os credos, objetivos e culminâncias não são mais do que meras passagens por onde fugirmos do presente. Mas, pensando bem, vereis que, quanto mais perseguirdes um objetivo, um alvo, uma esperança, um ideal, tanto mais estareis onerando o futuro, porque estareis fugindo do presente e criando, conseqüentemente, limitação sôbre limitação, conflito sôbre conflito, pesar sôbre pesar.

P e r g u n t a : Há quem diga que sois de parecer que devemos tornar-nos livres agora,

enquanto nos é dada oportunidade, e que poderemos posteriormente tornar-nos mestres. Se havemos de tornar-nos mestres, porque não convém encaminharmos desde já nossos passos nesse sentido?

Krishnamurti: Existe agora uma oportunidade para vos tornardes livres? Que significais por oportunidade? De que maneira podeis tornar-vos livres agora? Por algum processo milagroso? E como vos tornareis mestres, mais tarde? Mas, que vem a ser "mestre", que vem a ser "libertação"? Que significa o "ser mestre"? Se não significa libertação, não pode ser mestrado. Se a libertação não é a plenitude da inteligência, já agora, essa inteligência por certo não poderá ser adquirida mais tarde, em futuro remoto. Desejais, pois, libertar-vos agora e ser mestre depois? Seria interessante saber por que desejais agora a libertação. Acho que a libertação nenhum significado tem, quando nós *a desejamos.* E essa idéia de "tornar-se mestre" — será que o consulente imagina a vida como um exame, a que nos submetemos para receber um diploma, tornarnos alguma coisa? — essa idéia de "tornar-se mestre", "tornar-se livre", estou quase a acreditar que ela é inteiramente vazia de sentido para o autor da pergunta. Não percebeis que é só quando não desejais tornar-vos *alguma coi-*

sa, só quando viveis plenamente em cada dia, na riqueza de cada dia, que é só então que sabeis o que é mestrado, o que é libertação? O vosso desejar está criando, incessantemente, um futuro jamais atingível, e por essa razão viveis incompletamente no presente.

Nos últimos três dias tenho falado da mente e da inteligência. Ora, para mim não há separação entre mente e inteligência. A mente despida de tôdas as suas lembranças e óbices, funcionando espontâneamente, plenamente, a mente vigilante e perceptiva, cria a compreensão, e isso é inteligência, isso é enlêvo; isso, para mim, é imortalidade, atemporalidade (1). A inteligência é atemporalidade, e a inteligência é a própria mente. Essa inteligência é o real, é a mente mesma, da qual é inseparável. Essa inteligência é enlêvo, ela se cria perenemente e se move continuamente.

Mas a memória é apenas a bagagem dessa inteligência; a memória é independente dessa inteligência; a memória é a perpetuação daquela consciência do "eu", que é resultado do ambiente, dêsse ambiente cujo significado integral a mente não percebeu. Por isso, a memória entorpece, obvia a inteligência, essa inteligência que se renova perenemente, que se move incessantemente, que não está contida no

---

(1) Qualidade do que está fora do tempo.

tempo. A mente é inteligência, mas a memória se impôs à mente. Isto é, a memória, que é a consciência do "eu", identifica-se com a mente, e essa consciência do "eu" se interpõe, por assim dizer, entre a inteligência e a mente, dessarte dividindo-a, entorpecendo-a, obviando-a, pervertendo-a. Assim, pois, a memória, identificando-se com a mente, procura tornar-se inteligência, o que para mim é falso — se posso empregar aqui o têrmo "falso" — porquanto a mente é inteligência e a memória, pervertendo a mente, nubla a inteligência. Por essa razão parece a mente estar sempre à procura daquela inteligência atemporal, que é a mente mesma.

Mas que é a memória? Não é ela circunstância, experiência, temor, esperança, anseio, crença, idéia, preconceito e tradição, ação, realização, com tôdas as suas reações sutis e complexas? Tão logo exista temor, esperança, anseio, crença, idéia, preconceito, temperamento, tão logo se condiciona a mente, e êsse condicionamento gera a memória, a qual obscurece a claridade da mente, que é a inteligência. Essa memória rola pelo tempo, coagulando-se e solidificando-se até se tornar a consciência do "eu". Quando falais do "eu", é disso que falais. Êle é a cristalização, a solidificação das lembranças de vossas reações, que são as reações da experiência, das circunstâncias, crenças e ideais,

e depois de tornar-se uma massa sólida, essa memória, êsse "eu", identifica-se e confunde-se com a mente. Refleti, para vos convencerdes disso. A consciência da própria pessoa, ou essa consciência do individual, o "eu", nada mais é que o feixe da memória, e o tempo, apenas o campo em que ela pode operar e atuar. Nessas condições, essa sólida massa de reações não pode ser dissolvida, não pode dissolver a si mesma recuando no tempo, pela análise, a análise do passado, porque essa mesma retrospecção, essa análise do passado, é uma das peculiaridades da própria memória. Êsse prazer mórbido de reafirmar e renovar o passado no presente é a atividade constante, é o "metier" da memória, não é verdade? Não estou enunciando uma sutileza, nem conceito filosófico. Podeis verificá-lo, meditando um minuto, e verificareis ser isso verdadeiro. Existe essa massa de reações nascidas das condições, do ambiente, dos preconceitos, dos diferentes anseios, e o que mais seja — e por conseqüência existe essa coisa que chamamos "eu".

Acode-vos, em seguida, a idéia de que deveis dissolver o "eu", porque eu vos tenho falado dessa necessidade. Ou percebeis vós mesmos o absurdo e começais a desdobrar — começa a memória a desdobrar-se, regressivamente, para o passado, num processo de auto-análise. Mas, se atentardes para isso, reconhecereis

que a memória se está entregando a um prazer doentio em renovar o passado no presente. Do mesmo modo, o futuro da memória será maior solidificação, em virtude de novos desejos, novas acumulações de experiências e reações. Por outras palavras: o tempo é memória ou consciência do "eu". Não podeis resolver ou dissolver a consciência do "eu", recuando para o passado. O passado é mera acumulação de lembranças, e esquadrinhar o passado não é meio de dissolver aquela consciência no presente. Não podeis dissolvê-la projetando-vos no futuro — constituído de novas acumulações, novos desejos, novas reações e solidificações, que chamamos crenças, ideais e esperanças — êsse futuro ainda envolto nas dobras do tempo. Enquanto perdurar êsse processo da memória como equivalente de passado e futuro, nunca poderá a inteligência operar de modo completo e integral no presente.

A intuição, como em geral a entendem, baseia-se no passado, na anterior acumulação de lembranças, na anterior acumulação de experiências, que representam uma simples advertência a procedermos com cautela — ou em liberdade — no presente. Essa atemporalidade, repito-o, não é para mim um conceito filosófico, é uma realidade, e podereis ver essa realidade se experimentardes o que vos digo. Isto é, podereis vê-la, se não estiver entravada a

vossa mente pela acumulação do passado que chamais memória e que funciona e vos guia no presente, impedindo-vos o pleno uso da inteligência e, por conseqüência, de viver de maneira completa no presente.

Nessas condições, a liberdade, ou a verdade, ou Deus é o aliviar da mente, que ela própria é inteligência, do fardo da memória. Já vos expliquei que entendo por memória não a lembrança de fatos ou falsidades, mas a carga imposta à mente pela consciência do "eu", que é memória, e essa memória é a reação ao ambiente não compreendido. A imortalidade não é a perpetuação dessa consciência do "eu", mero resultado de um ambiente falso, mas a liberdade da mente, aliviada do fardo da memória.

V

Esta manhã, desejo falar do temor, que cria, que torna necessária a compulsão, a influência.

Ora, dividimos a mente em pensamento, razão, intelecto; mas, conforme já expliquei em minha última fala, a mente é, para mim, inteligência, inteligência que se cria, mas obscurecida pela memória; a mente, que é inteligência, está obnubilada pela memória e confundida com aquela consciência do "eu", resultado do ambiente. Torna-se, assim, a mente escravizada ao ambiente que ela própria criou pelo desejo, e por isso existe contìnuamente temor. A mente criou o ambiente, e, enquanto não compreendermos êsse ambiente, tem de existir o temor. Não aplicamos por inteiro o pensamento ao ambiente e não temos plena consciência dêle, e por essa razão torna-se a mente escravizada a êsse ambiente e em conseqüência disso existe o temor; e a compulsão é o instrumento do temor. Nessas condições, a falta de compreensão do ambiente é, naturalmente, oca-

sionada por aquela falta de inteligência, e porque não compreendemos o ambiente, cria-se em conseqüência o temor, e êste torna necessária a influência, externa ou interna.

E como se cria essa contínua compulsão, que se tornou o instrumento, o penetrante instrumento do temor? A memória obscurece a mente, e isso, já o disse repetidamente, é resultado da falta de compreensão do ambiente, a qual gera conflito, e a memória se torna consciência do "eu". Essa mente, obscurecida, limitada e confinada pela memória, busca a perpetuação do resultado do ambiente, que é o "eu"; dessarte, no empenho de perpetuar o "eu", procura a mente adaptação, alteração ou modificação do ambiente, seu progresso e expansão. A mente está de contínuo procurando adaptação ao ambiente; mas adaptação ao ambiente não traz compreensão, e também não é possível perceber o significado do ambiente mediante uma simples modificação das condições mentais ou pela tentativa de alterar ou expandir aquêle ambiente. Porque a mente vive em constante busca de proteção, torna-se obscurecida pela memória, estando esta já confundida, identificada com a consciência do "eu" — essa consciência individual que deseja perpetuar-se; por essa razão procura a mente alterar, adaptar, modificar o ambiente, ou, por outra, a mente procura tornar o "eu', segundo

pensa, imortal, universal e cósmico. Não é assim?

Nessas condições, buscando a imortalidade, deseja a mente, com efeito, a continuação dessa consciência do "eu", a perpetuação do ambiente. Isto é, enquanto estiver apegada à idéia da consciência do "eu", que é sòmente falta de compreensão do ambiente e, por conseqüência, da causa do conflito, estará a mente, nessa limitação, na busca da própria perpetuação, e essa perpetuação nós chamamos imortalidade, ou essa consciência cósmica, na qual subsiste o individual. Enquanto a mente, que é inteligência, estiver escravizada à memória, que é a consciência do "eu", haverá procura do falso para o falso. Êsse "eu", como já expliquei, é a falsa reação ao ambiente; existe uma causa falsa em perene busca de uma solução falsa, um falso efeito, um falso resultado. Assim, quando a mente, obscurecida pela memória, procura perpetuar-se como consciência individual, o que ela busca é uma imortalidade falsa, uma falsa expansão cósmica, ou como quer que o chameis.

Nesse processo de perpetuação do "eu", essa memória apegada à própria preservação, na perpetuação dêsse "eu" nasce o temor — não o temor superficial, mas o temor fundamental de que falarei mais adiante. Afaste-se êsse temor, que se manifesta exteriormente como na-

cionalidade, progresso, realização, sucesso — afaste-se êsse temor fundamental, êsse anseio de perpetuação do "eu", e cessarão todos os temores.

Existe, pois, o temor só enquanto existe o desejo de perpetuação dessa coisa falsa; êsse "eu" é falso, e conseqüentemente deveis sentir uma reação falsa, que é o temor. E onde existe temor, tem de existir disciplina, compulsão, influência, domínio, apetite de poder, o qual a mente glorifica como coisa virtuosa e divina. Mas, se refletirdes, haveis de perceber que onde existe inteligência não pode existir a ambição de poder.

Ora, tôda vida é moldada pelo conflito e, portanto, pela compulsão, pela imposição de mandamentos e peias, considerados por alguns como ornamentos de virtude e dignidade, por outros, como coisas perniciosas e malignas. Não é assim? Tais são as inibições que vos impusestes, em vossa busca de perpetuação livre de temores. Nessa busca criastes disciplinas, códigos e autoridades, e vossa vida é moldada, governada e formada pela compulsão, sob várias formas e gradações. Uns chamam essa compulsão virtuosa, outros maléfica.

Temos em primeiro lugar a compulsão exterior, que é a coerção do ambiente sôbre o indivíduo. O indivíduo comum, êsse que chamamos não evolvido, não espiritual, é governado

pelo ambiente, pelo ambiente exterior, isto é, a religião, os códigos de conduta, os padrões morais, a autoridade política e social; êle é escravo dessas coisas, porque tôdas elas têm suas raízes nas necessidades econômicas do indivíduo. Eliminai de todo as necessidades econômicas das quais o indivíduo depende, e vereis desaparecer os códigos de conduta, os padrões morais, os valores políticos, econômicos e sociais. Assim, pois, nessas inibições do ambiente exterior, que geram conflito entre o indivíduo e o mesmo ambiente exterior, que esmagam, deformam, contorcem o indivíduo, torna-se êste cada vez menos inteligente.

O indivíduo, sempre condicionado pelo ambiente exterior, moldado por determinadas regras, leis, reações, preceitos, padrões morais — quanto mais oprimido êle é, tanto menos inteligente se torna. Mas inteligência é compreensão do ambiente, percepção do seu significado sutil, isenta de tôda compulsão.

Essas restrições impostas ao indivíduo, as quais êle chama ambiente exterior, têm por expoentes os charlatães e os exploradores na religião, na moral popular, e na vida política e econômica do homem. Explorador é o indivíduo que se serve de vós, consciente ou inconsciente, e a quem, consciente ou inconscientemente, vos submeteis, por falta de compreensão. Vós vos tornais os explorados, econômica,

social, política, religiosamente; êle, o explorador. E é dêsse modo que a vida se torna uma escola, uma fôrma, uma fôrma de aço, cuja configuração o indivíduo é forçado a tomar, tornando-se em conseqüência uma simples máquina — um mero dente de máquina, privado do pensamento e rìgidamente limitado. Torna-se a vida uma luta contínua, uma batalha sem trégua, e foi assim que se firmou a falsa idéia de ser a vida uma série de lições que cumpre aprender, que cumpre assimilar, para que o indivíduo esteja prevenido e possa, amanhã, enfrentar de novo a vida, armado de suas idéias preconcebidas. Torna-se a vida, com efeito, uma escola, uma simples escola, e não uma coisa para ser vivida — com deleite, com enlêvo, com plenitude, sem temores.

O ambiente exterior força o indivíduo, comprime-o nessa fôrma de aço dos padrões de moral, das idéias religiosas, dos mandamentos morais, e, vendo-se esmagado pelo ambiente exterior, busca o indivíduo refúgio num mundo que êle chama interior. É natural que a mente, forçada, moldada, pervertida pelo ambiente exterior, empenhada externamente num conflito constante, numa batalha incessante, em contínuas adaptações falsas, afague esperanças de tranqüilidade e felicidade, num mundo diferente; e constrói assim o indivíduo um romântico pôrto de salvação, no qual busca com-

pensações para as privações e sofrimentos do mundo exterior.

Mas, senhores, eu já vos disse que aqui estais para investigar e para julgar, e não para objetar. Podeis objetar, depois de ponderardes mui cuidadosamente as minhas palavras. Podeis erguer barreiras, se o desejardes, mas averiguai antes o que estou procurando transmitir-vos, e para tal necessitais de critério apurado, vigilância e inteligência.

Como dizia, esmagado pelas circunstâncias exteriores, que geram sofrimento, e desejoso de fugir a essas circunstâncias exteriores, cria o indivíduo um mundo interior, começa a elaborar uma lei interior e estabelece as suas próprias restrições, as quais chama autodisciplina ou cooperação com o que êle aprendeu a denominar o seu "eu" superior.

A maioria dos indivíduos — dêsses que são chamados "espirituais" — lograram repelir a fôrça e a influência externas do ambiente, mas elaboraram uma lei interior, um padrão interior, uma disciplina interior, o que êles chamam baixar o "eu" superior ao inferior; isso, em outros têrmos, é mera substituição. Aí está o que é autodisciplina. E há também o que se chama a voz interior, de fôrça e influência muito superiores às do ambiente externo. Mas, afinal de contas, qual é a diferença entre uma coisa e outra — entre o "exterior" e o "inte-

rior". Ambos controlam, pervertem a mente, que é inteligência, com êsse desejo de perpetuação do "eu". E há, ainda, a chamada intuição, a qual significa meramente a livre realização de vossas esperanças e desejos secretos. Povoastes, assim, o mundo interior, o que chamais mundo interior, com essas coisas tôdas — autodisciplina, voz interior, intuição. Pensando bem, são tôdas elas formas sutis daquele mesmo conflito, transportadas para um mundo diferente, onde não existe entendimento, mas um mero moldar e ajustar a um ambiente mais sutil, ou, como diríeis, mais espiritual.

Assim como, no mundo exterior, alguns procuraram e encontraram distinções sociais, assim também, no mundo interior, êsses indivíduos chamados espirituais buscam sòmente — e geralmente encontram — os seus pares e os seus superiores espirituais. Outrossim, tal como existe, no mundo exterior, conflito entre os indivíduos, do mesmo modo se cria no mundo interior um conflito espiritual entre os ideais, os sucessos, e os correspondentes desejos. Aí está o que se criou.

No mundo exterior não há possibilidade de expressão para a mente, obscurecida que está pela memória; não há também para a consciência do "eu", porque o ambiente é muito forte, muito poderoso, esmagador: nêle, ou vos adap-

tais ao molde, ou vos despedaçais. Criais, assim, uma forma interior, uma forma mais sutil de ambiente, no qual, entretanot, se desenrola exatamente o mesmo processo. Êsse ambiente criado por vós é um refúgio no qual vos abrigais do ambiente externo, e, nêle, tendes também os vossos padrões, as vossas leis morais, vossas intuições, o "eu" superior, a voz interior — a que vos ajustais incessantemente. Eis um fato inegável.

Em essência, essas limitações que chamamos "o exterior" e "o interior", nascem do desejo, e por essa razão existe o temor; e do temor resulta inibição, compulsão, influência e ambição de poder — puras manifestações externas do temor. Onde existe temor, não existe inteligência, e enquanto não houvermos compreendido isso, tem de haver essa divisão na vida, isto é, "o exterior" e o "interior", e por conseguinte as nossas ações são necessàriamente influenciadas, forçadas, quer pelo "exterior", e portanto falsas, quer pelo "interior", o que também é falso, porquanto, no "interior" procurais também, meramente, ajustar-vos a determinados padrões de outra ordem.

Cria-se o temor quando o falso busca a própria perpetuação no ambiente falso. Mas que acontece com nossas ações, que são a nossa conduta diária, com nosso pensamento e nossas emoções — que lhes acontece?

A mente e o coração procuram amoldar-se ao ambiente, ao ambiente externo, mas, quando o não conseguem, por ser demasiado forte a compulsão, voltam-se para uma condição interior, na qual a mente e o coração buscam tranqüilidade e satisfação perfeitas. Ou, de todo satisfeitos com o próprio bom êxito, econômico, social, religioso ou político, voltam-se para o interior, no desejo de também aí ter bom êxito, ter sucesso, alcançar algo; mas tal implica necessàriamente uma culminância, um objetivo a alcançar, e essa culminância ou objetivo se torna a condição à qual a mente e o coração terão de ajustar-se continuamente.

Mas, entrementes, que acontece aos nossos sentimentos, às nossas emoções, nossos pensamentos, nossos afetos, nossa razão? Que lhes acontece, enquanto estais ocupados ùnicamente em ajustar, modificar, alterar? Que acontece a uma coisa... que acontece a uma casa, quando vos limitais a decorar as suas paredes, embora os alicerces estejam combalidos? Ora, os nossos pensamentos e nossas emoções também estão-se amoldando, alterando, modificando de acôrdo com um padrão, seja o padrão externo ou o padrão interno; ou em conformidade com uma compulsão externa, ou uma influência interna. De tal modo são as nossas ações limitadas pela influência, que a razão se torna mera imitação de um padrão, mera adap-

tação a uma condição, e o amor uma outra forma de temor. Tôda a nossa vida — afinal a nossa vida são os nossos pensamentos, as nossas emoções, nossas alegrias e pesares — tôda a nossa vida fica incompleta, todo o nosso pensar ou expressão dessa vida se cifra numa simples adaptação, numa modificação — nunca é plenitude, nunca perfeição. E resulta daí problema sôbre problema, porquanto se procura adaptação a um ambiente que varia incessantemente, e conformidade a padrões que também variam de contínuo. E prosseguis, assim, nessa batalha, a qual chamais evolução, progresso da personalidade, expansão dessa consciência que é apenas memória. Inventastes palavras para tranqüilizardes vossa mente, mas continuais a luta.

Agora, se realmente meditardes sôbre isso — e julgo que tereis ocasião para tal, êstes dias, aquêles dentre vós que se deixarem ficar tranqüilamente por aqui — se reconhecerdes isso e, sem o desejo de alterar, sem o desejo de modificar, ficardes atentos para êsse ambiente exterior, suas circunstâncias e condições, e ficardes igualmente atentos para o mundo interior, em que existem as mesmas condições e circunstâncias, a que destes todavia nomes mais sutis e suaves — se ficardes realmente atentos para tudo isso, começareis então a compreender o verdadeiro significado do "exterior" e do "in-

terior", pois nesse caso haverá percepção imediata, a libertação da vida; a mente se tornará então inteligência, operando com naturalidade, fecundamente, livre daquela batalha constante. Reconhecerá então a mente — inteligência — os obstáculos, e porque compreenderá êsses obstáculos, será penetrante; não haverá adaptação, nem modificação, mas, sòmente, compreensão. E, portanto, não dependerá a mente nem do "exterior" nem do "interior", e nesse percebimento não existirá desejo, nem anseio, mas a percepção do que é verdadeiro. Na percepção do verdadeiro, não pode haver desejo.

Quando existe um desejo, já está a mente obscurecida, já está pervertida, porquanto ela se identifica com uma coisa e rejeita a outra — pois, onde existe desejo não há compreensão.

Mas, quando a mente não se identifica com o "eu" e se torna consciente do "exterior" bem como do "interior", das divisões sutis, das diferentes emoções, das delicadas nuanças da mente, dividida em memória e inteligência — então, com essa percepção, apreciareis o pleno significado do ambiente, por nós criado, através dos séculos — tanto daquele ambiente que chamamos exterior, como do outro, que chamamos interior, ambos os quais se modificam contìnuamente, ajustando-se um ao outro.

O que agora vos interessa é sòmente modi-

ficação, alteração, adaptação, e por isso tem de haver temor. O temor tem por instrumento a compulsão, e esta existe sòmente na ausência da compreensão, quando não funciona normalmente a inteligência.

VI

Farei, em primeiro lugar, uma breve palestra, respondendo a seguir a algumas das perguntas que me foram apresentadas.

Tive ontem ocasião de apreciar amplamente a idéia de temor e a maneira como êle gera compulsão; hoje dissertarei, resumidamente, sôbre a maneira como a insuficiência cria a compulsão. Onde há insuficiência, existe o desejo de guia, de autoridade, dessa influência modeladora que se chama tradição, tradição que já não é pensamento, mas tem apenas a função de guia. Para mim, a tradição deveria ser um meio de despertar o pensamento, não um meio de sufocá-lo, aniquilá-lo. Onde há insuficiência, tem de existir compulsão; e dessa compulsão nasce um determinado modo de vida, ou um método de ação, de onde nova luta, novos conflitos, novos sofrimentos. Isto é, quando, consciente ou inconscientemente, o indivíduo sente o pungir da insuficiência, torna-se inevitável o conflito, torna-se inevitável um

sentimento de desdita, de superficialidade, de vacuidade, um sentimento da total inutilidade da vida. Pode o indivíduo não ter consciência dessa insuficiência, ou pode estar consciente dela.

Assim, pois, quando existe insuficiência, que se passa na mente? Que acontece quando nos tornamos cônscios dessa vacuidade, dessa superficialidade interior? Que fazemos, quando sentimos, quando damos fé dessa inanidade, dêsse vazio em nós? Desejamos preenchê-lo e saímos à procura de um padrão, um modêlo criado por outrem; copiamos, seguimos êsse padrão, disciplinamo-nos nesse molde talhado por outrem, esperando preencher, de tal modo, êsse vácuo, essa superficialidade de que nos tornamos mais ou menos conscientes.

Começa então êsse padrão, êsse molde, a influenciar as nossas vidas, obrigando-nos a ajustar-nos a êle, a ajustar-lhe nossas mentes, corações e ações. Começamos, dessarte, a viver, não no âmbito de nossa própria experiência, de nossa compreensão, mas segundo a expressão, as idéias, as limitações de outra pessoa. É isso o que acontece. Se meditardes um pouco nisso, vereis que, sentindo essa insuficiência, começamos a rejeitar a nossa própria experiência e a compreensão dessa experiência e a imitar, a copiar, a viver segundo a experiência de outro. E quando temos os olhos

na experiência de outrem e não vivemos segundo nosso entendimento, advém, naturalmente, mais e mais insuficiência, mais e mais conflito; mas, por outro lado, se nos dispomos a viver segundo nossa própria experiência e compreensão, estabelecemos também um ideal, um outro padrão, e segundo êsse padrão moldamos as nossas vidas.

Suponhamos que digais para vós mesmos: "Não quero depender da experiência de outro, mas viver segundo a minha". — Nesse caso, positivamente, já criastes um molde para a êle vos ajustardes. Quando dizeis: "Vou viver pela minha própria experiência", estais já impondo uma limitação ao vosso pensamento, porque esta idéia de que precisais viver segundo vosso próprio entendimento, cria complacência, o que é apenas ineficaz ajustamento, conducente à estagnação. Muitas pessoas dizem ter decidido rejeitar o padrão externo que constantemente copiam e viver segundo o próprio entendimento. Dizem elas: "Faremos sòmente o que compreendermos" — e criam dêsse modo um padrão, com que entristecem as suas vidas. E que acontece então? Sentem-se satisfeitas, cada vez mais, entrando, assim, em lenta decomposição.

Para eliminar essa insuficiência, voltamo-nos para a simples ação, porque, quando existe insuficiência e vácuo, nosso desejo único é preencher êsse vácuo, e para tal recorremos à

ação. Mas que fazemos, recorrendo a uma ação para preencher essa insuficiência? Tentamos, apenas, mediante acumulação, preencher aquêle vazio, o que significa que não tentamos descobrir a causa da insuficiência.

Que acontece quando vos sentis incompletos? Procurais preencher a insuficiência, procurais enriquecer-vos interiormente, e julgais que para assim enriquecerdes, para vos tornardes completos, precisais de recorrer a outrem, e começais, pois, a ajustar os vossos pensamentos e sentimentos às idéias e à experiência de outrem. Mas isso não vos dará aquela riqueza, isso não vos trará suficiência ou preenchimento. E dizeis, então, para vós mesmos: "Vou procurar viver segundo meu próprio entendimento" — o que, como já apontei, apresenta perigos, visto que conduz à complacência. E se recorrerdes à simples ação, dizendo: "Procurarei agir, entre os homens, por maneira que possa enriquecer interiormente, completar-me" — estareis de novo procurando preencher o vazio mediante substituição. Mas se vos tornardes *atentos* pela ação, descobrireis então a causa da insuficiência. Isto é, em vez de procurardes preenchimento, criareis ação pela inteligência.

Mas, que é ação? Bem considerada, ela é aquilo que pensamos e sentimos. E enquanto não tiverdes percepção de vosso pensamento,

de vossos sentimentos, tem de haver insuficiência, e por maior que seja a vossa atividade exterior não conseguireis o preenchimento. Isto é, só a inteligência pode eliminar aquela vacuidade, não a acumulação; e a inteligência, como já frisei, é a harmonia perfeita da mente e do coração. Assim, pois, se compreenderdes o funcionamento de vosso próprio pensar e das vossas próprias emoções e, dêsse modo, com essa ação, vos tornardes atentos, despertará então a inteligência, que eliminará a insuficiência, não procurando substituí-la pela suficiência, pela plenitude, porque a inteligência, ela própria, é plenitude.

Nessas condições, onde existe plenitude não pode existir compulsão. Mas a desarmonia, a insuficiência promove separação entre a mente e o coração. Não é assim? Que é desarmonia? É a percepção da distinção entre o que pensais e o que sentis, distinção em que naturalmente existe conflito. Mas, para mim, pensar e sentir são a mesma coisa. Assim, pois, envoltos em conflito e desarmonia, e tendo separado a mente dos sentimentos, efetuamos nova divisão, separando a mente da inteligência — da inteligência que, para mim, é verdade, beleza, amor. Isto é, o conflito que, conforme já expliquei, é a luta entre o resultado do ambiente, a consciência do "eu", e o próprio ambiente — o conflito entre o resultado do ambiente e o próprio

ambiente motiva luta, que produz desarmonia. Separamos a mente dos sentimentos e, feito isso, passamos a separar a inteligência da mente e do coração, que para mim são uma só coisa. Inteligência é pensamento e sentimento em perfeita harmonia, e, portanto, a inteligência é a própria beleza, inerentemente, e não uma coisa para ser procurada.

Sempre que há intenso conflito, grande desarmonia, sempre que existe um vivo sentimento de vacuidade, ocorre a busca de beleza, verdade, amor, para influenciarem e orientarem as nossas vidas. Isto é, conscientes dessa vacuidade, externais o belo na natureza, na arte, na música, e começais a rodear-vos artificialmente dessas expressões, em ordem a que se tornem, na nossa vida, influências para a aquisição de apuramento, cultura e harmonia. Não é isso o que se passa na mente? Como disse, em face do conflito, separamos a inteligência da mente e dos sentimentos, sobrevindo aquêle sentimento de insuficiência e vacuidade. Começamos, então, a procurar a felicidade, o preenchimento na arte, na música, na natureza, nos ideais religiosos, e começam essas coisas a influenciar as nossas vidas, a governar-nos, dominar-nos, guiar-nos, e esperamos por tal maneira atingir aquela plenitude; esperamos, com a acumulação de experiências positivas, capacitar-nos para dominar a desarmonia e o con-

flito. Isso é afastar-se cada vez mais da inteligência, e portanto da verdade, da beleza e do amor, que são a plenitude mesma.

Isto é, sentindo a nossa insuficiência, imperfeição, começamos a acumular, esperando completar-nos com essa colheita de experiência e a utilização das idéias e padrões de outras pessoas. Entretanto, para mim, a insuficiência só desaparece quando atua a inteligência, que é, ela mesma, a beleza e a verdade. Não poderemos perceber tal coisa enquanto estiverem separados a mente e o coração, e êles se separam em virtude do conflito. Separamos a inteligência da mente e do coração, desenrolando-se, contìnuamente, êsse processo de separação e procura de preenchimento. Mas o preenchimento está na própria inteligência, e despertar essa inteligência é descobrir o que cria desarmonia e, pois, divisão.

Que cria desarmonia em nossas vidas? A falta de compreensão do ambiente, das circunstâncias. Quando começais a investigar e a compreender o ambiente, seu pleno valor e significado, não tentando copiá-lo, nem segui-lo, nem ajustar-vos a êle, nem fugir-lhe, nasce então a inteligência, que é beleza, verdade e amor.

P e r g u n t a : *Que seria melhor em vossa opinião: Tornar-me diaconisa da Igreja*

Protestante Episcopal, ou seria eu mais útil à humanidade permanecendo como sou?

K r i s h n a m u r t i : Presumo que a autora desta pergunta deseja saber como pode ser útil à humanidade, e não se deve ligar-se a esta ou àquela igreja, o que pouco importa.

Como pode alguem ser útil à humanidade? Certamente, deixando de criar novas divisões sectárias, deixando de criar mais nacionalismo. O nacionalismo, em última análise, é apenas o desenvolvimento, o efeito de explorações econômicas; e as religiões são as cristalizações de certos conjuntos de crenças e doutrinas. Se alguem deseja realmente ser útil à humanidade, não o conseguirá, na minha opinião, por meio de qualquer religião organizada, seja o cristianismo ou o hinduísmo, com suas inumeráveis seitas, ou qualquer outra religião. Elas são, com efeito, perniciosas divisões do espírito, da humanidade. E julgamos, todavia, que, se todo o mundo se tornasse cristão, adviria então a fraternidade das religiões e a unidade da vida. Para mim, a religião é o falso resultado de uma causa falsa, sendo essa causa o conflito e a religião um simples meio de escapar do conflito. Assim sendo, quanto mais se desenvolverem e fortificarem as divisões sectárias da religião, tanto menos fraternidade haverá, e quanto mais se fortalecer o nacionalis-

mo, tanto menos união haverá entre os homens.

Pergunta: A cobiça é produto do ambiente ou da natureza humana?

Krishnamurti: Que é natureza humana? Não é ela também produto do ambiente? Por que separá-los? Existe uma tal coisa de natureza humana separada do ambiente? Julgam alguns artificial a distinção entre natureza humana e ambiente, porque, dizem, mediante alteração do ambiente, será possível modificar e moldar a natureza humana. Bem considerada, a cobiça é mero resultado do ambiente falso e, por conseqüência, da própria natureza humana.

Quando o indivíduo procura compreender o seu ambiente, as condições em que vive, então, porque existe inteligência, não pode existir cobiça. Não é, pois, a cobiça um vício ou pecado que cumpre subjugar. Não compreendeis e não modificais o ambiente que produz a cobiça, mas temeis o seu resultado e o chamais pecado. Todavia, a mera busca de um ambiente perfeito e, portanto, de uma natureza humana perfeita, não pode despertar a inteligência; mas onde existe inteligência, existe a compreensão do ambiente e por conseguinte isenção de suas reações. Ora, o ambiente ou a so-

ciedade força-vos, impele-vos à proteção própria. Mas, se começardes a compreender o ambiente que produz a cobiça, então, ao verdes o significado do ambiente, se desvanece a cobiça e não a substituís pelo seu oposto.

P e r g u n t a : *Segundo entendo, vós afirmais que o conflito cessa, quando o enfrentamos sem o desejo de fugir-lhe. Amo uma pessoa que não me ama, e sinto-me solitário e infeliz. Creio sinceramente que estou enfrentando o conflito e que não estou procurando fugir; entretanto, continuo solitário e infeliz. Não produziu, pois, efeito o que dissestes. Podeis explicar-me por quê?*

K r i s h n a m u r t i : Buscais, talvez, nas minhas palavras um meio de fuga; talvez queirais servir-vos delas para preencherdes a vossa própria vacuidade.

Ora, dizeis haver enfrentado o conflito. Será que o enfrentastes de fato? Dizeis amar uma pessoa; mas a verdade é que quereis possuir essa pessoa, e é por isso que existe conflito. E porque desejais possuir? Porque julgais encontrar, na posse, a felicidade e a plenitude.

O autor da pergunta não enfrentou realmente o problema. Êle deseja possuir uma certa pessoa, limitando com isso a sua própria

afeição. Porque, em suma, quando realmente amamos alguém, nesse amor existe a isenção do sentimento de posse. Temos em dadas ocasiões, raras, aliás, êsse sentimento de intensa afeição em que não existe a ânsia de possuir, de conquistar. E isso nos reconduz ao que disse há pouco, isto é, que existirá ânsia de possuir enquanto houver insuficiência, falta de riqueza interior. E essa riqueza interior se encontra, não com acumulações, mas na inteligência, na ação vigilante em presença do conflito causado pela falta de compreensão do ambiente.

P e r g u n t a : O simples fato de virmos aqui para ouvir-vos não faz de vós um mestre? Entretanto, dizeis que não devemos ter mestres. Devemos, então, deixar de vir?

K r i s h n a m u r t i : Deveis deixar de vir aqui, se estais fazendo de mim vosso mestre e guia. Se estou criando nas vossas vidas uma influência, se com minhas palavras e ações vos estou compelindo a uma determinada ação, deveis, então, manter-vos afastados de mim, porque o que digo não tem valia nem significação para vós, pois ireis fazer de mim um mestre para vos explorar. E em tal coisa não pode haver compreensão, nem riqueza, nem enlêvo, mas, sòmente, tristeza e vacuidade. Se, entretanto, vindes escutar-me para descobrirdes a

maneira de despertar a inteligência, não sou, então, vosso explorador, mas um mero episódio, uma simples ocorrência na vossa vida, na qual vos é dada a possibilidade de compreenderdes o ambiente que vos mantém escravizado.

Mas a maioria dos indivíduos querem mestres, querem guias, querem senhores, seja neste plano físico ou em outro plano qualquer; querem ser guiados, impelidos, influenciados a proceder retamente, a agir retamente, porque, em si próprios, não têm compreensão. Não compreendem o ambiente, não compreendem as várias sutilezas dos próprios pensamentos e emoções; sentem por isso que, seguindo outrem, alcançarão o preenchimento; o que, como já ontem disse, é outra forma de compulsão. Como há uma compulsão a vos forçar para uma determinada rotina, porque não existe inteligência, procurais mestres, para serdes influenciados, guiados, moldados, no que também não há inteligência. Inteligência é a verdade, a plenitude, a beleza e o amor mesmo. E nenhum mestre nem disciplina alguma vos conduzirão a ela. Porque essas coisas, tôdas, são formas de compulsão, modificações do ambiente. Sòmente quando compreendeis plenamente o significado do ambiente e percebeis o seu valor, sòmente então desponta a inteligência.

P e r g u n t a : *Como se pode determinar o que deverá preencher o vácuo criado pela eliminação da consciência pessoal?*

K r i s h n a m u r t i : Senhor, porque desejais eliminar a consciência individual? Porque julgais importante dissolver a consciência individual, êsse "eu", essa limitação egotista? Porque julgais necessária tal coisa? Se a dizeis necessária porque ambicionais a felicidade, nesse caso, subsistirá, do mesmo modo, essa consciência individual, essa limitada característica do "ego". Mas se disserdes: "Percebo um conflito, minha mente e meu coração estão cativos da desarmonia, mas percebo a causa da desarmonia, a qual causa é a falta de compreensão do ambiente que criou aquela consciência individual" — não haverá, então, vazio a preencher. Estou quase a crer que o autor da pergunta não compreendeu, em absoluto, o que acabo de dizer.

Deixai-me, pois, explicá-lo, mais uma vez: O que chamamos consciência individual, ou consciência do "eu", nada mais é que o resultado do ambiente; isto é, quando mente e coração não compreendem o ambiente, as circunstâncias, as condições em que se encontra um indivíduo, então, em virtude dessa falta de compreensão, gera-se o conflito. A mente se obscurece por êsse conflito, e êsse contínuo

conflito cria a memória e se identifica com a mente, solidificando-se, assim, a idéia do "eu", a consciência do "ego". E resulta daí mais conflito, mais sofrimento e dor. Mas a compreensão das circunstâncias, do meio, das condições que criam êsse conflito, não se adquire pela substituição, porém pela inteligência, que é mente e amor — essa inteligência que se recria perenemente, que está em movimento perpétuo. E para mim isso é a eternidade, uma realidade atemporal.

Mas, em vez disso, procurais a perpetuação daquela consciência que é resultado do ambiente, a qual chamais "eu", e êsse "eu" só poderá desaparecer quando houver compreensão do ambiente. É só então que funciona normalmente a inteligência, sem freios nem compulsões. Só então finda essa terrível luta, essa busca do belo, do verdadeiro, e a batalha constante do amor que quer possuir, porque inteligência é plenitude.

VII

Vamos, por um momento, imaginàriamente pelo menos, contemplar o mundo de um ponto de vista que nos revele as ações internas e as ações externas do homem, suas criações e suas batalhas; e, se por um momento, o puderdes imaginar, que se descortina aos vossos olhos? Vêdes o homem aprisionado por muralhas inumeráveis, muralhas de religião, de limitações sociais, políticas e nacionais, muralhas criadas pelas suas próprias ambições, aspirações, temores, esperanças, precauções, preconceitos, ódio e amor. Dentro dessas barreiras está êle cativo, limitado pelos mapas coloridos das fronteiras nacionais, pelos antagonismos raciais, pelas lutas de classe e distinções de grupos culturais. Vêdes o homem, pelo mundo todo, aprisionado, enclausurado pelas limitações, pelas muralhas que êle próprio criou. Através dessas muralhas e através dessas clausuras, procura êle expressar o que sente e o que pensa, e dentro delas êle atua, entre alegrias e tristezas.

Vêdes, pois, o homem, em todo o mundo, prisioneiro, encerrado nas muralhas de sua própria criação, nas muralhas que êle próprio construiu; e através dessas clausuras, através dessas muralhas do ambiente, através da limitação de suas idéias, ambições e aspirações — através dessas coisas procura êle atuar, às vêzes com bom êxito, outras vêzes, porém, com luta medonha. E o homem que logra conquistar, naquela prisão, uma situação confortável chamamos vencedor, e chamamos vencido o que nela sucumbe. Mas tanto o bom êxito como o malôgro ocorrem no interior das muralhas da prisão.

Pois bem. Quando contemplais o mundo por essa maneira, vêdes o homem dentro desa limitação, dessa clausura. E que é êsse homem, que é essa individualidade? Que é o seu ambiente, e que são as suas ações? É sôbre isso que desejo falar hoje.

Antes de tudo, que é a individualidade? Quando dizeis "sou um indivíduo", que quereis dizer com isso? Julgo que quereis dizer — sem recorrer a sutis explicações filosóficas ou metafísicas — julgo que com o têrmo *individualidade* quereis designar o sentimento de separação e a expressão dessa consciência isolada, a qual denominais expressão individual. Isto é, individualidade é o pleno reconhecimento e o pleno sentimento da existência de

pensamento separado, sentimento separado, limitados e mantidos na servidão do ambiente; e a expressão dêsse pensamento limitado, dêsse sentimento limitado, os quais são em essência uma só coisa, se chama expressão individual.

Essa expressão própria, do indivíduo, que é apenas o sentimento de separação, é umas vêzes forçada e compelida pelas circunstâncias a seguir uma determinada senda; outras vêzes, a despeito das circunstâncias, expressa-se inteligência, que é o viver criador. Isto é, como indivíduo, tornou-se o homem cônscio de sua ação separativa, sendo compelido, forçado, adstrito, instigado a atuar por uma determinada senda, a qual não lhe é dado, em absoluto, escolher. A maioria das pessoas são forçadas a entregar-se a trabalhos, atividades, profissões, para as quais por forma nenhuma estão talhadas. Passam o resto da existência batalhando contra essas circunstâncias, dispersando assim tôdas as energias em lutas, dores, sofrimentos, e, também, prazeres ocasionais. Outros homens rompem as limitações do ambiente, depois de compreenderem o seu verdadeiro significado, passando a viver inteligentemente, em atividade criadora, seja no mundo da arte, da ciência, seja nas profissões, sem o sentimento de separação por meio da expressão.

É muito rara essa expressão de inteligência criadora, e embora tenha a aparência de in-

dividualidade ou ação separativa, para mim ela não é individualidade, porém inteligência. Quando opera a verdadeira inteligência, não há consciência da individualidade; mas, quando existe frustração, esfôrço e luta contra as circunstâncias, existe a consciência da individualidade, que não é inteligência.

Ao homem que atua inteligentemente e que está, portanto, livre das circunstâncias, atribuímos poder criador, chamamo-lo divino. Para o homem encerrado numa prisão, o homem liberto, o homem inteligente, é qual um deus. Não é necessário, pois, discorrermos sôbre êsse homem que está livre, porque não estamos interessados nêle — êle não interessa à maioria das pessoas, e não vou, por isso, falar a respeito dessa liberdade, porquanto a libertação, a divindade, só poderá ser compreendida e reconhecida depois de deixardes a prisão. Não podeis compreender a divindade fechados numa prisão. É por isso de todo inútil, é pura especulação metafísica ou filosófica, discorrer sôbre a essência da libertação, da divindade, de Deus, porque o que agora fordes capazes de discernir como sendo Deus, há de ser limitado, porquanto a vossa mente está circunscrita, mantida em servidão; por isso, não vou descrever tal coisa.

Enquanto estiver sendo contrariada essa expressão espontânea e inteligente que chama-

mos vida e que é aquela delicada realidade, tenderá sòmente a acentuar-se a consciência do indivíduo. Quanto mais batalhardes contra o ambiente, sem compreensão, quanto mais lutardes contra as circunstâncias, tanto mais vivamente sentireis, em tal esfôrço, a vossa limitação.

Não suponhais, agora, que o contrário dessa consciência limitada equivalha à aniquilação completa, ou à atuação mecânica, ou à atividade coletiva. Estou-vos mostrando a causa da individualidade, como a individualidade surge; mas com a dissipação, a desaparição daquela consciência limitada, não se segue que vos tenhais de mecanizar ou que deva haver um funcionamento coletivo centralizado na vontade de um só indivíduo detentor do poder. Porque a inteligência é livre do particular, que é o indivíduo, bem como do coletivo (pois, afinal, o coletivo é sòmente a multiplicidade de indivíduos) e em vista do desaparecimento dessa consciência limitada que chamamos individualidade, não se segue que vos tenhais de mecanizar ou tornar massa coletiva; segue-se, antes, que estará em função a inteligência, a qual é cooperativa, não destrutiva, nem individualista ou coletiva.

Todo homem, pois, está sendo contrariado, e cônscio de sua individualidade, funciona e atua no ambiente e por meio do ambiente, ba-

talhando contra êle e despendendo esforços colossais para ajustar, modificar, alterar as circunstâncias. Não é isso o que estais todos fazendo? Sois contrariados no vosso amor, na vossa profissão, nas vossas ações, e na luta contra as vossas limitações aguça-se a vossa consciência individual e começais a modificar e alterar as circunstâncias, o ambiente. Que acontece então? Aumentais, simplesmente, as muralhas de resistência, porque tôda modificação ou alteração é mero resultado da falta de compreensão; quando compreendemos, não tentamos modificar, alterar, reformar.

Assim, pois, na modificação, no ajustamento, na alteração, no esfôrço para romper as limitações, as muralhas, consiste o que chamais atividade. Para a vasta maioria das pessoas ação significa ùnicamente modificação do ambiente, mas tal ação tem por efeito aumentar as muralhas da prisão ou limitar o ambiente. Se não compreendeis alguma coisa e tentais sòmente modificá-la, vossa ação deverá necessàriamente aumentar as barreiras, construir novas séries de barreiras; vossos esforços têm ùnicamente o resultado de reforçar a prisão. E essas barreiras, essas muralhas chama o homem ambiente; e o movimento que se observa no seu interior chama-se ação.

Não sei se expliquei bem isso. Faltando-lhe a compreensão do significado do ambiente,

luta o homem por alterar, modificar êsse ambiente, com o que torna mais altas as muralhas de sua prisão, embora julgue havê-las afastado. Essas muralhas são o ambiente sempre em mutação, e para êsse homem ação significa apenas modificação de tal ambiente.

Assim, pois, nunca há libertação, nem preenchimento, nem enriquecimento em tal ação; o que há é sòmente um temor crescente, e jamais preenchimento. A multiplicação de problemas enche tôda a existência do indivíduo. Julgais haver resolvido um problema, e logo surge outro no seu lugar, e assim prosseguis até o fim da vida, e quando não há mais problemas a resolver, dizeis então que é a morte. Quando já não existe possibilidade de um novo problema, naturalmente para vós essa coisa é aniquilamento e morte.

Outrossim, as vossas afeições, o vosso amor, não são êles nascidos do temor, angustiados pelo ciúme, pela suspeição, e oprimidos pela ânsia de possuir? Assim é, porque tal amor nasceu do desejo de possuir, nasceu da insuficiência, da ausência de plenitude. E, nessas condições, o pensamento é mera reação à limitação, ao ambiente. Não é assim? Quando dizeis "eu penso", "eu sinto", estais reagindo contra o ambiente, e não tentando penetrá-lo. Mas, inteligência é o movimento que penetra o ambiente, e não reação ao ambiente. Isto é, quando

dizeis "eu penso", quereis dizer que possuís determinadas ordens de idéias, crenças, dogmas e doutrinas. E como um animal amarrado a uma estaca vagueia dentro do comprimento da corda, assim também movimentais-vos dentro das limitações dessas crenças, dogmas e credos. Positivamente, isso não é pensar. Tal coisa exprime ùnicamente as vossas reações à servidão, às crenças, dogmas e doutrinas; essas reações provocam um esfôrço, um conflito, e tal conflito chamais pensar, mas isso equivale a dar voltas dentro das muralhas de uma prisão. Vossa ação é pura reação a essa prisão, produzindo mais temores, mais limitações, não é assim?

Quando falamos de ação, que queremos dizer? Movimento, dentro da limitação do ambiente, movimento limitado por uma idéia fixa, um preconceito fixo, dogma ou credo. Tal movimento, dentro de tal limitação, vós chamais ação. Nessas condições, quanto mais agis, tanto mais vos privais da inteligência e da liberdade, porque tendes sempre êsse ponto fixo de salvação, de segurança, êsse dogma ou credo; e como as vossas ações partem dêsse ponto, criais, está visto, sòmente novas limitações, novas muralhas restritivas. Não é então criadora a vossa ação; ela não nasce da inteligência, que é a plenitude mesma. Conseqüentemente, ela não é acompanhada nem de alegria, nem de enlêvo, nem de plenitude, nem de amor.

Nessas condições, carecendo dessa inteligência criadora que é a compreensão do ambiente, começa o homem a entreter-se dentro das muralhas da prisão, começa a embelezá-la e decorá-la, para tornar confortável a sua situação dentro de suas muralhas; e pensa e espera instalar a beleza dentro dessa feia prisão. Por essa razão começa êle a reformar, procura ligar-se a sociedades que falam de fraternidade, mas que também estão dentro da prisão; quer tornar-se livre, mas continuar possessor. A êsse embelezar, reformar, entreter-se, a essa busca de confôrto dentro das muralhas da prisão, êle chama viver, atuar, agir. E como não existe aí inteligência nem êxtase criador, está êle fadado a ser sempre esmagado pela falsa estrutura que ergueu. Começa, então, a resignar-se à prisão, reconhecendo a própria incapacidade para alterar, para quebrar essas limitações; porque não tem o desejo nem a intensidade de sofrimento que reclama a demolição da prisão, resigna-se a ela e busca refúgio no devaneio ou na glorificação de si próprio. E essa glorificação própria êle chama religião, espiritualismo, ocultismo, quer o científico quer o espúrio.

Não é isso o que faz cada um? Dizei, não se aplica também ao vosso caso? Não digais que se aplica ao indivíduo que estais observando do ponto mais alto do mundo. Êsse indivíduo

sois vós próprios, vosso semelhante, cada um de vós. Assim, pois, quando falo dessas coisas, não olheis para vosso vizinho nem penseis em algum amigo ausente, o que representa apenas uma fuga imediata. Em vez disso, enquanto falo, deixai criar-se diante de vós o espelho da inteligência, no qual possais contemplar vossa imagem, sem desfiguração, sem parcialidade, porém com perfeita clareza. Dessa clareza nascerá ação, e não pensamento letárgico ou mera modificação do ambiente.

Outrossim, se não sois imaginosos nem românticos, se não procurais o que se chama Deus ou religião, criais em tôrno de vós um redemoínho, um vórtice tumultuoso, tornai-vos inventores de planos, começais a reformar o vosso ambiente, a modificar as paredes da prisão, e incrementais as atividades dentro da mesma.

Começais, se não sois imaginosos, nem românticos, nem místicos, começais a promover atividade cada vez maior dentro da prisão, intitulando-vos reformadores, criando assim mais limitações, mais restrições e caos dentro da prisão. Por essa razão, tendes divisões desnaturais chamadas religiões e nacionalidades, causadas ou criadas por exploradores e perpetuadas para profissão e benefício dêles próprios.

Mas, que é religião? Qual a função da religião, tal como a conhecemos? Não imagineis uma religião maravilhosa, verdadeira e perfeita; estamos tratando do que existe e não do que deveria existir. Que é essa religião de que o homem se tornou escravo, à qual sucumbiu, irremediàvelmente, abdicando a inteligência, para ser imolado no altar pelo seu explorador? Como se criou ela? — Foi o indivíduo que a criou, pelo desejo de segurança, o qual naturalmente gera o temor. Quando encetais a busca de segurança por meio do que chamais espiritualidade, o que é falso, deveis experimentar temor. Quando a mente busca segurança, que espera ela? Assegurar-se uma condição que lhe dê tranqüilidade, assegurar-se um ponto de certeza, prêsa ao qual possa pensar e atuar, e viver perpètuamente em tal condição. Mas a mente que busca certeza nunca tem segurança. É a mente que não procura a certeza que pode tornar-se segura, a mente que não conhece temor, que enxerga a futilidade de qualquer alvo, de qualquer culminância, de qualquer triunfo, que vive inteligentemente e portanto em segurança, e que é, por isso, imortal.

Assim, a busca de segurança gera o temor, e do temor nasce o desejo de doutrinas e crenças para manter afastado êsse temor. Com vossas crenças, doutrinas, dogmas e autoridades, recalcais o temor para o segundo plano. Para

manterdes afastado o temor procurais guias, mestres, sistemas, porque, seguindo-os, obedecendo-lhes, imitando-os, esperais encontrar a paz e o confôrto. São impostores os que se arvoram em sacerdotes, exploradores, pregadores, intermediários, "swamis" e iogues.

Não manifesteis assentimento com sinais de cabeça, porque todos vós estais neste caos. Estais todos presos nêle. Só podereis anuir com vossas cabeças, quando estiverdes livres dêle. Com agitardes as cabeças ao ouvirdes as minhas palavras, manifestais apenas aprovação intelectual de uma idéia que estou expressando. E que valor tem isso?

Onde existe êsse anseio de segurança, há temor, e por isso a mente e o coração procuram educadores espirituais para lhes ensinarem os caminhos por onde possam fugir. Assim como num circo são os animais adestrados para representar e divertir o público, do mesmo modo, impelido pelo temor, procura o indivíduo adestradores espirituais, chamados sacerdotes e "swamis", defensores de uma espiritualidade falsa e das inanidades da religião. Naturalmente, a função dêsses adestradores é criar divertimentos para vós e inventam, pois, cerimônias, disciplinas e devoções; essas coisas afetam-se de belas na expressão, mas degeneram em superstição. São fraude impudente sob color de culto.

A disciplina é mero ajustamento a um ambiente de ordem diversa, mas a batalha continua, incessante, dentro de vós, apesar de estardes sufocando, com a disciplina, a inteligência criadora. E a devoção, realmente tão bela, porquanto ela é afeto, é amor, torna-se objetivada, explorada, desprezível, sem significado nem valor.

De todo êsse temor advém, naturalmente, a busca de segurança, a busca de Deus ou da verdade. Pode-se encontrar Deus? Pode-se encontrar a verdade? Mas existe a verdade; Deus existe. Não podeis achar a verdade, não podeis achar Deus, porque vossa busca é apenas uma fuga do temor, vossa busca é apenas um desejo de culminância. Por conseguinte, quando procurais Deus, estais meramente à procura de um confortável lugar de descanso. Positivamente, isso não é Deus, isso não é a verdade; é meramente um lugar, uma morada de estagnação de onde a inteligência é banida, onde se extingue tôda vida criadora. Para mim, a mesma busca de Deus ou da verdade é a negação de Deus e da verdade. A mente que não demanda uma culminância, um alvo, um fim, descobrirá a verdade. Porque, para ela, a divindade não é um desejo objetivado e irrealizado, porém inteligência, pois esta é Deus, é beleza, verdade, perfeição.

Como já disse, criamos, para a vida humana, divisões desnaturais que chamamos religiões e organizações sociais. Essas organizações sociais são, afinal de contas, baseadas nas nossas necessidades — necessidades de teto, alimentação, sexo. Tôda a estrutura de nossa civilização está assentada nessa base. Mas, tornou-se tão monstruosa essa estrutura e de tal modo temos exaltado as nossas necessidades de morada, nutrição e sexo — necessidades simples naturais e puras — que estas se tornaram complicadas, medonhas e cruéis, por efeito dessa estrutura colossal e sempre a desmoronar-se, que chamamos sociedade e que foi criada pelo homem.

Em suma, para podermos descobrir as nossas necessidades, na sua simpleza, na sua naturalidade, na sua pureza, na sua espontaneidade, requer-se inteligência extraordinária. O homem que descobriu as suas necessidades, não mais está cativo do ambiente.

Mas, porque existe tanta exploração, tanta falta de inteligência, tanta impiedade em glorificar-se essas necessidades, existe essa estrutura que chamamos nacionalismo, independência econômica, organizações políticas e sociais, organizações de classe, prestígio dos povos e das respectivas culturas raciais — existe essa estrutura para a exploração do homem pelo homem, e ela conduz ao conflito, à desarmonia, à

guerra e à destruição. É essa, em suma, a finalidade de tôdas as distinções de classe, essa a função de tôdas as nacionalidades, dos governos soberanos, dos preconceitos raciais, da extrema espoliação e exploração do homem pelo homem, que leva à guerra.

Eis, pois, as coisas como são, eis a estrutura criada pela nossa mente humana, erigida por nós próprios, individualmente. Essas distinções sociais e religiosas, distinções monstruosas, cruéis, terrificantes, dividindo, separando, desunindo os sêres humanos, espalham a devastação pelo mundo. Sois vós os seus criadores; elas não vieram a ser naturalmente, misteriosamente, espontâneamente. Não foi um deus miraculoso que as criou. Foi o indivíduo que as inventou e sòmente vós, como indivíduos, podereis destruí-las. Se esperardes o advento de outro sistema monstruoso que crie uma nova condição para viverdes nela, passareis a escravos dessa nova condição. Nisso não pode haver inteligência, nem viver espontâneo e criador.

Como indivíduos, deveis começar a perceber o verdadeiro significado do ambiente, quer do passado quer do presente, i.e., perceber o significado das circunstâncias em contínua mutação. Mas na percepção do verdadeiro ambiente, tem de haver grande conflito, e vós não desejais conflito: desejais reformas, dese-

jais alguém que reforme o ambiente. Como a maioria das pessoas está em conflito e busca uma solução, para fugir dêsse conflito, o que só pode redundar em modificação do ambiente; como a maioria das pessoas está prêsa de conflito, eu vos digo: Tornai-vos vivamente cônscios dêsse conflito; não tenteis fugir dêle, não procureis soluções para êle. Porque é na agudez do sofrimento que podereis discernir o verdadeiro significado do ambiente. Nessa claridade do pensamento não há ilusões, nem precauções, nem reservas, nem limitações.

Isso é inteligência, e essa inteligência é a ação pura. Quando a ação nascer da inteligência, quando a ação mesma fôr inteligência, não procurareis então a inteligência, nem procurareis adquiri-la pela ação. Será então a plenitude, a suficiência, a riqueza interior, o sentimento daquela eternidade que é Deus. E essa plenitude, essa inteligência, impedirá por todo o sempre a criação de barreiras e prisões.

VIII

Responderei hoje a perguntas.

P e r g u n t a : Se vos entendo bem, sois de opinião que o "ego", composto dos efeitos do ambiente, é a cápsula visível que envolve um núcleo distinto e imortal. Êsse núcleo cresce, contrai-se ou modifica-se?

K r i s h n a m u r t i : Alguns de vós introduzem o espírito de especulação, o espírito de jôgo na vossa indagação da verdade. Tal como especulais na bôlsa para enriquecerdes depressa, explorando e burlando os vossos semelhantes, com o pernicioso hábito de jogar, do mesmo modo entrega-se a mente filosófica ao hábito da especulação. Com tal disposição mental começais a inquirir se existe uma alma, entidade ou ser imortal e permanente, completo em si mesmo, ou uma individualidade em perene crescimento, desenvolvimento e expansão.

Ora, porque desejais saber? Que é que instiga essa indagação, êsse espírito de especulação? Não seria melhor abster-vos de inquirir, de especular, e em vez disso verificar se o ambiente cria aquêle conflito do qual resulta a consciência individual de que ontem falei? Não seria isso preferível ao mero especular, visto que tôda especulação em tal matéria tem de ser absolutamente falsa, já que, em tal estado de limitação, em tal estado de conflito entre o resultado do ambiente e o próprio ambiente, não se pode conceber aquela realidade, aquela vida eterna, que é a verdade? Se disserdes que essa realidade é a consciência, a crescer e a expandir-se perenemente, ou que ela é em si mesma completa, eterna, acho-o incorreto, uma vez que não é nem uma nem outra coisa do ponto de vista da inteligência. Se estais apenas especulando para descobrirdes se aquêle ser cresce ou existe eternamente, o resultado de tal especulação será um padrão, um conceito filosófico ou metafísico, pelo qual, consciente ou inconscientemente, ireis moldar as vossas vidas. Por conseguinte, um tal padrão será um simples meio de fuga, fuga daquele conflito que, só êle, poderá libertar o homem dessa especulação, dêsse jôgo. Se vos tornardes, pois, cônscios do conflito, percebereis, em tôda a sua fôrça, o significado da eternidade; isto é, quando começardes a libertar a mente e

o coração de todo conflito, despontará a inteligência, assumindo então a eternidade um significado totalmente diferente. Ela é um preenchimento, não é crescimento. É um recriar-se perene, não em demanda de um fim, mas imanentemente. Podeis compreender isso intelectualmente, superficialmente, mas não o podeis compreender fundamentalmente, em tôda a sua profundidade e riqueza, se a mente e o coração buscam sòmente um refúgio metafísico, ou se deleitam com especulações filosóficas.

Pergunta: Se o eterno é inteligência e portanto verdade, não lhe dá cuidados, então, o falso, que é o "eu" e o ambiente. Idênticamente, nada induz o falso, o "eu", o ambiente, a preocupar-se com o eterno, a verdade, a inteligência; porque, como já tendes dito e repetido, uma coisa não pode ser alcançada pela outra, por maior que seja o esfôrço despendido. E parece, igualmente, que em todos os milênios de vida humana, não conseguiu o eterno avançar muito no sentido de dissipar o falso e estabelecer a verdade. Uma vez que, ao que dizeis, não existe, aparentemente, relação entre um e outro, porque não deixarmos o eterno na sua eternidade e o falso na sua falsidade, ou pior do que isso, se lhe apraz? Numa pa-

lavra, por que nos preocuparmos com o que quer que seja?

Krishnamurti: Porque vos preocupardes? Porque vos preocupais com qualquer coisa, na vida? Porque existe conflito, porque o homem vive entre tristezas, dores, alegrias transitórias, lutas inumeráveis, fúteis investigações, sutis fantasias e sonhos que de contínuo se desmoronam; porque se desenrola uma luta contínua, na mente, começais a indagar por que existe essa luta. Se não há luta, porque nos preocuparmos? Tem razão o autor da pergunta. Porque nos preocuparmos com o que quer que seja, se não existe luta, luta pela aquisição de dinheiro e conservação dêsse dinheiro, luta para vos ajustardes a vossos semelhantes, ao ambiente, às condições e exigências, luta para serdes vós mesmos, para expressardes o vosso sentir? Se não percebeis essa luta, não vos preocupeis, então, deixai as coisas como estão. Mas creio que não existe um só ente humano no mundo — a não serem, talvez, os selvagens de remotas regiões, afastadas da civilização — que não esteja em luta, numa luta incessante pela segurança, pelo confôrto, motivada pelo temor. Nessa luta começa o homem a conceber idéias concernentes à verdade, como vias de fuga.

Afirmo existir um modo de vida em que cessa de todo o conflito, uma maneira de viver espontâneamente, naturalmente, extàticamente. Isso para mim é um fato, não é teoria. E eu desejo ajudar os que estão em aflição, os que não demandam um alvo, os que procuram descobrir a causa dêsse conflito, os que não estão à procura de solução — porque não existe solução — desejo ajudá-los a despertar em si próprios aquela inteligência que dissipa, pela compreensão, a causa do conflito. Mas, se não estais em conflito, nesse caso nada mais há que dizer. Porque cessastes de pensar, cessastes de viver, porque encontrastes meramente uma segurança, um abrigo afastado dêsse constante movimento da vida, o qual, incompreendido, se converte em conflito; porém, quando o compreendemos, se torna um deleite, um enlêvo, um movimento perene, atemporal, e isso é eternidade.

Mas, que é êsse conflito? Conflito, como já disse, só pode existir entre duas coisas falsas; não pode existir conflito entre o entendimento e a ignorância, entre o verdadeiro e o falso. Nessas condições, o conflito do homem, suas dores e sofrimentos, jaz entre duas coisas falsas, entre o que êle considera essencial e o não essencial. Consideremos o que são essas duas coisas falsas; não qual delas foi criada primeiro, não a velha pergunta: que nasceu primeiro,

a galinha ou o ôvo? Isso é também indolência metafísica da mente especulativa, que, na realidade, não pensa.

Enquanto não compreendermos o exato valor do ambiente, criador do indivíduo, que contra êle se bate, haverá luta, haverá conflito, haverá crescente restrição e limitação. Por isso, a ação, como ontem disse, cria novas barreiras. E a mente e o coração, que são para mim a mesma coisa — divido-as por comodidade de linguagem — se debilitam e obscurecem pela memória, e esta memória é o resultado da busca de segurança, o resultado do ajustamento ao ambiente. Essa memória motiva a falta de compreensão, ela cria o conflito entre a mente e o ambiente. Mas, se fordes ao encontro do ambiente sempre renovados, sem a carga dessa memória do passado, que é apenas um ajustamento cauteloso e portanto uma mera advertência; se sois essa inteligência, essa mente que de contínuo se recria, sem ajustar-se nem modificar-se segundo uma condição, mas indo ao encontro das coisas sempre renovada, como o sol em cada aurora, como as estrêlas ao cair da noite, então, nessa novidade, nessa vivacidade, vereis surgir a compreensão de tôdas as coisas. Cessa, aí, todo o conflito, porque inteligência e conflito não podem coexistir. Cessa de todo a desarmonia, porque a

inteligência funciona, então, em tôda a sua plenitude.

P e r g u n t a : *Quando uma pessoa que amo sem apêgo nem desejo, vem ocupar meus pensamentos, e a êles me entrego com deleite, é isso o que condenais como não viver completamente no presente?*

K r i s h n a m u r t i : Que é viver completamente no presente? Tentarei explicar mais uma vez o meu ponto de vista. Uma mente que se acha em conflito, em luta, está contìnuamente à procura de um meio de fuga; ou, inconscientemente, a memória do passado precipita-se na mente, ou esta se volta deliberadamente para o passado e deleita-se em reviver aquêle passado, o que é uma forma de evasão; ou, ainda, a mente em conflito, em luta, privada de compreensão, procura um futuro, um futuro que chamais crença, alvo, culminância, realização, bom êxito, e foge para lá. É o ofício da memória, ser ardilosa e fugir do presente. Êsse processo de retrospecção, que chamais auto-análise, é um dos estratagemas da memória e só tem o efeito de perpetuar a memória e, por conseguinte, de limitar a mente, banir a inteligência.

Existem, pois, essas várias formas de evasão, e é só depois de a mente ter deixado de

fugir por meio da memória, e quando esta já não obscurece a mente e o coração, que se alcança aquêle enlêvo de viver no presente. Isso só se pode dar quando a mente já não se apega com aprazimento ao passado ou ao futuro, quando já não estabelece divisões. Por outras palavras, quando aquela inteligência suprema que é a verdade, que é a beleza, que é o amor mesmo, está funcionando normalmente, sem esfôrço — então, nesse estado, a inteligência é atemporal e não mais existe êsse temor de não viver no presente.

Pergunta: Quando o amor se liberta inteiramente do desejo de posse, não resulta daí necessàriamente o ascetismo e portanto anormalidade?

Krishnamurti: Se estivésseis isento do desejo de posse, não faríeis esta pergunta. Antes de alcançardes essa coisa grandiosa, já vos sentis temeroso e tratais de construir uma muralha protetora, que chamais ascetismo. Consideremos, pois, em primeiro lugar, não se sobrevirá ascetismo e portanto anormalidade, depois de vos emancipardes do desejo de possuir, porém se não é êsse desejo mesmo que cria e produz a anormalidade.

Por que existe essa idéia de posse? Não nasce ela da insuficiência, da falta de plenitu-

de? E por causa dessa insuficiência assumem grande relevância os problemas do sexo e outros problemas, de onde o papel importantíssimo da posse na vida dos indivíduos. Na plenitude, que é a própria inteligência, não existe anormalidade. Mas, sendo insuficientes, incompletos, conhecendo a pobreza, a vacuidade, a absoluta superficialidade de nossos pensamentos e sentimentos, dependemos de outras pessoas, dos livros, da literatura, das idéias, da filosofia, para enriquecer nossas vidas, e começamos, assim, a adquirir, a armazenar. Êsse processo de armazenamento, para nosso govêrno no presente, é ofício da memória, que depende do saber, o qual é coisa do passado e, portanto, morta.

Assim como o homem de muitas posses busca o confôrto no meio dos seus bens, assim também o homem que vive na pobreza, na superficialidade, na ausência de plenitude, aspira à posse de seu amigo, de sua mulher ou de seu amor: e dêsse desejo de posse provém a batalha e os constantes remordimentos da mente e do coração. E quando existe isenção dêsses conflitos, a qual só pode provir do percebimento ativo, da compreensão do ambiente, e não do esfôrço — quando existe essa liberdade, essa compreensão, não existe então desejo de posse e por isso não existe anormalidade. O asceta é, em suma, o homem que se furta à vida, porque

não a compreende. Foge da vida e de suas expresões; ao passo que a inteligência não busca fugir de coisa alguma, porque nada há na vida que se deva rejeitar; a inteligência é completa, e nessa plenitude não há divisão.

P e r g u n t a : Se os sacerdotes são exploradores, porque instituiu Cristo a sucessão apostólica e Buda o seu "sangha"?

K r i s h n a m u r t i : Antes de mais nada, como o sabeis? Porque vo-lo disseram, porque o lestes nos livros. Como sabeis que essas coisas não são invenções dos sacerdotes, para profissão e benefício dêles próprios? Uma autoridade amadurecida através das névoas do tempo, torna-se invulnerável, e o homem aceita-a como decisiva. Porque aceitar o Cristo ou o Buda ou outro qualquer, inclusive a mim próprio? Verifiquemos antes se são de fato exploradores os sacerdotes, em vez de admitirmos prontamente que não o são, só porque se supõe haver Cristo instituído a sucessão apostólica. Isso é apenas hábito da mente indolente que prefere tudo resolver pela autoridade, pelo precedente, alegando que, porque alguém o disse, deve ser verdade, não importando que seja grande ou pequeno êste alguém.

Vamos, pois, apurar isso. Como ontem tentei explicar, as religiões são o resultado da

busca de segurança pelo homem. Por conseqüência, quando a mente busca abrigo, certeza, um pouso, uma garantia de imortalidade, quando a mente procura essas coisas, há então necessidade de quem conforte ou satisfaça essa mente. Chamai-o sacerdote, explorador, intermediário, "swami", são todos da mesma marca. Pois bem. Quando buscais um abrigo, existe sempre o temor de o perder; quando buscais um ganho, com êle vem, naturalmente, também o temor de perda. Êsse temor de perda, pois, impele-vos contìnuamente a essa busca de segurança, a qual para mim é absolutamente falsa. Dêsse modo, uma causa falsa cria um produto falso; e êste produto é o sacerdote, o "swami", o explorador.

Porque necessitais de sacerdote? Por ser uma pessoa conveniente para vos casar ou enterrar, ou para vos dar uma bênção que lavará todos os vossos supostos pecados? Não existe tal coisa de pecado, existe sòmente falta de compreensão e essa falta de compreensão não pode ser lavada por sacerdote algum, com ou sem as credenciais da sucessão apostólica. É só a inteligência que pode libertar-vos da falta de compreensão, e não as benzeduras de um padre, diante de um altar ou à beira do túmulo.

Buscais um sacerdote, porque êle despertará a vossa inteligência e vos confortará? Considerai, então, o caso como considerais o

alcoolismo. É deplorável o vício de beber, porque tôda dependência é falta de inteligência e acarreta, portanto, sofrimento. E o homem está continuamente cativo dêsse sofrimento, embora não lhe veja nem queira ver a causa; por isso multiplica êle os modos e meios de fuga. Mas a causa é a própria busca de segurança, dessa certeza que não existe.

A mente inteligente não busca segurança, porque não há lugar nem mansão alguma onde ela possa repousar. A inteligência é, ela própria, tranqüilidade, fôrça criadora, e enquanto não existir essa inteligência, haverá sofrimento. O fugir da causa do sofrimento, não vos dará essa inteligência; pelo contrário, torna-vos mais cegos e mais ignorantes; e tanto mais haveis de sofrer. O que vos dá percepção imediata, direta, é aquela vigilância intensa e plena no presente. Compreender o ambiente, seja êle qual fôr, é inteligência. Estamos então independentes de sacerdotes, independentes de limitações, independente dos próprios deuses.

Pergunta: Falais de duas formas de ação: a reação ao ambiente, que cria conflito, e a compreensão do ambiente, que traz a libertação do conflito. Compreendo a primeira, mas não compreendo a segunda. Que quereis dizer com "compreensão do ambiente"?

K r i s h n a m u r t i : Há reação ao ambiente, quando a mente não o compreende e, agindo sem compreensão, aumenta dêsse modo a limitação do mesmo. Essa é uma forma de ação em que está empenhada a maioria dos indivíduos. Reagis a um ambiente que cria um conflito, e para fugir dêsse conflito criais outro ambiente que esperais vos traga tranqüilidade, o que significa simplesmente atuar no ambiente sem compreender que êle pode mudar. Esta é uma forma de ação.

E há a outra forma, que é compreender o ambiente e agir, o que não quer dizer primeiro compreender e depois agir, mas que a compreensão mesma é ação, isto é, ela é desacompanhada de cálculo, modificação, adaptação, que são funções da memória. Vêdes o ambiente, tal como é, no seu pleno significado, no espelho da inteligência, e nessa espontaneidade de ação existe liberdade. Mas, que é liberdade? É movimentar-se sem os obstáculos de barreiras, sem deixar barreiras atrás, nem criá-las pelo caminho. Ora, a criação de barreiras, a criação do ambiente, é função da memória, a qual é consciência individual, que separa a mente da inteligência. Expressando-o diferentemente, mais uma vez: a ação entre duas coisas falsas — o ambiente e o seu resultado — a ação entre essas duas coisas, tenderá forçosamente a aumentar as barreiras e conseqüente-

mente a diminuir, a banir a inteligência. Mas, se reconhecerdes isso — a ação de reconhecer não é de ordem intelectual, porém deve nascer de vosso ser completo — então nessa percepção plena, ocorre uma ação diferente, desonerada da memória — e já expliquei o que entendo por memória. Por conseqüência, todo movimento de pensamento e sentimento toma um matiz diferente, um significado diferente. A inteligência não é, então, uma separação entre o objeto, que é o ambiente, e o criador, que vós chamais a consciência individual. A inteligência não divide, não separa, e é por conseguinte, ela própria, espontaneidade de ação.

IX

Falarei hoje sôbre o conceito dos valores. Tôda a nossa vida é apenas movimento de um valor para outro, mas julgo que há uma maneira — se posso empregar, aqui, esta palavra com ponderação e bom gôsto — pela qual pode a mente ser libertada do senso estimativo. Estamos afeitos aos valores e sua mutação constante. O que chamamos essencial breve se torna não essencial, e nesse processo contínuo de mutação de valores há conflito. Enquanto não compreendermos o elemento fundamental na mutação dos valores, e a causa de tal mutação, continuaremos presos à roda dos valores em choque.

Desejo tratar da idéia radical dos valores, verificar se ela é fundamental, se a mente, que é inteligência, pode sempre agir espontâneamente, com naturalidade, sem atribuir valores ao ambiente. Ora, sempre que há insatisfação com o ambiente, com as circunstâncias, êsse descontentamento tem de conduzir ao desejo

de mudança, de reforma. O que chamais reforma é meramente a criação de novas ordens de valores e a destruição das velhas. Em outras palavras: quando se fala de reforma, entende-se, em realidade, mera substituição. Em vez de viver na velha tradição, com valores fixos, quereis, com o mudar das circunstâncias, criar novas ordens de valores; isto é, onde existe êsse senso estimativo, tem de haver a idéia de tempo, e conseqüentemente contínua mutação dos valores.

Em épocas de estagnação, épocas de estável confôrto, ao que é apenas uma gradual transformação dos valores chamamos a luta entre a velha e a nova geração. Isto é, em tempos de paz e tranqüilidade, ocorre uma modificação gradual dos valores, o mais das vêzes imperceptível, e essa mudança, essa gradual modificação denominamos a luta entre o velho e o novo. Em tempos de agitação, em tempos de grande conflito, ocorrem violentas e implacáveis modificações nos valores, o que chamamos revolução. A rápida mutação dos valores, que chamamos revolução, é violenta, impiedosa. A modificação lenta e gradual dos valores é a batalha contínua que se trava entre a mente estabilizada, confortável, estagnada, e as circunstâncias que a estão compelindo para condições novas, forçando-a a criar uma nova ordem de valores.

Assim, pois, as circunstâncias mudam lentamente ou ràpidamente, e a criação de novos valores é o mero resultado de ajustamentos ao ambiente sempre cambiante. Conseqüentemente, os valores são simples padrões do conformismo. Mas, porque precisais de valores? Por favor, não digais: "Que será de nós, se não tivermos valores?" Não cheguei até aí, ainda não disse o que será de vós. Tende, pois, a bondade de acompanhar-me. Porque precisais de valores? Que significa essa busca de valores se não um conflito entre o novo e o velho, entre o antigo e o moderno? Não são os valores um mero molde estabelecido por vós ou pela sociedade, ao qual a mente, na sua indolência, na sua falta de percepção, busca conformar-se? A mente procura uma certeza, uma conclusão, e sua ação se cifra nessa busca; ou, ela educou-se a si própria para adquirir um fundo de saber e experiência, um "background", e atua partindo dêsse "background"; ou tem ela uma crença, e partindo dessa crença começa a colorir as suas atividades. A mente reclama valores para que se não veja em dificuldades, para que possa ter sempre um guia a seguir, a copiar. Dêsse modo, tornam-se os valores ùnicamente os moldes pelos quais a mente estaciona, e a própria finalidade da educação parece ser o compelir ao conformismo a mente e o coração.

Nessas condições, tôdas as reformas, na religião, nos padrões morais, na vida social e nas organizações políticas, são meramente os ditames do desejo de ajustamento ao ambiente sempre variante. Eis o que chamais reforma. Os ambientes mudam constantemente; as circunstâncias estão em movimento contínuo, e as reformas se fazem ùnicamente por causa da necessidade de ajustamento entre a mente e o ambiente, e não porque a mente penetra e compreende o ambiente. Êsses novos valores são glorificados como fundamentais, originais, verdadeiros. Para mim, êles são apenas formas sutis de coerção e conformismo, formas sutis de modificação, e concorrem, fùtilmente, para a introdução de uma reforma de retalhos, uma ilusória transformação de roupagens, que chamamos renovação.

Assim, pois, por causa dêsse crescente conflito criam-se as divisões e as seitas. Cada mente estabelece uma nova ordem de valores, em conformidade com suas próprias reações ao ambiente, e começa, então, a divisão dos povos, aparecem as distinções de classe e os ferozes antagonismos entre os credos, entre as doutrinas. E do meio dêsse conflito imenso, surgem autoridades, que entram em atividade, proclamando-se reformadores na religião e médicos dos males sociais e econômicos. Especialistas que são, de tal modo estão êles obsecados pelas

respectivas especialidades, que o que fazem é aumentar a divisão e a luta. São êsses os reformadores religiosos, os reformadores sociais, e os reformadores econômicos e políticos, peritos, todos êles, nas próprias limitações, todos êles dividindo em compartimentos e conflitos a vida e a atividade humanas.

Mas, para mim, a vida não pode, absolutamente, ser dividida por essa maneira. Não podeis pensar em reformar vossa alma e ser nacionalistas; não podeis ter consciência de classe e ao mesmo tempo falar de fraternidade; nem podeis erguer muralhas tarifárias em tôrno de vosso país e falar de unidade da vida. Se observardes, vereis que é isso justamente o que fazeis sempre. Podeis possuir dinheiro em abundância, viver cercados de condições estáveis, ter amor à posse, ser nacionalista e "snob", e todavia dividir essa consciência separativa de vossa consciência espiritual que vos impele à fraternidade, à ética, à moral, e ao sentimento de Deus. Por outras palavras: dividistes a vida em vários compartimentos e cada compartimento tem os seus valores especiais, e por êsse modo criais sòmente mais conflito.

Essa divisão, essa confiança nas autoridades, nada mais é que indolência da mente, para não ter necessidade de pensar, mas sòmente de conformar-se. O conformismo, que é ùnicamente a criação e a destruição de valores, é o

ambiente ao qual a mente se ajusta constantemente, tornando-se cada vez mais limitada e escravizada. Mas continuará a existir conformismo enquanto a mente estiver vinculada pelo ambiente. Enquanto não houver a mente compreendido o significado do ambiente, das circunstâncias, das condições, existirá conformismo. A tradição é apenas o molde para a mente, e uma mente que se imagina livre da tradição, cria simplesmente um molde próprio. O homem que diz: "estou livre da tradição" tem provàvelmente outro molde, dêle próprio, do qual é escravo.

Nessas condições, não consiste a liberdade em passar de um molde velho para um novo, de uma estupidez velha para uma nova, ou da limitação da tradição para a licença da amentalidade, da privação da mente. E, no entanto, observareis que os que falam tanto sôbre liberdade, libertação, estão fazendo tal coisa; isto é, êles alijaram sua velha tradição e têm agora um padrão próprio a que se ajustam, e naturalmente êsse ajustamento é apenas falta de mentalidade e ausência de inteligência. O que chamais tradição é apenas o ambiente externo com os seus valores, e o que chamais estar livre da tradição é sòmente a escravização a algum ambiente interior e aos respectivos valores. Um é impôsto, e o outro criado pelo próprio indivíduo. Não é assim? As circuns-

tâncias, o ambiente, as condições, impõem certos valores, fazendo-vos conformar-vos com êles, ou vós criais vossos próprios valores e a êles vos conformais. Num e noutro caso o que existe é mero ajustamento e não compreensão do ambiente. Resulta daí naturalmente a questão sôbre se a mente poderá descobrir valores permanentes, a fim de que desapareça essa mudança constante, êsse incessante conflito produzido pelos valores que um indivíduo criou para si próprio ou que lhe foram impostos de fora.

Que é isso que se chama "valores inconstantes"? Para mim êles são ùnicamente temores cultivados. Haverá mutação de valores enquanto existirem "essenciais" e "não essenciais", enquanto houver opostos, e enquanto houver a idéia e o exagerado culto do sucesso, no qual incluímos ganho, perda e realização, enquanto existirem essas coisas e a mente estiver a persegui-las como um objetivo, como um alvo, tem de haver valores em mutação e, portanto, conflito.

Mas qual é a causa da mutação dos valores? A mente, que é também coração, enevoada pela memória, sujeita a contínuas modificações e alterações, está sempre na dependência do movimento das circunstâncias, sendo a falta de compreensão destas que gera a memória. Isto é, enquanto estiver a mente obscurecida

pela memória, que é resultado do ajustamento ao ambiente e não compreensão do ambiente, essa memória há de interpor-se entre a inteligência e o ambiente, o que impede a plena compreensão dêste.

Essa memória, que chamais mente, ocupa-se em atribuir valores, não é verdade? Esta é precisamente a função da memória, a qual chamais mente. Isto é, a mente, em vez de ser inteligência, que é percepção direta, a mente obscurecida pela memória, confere valores que ela chama verdadeiros e falsos, essenciais e não essenciais, conforme a própria astúcia, de acôrdo com os seus temores calculistas e seu desejo de segurança. Não é assim? Mas essa é precisamente a função da memória, que chamais mente, mas que, em absoluto, não é mente. Para a maioria das pessoas, com exceção, talvez, de algum raro e feliz indivíduo, aqui e ali, a mente é mera máquina, armazém da memória, a qual se ocupa constantemente em atribuir valores às coisas que se lhe deparam e às próprias experiências. E essa atribuição de valores depende de seus cálculos sutis, de sua astúcia e capacidade de enganar, baseados no temor e na busca de segurança.

Embora não exista coisa chamada segurança fundamental — é bem evidente, e podê-loeis verificar se quiserdes pensar e observar um momento, que não existe tal coisa de seguran-

ça — procura a mente segurança sôbre segurança, certeza sôbre certeza, "essencial" sôbre "essencial", sucesso sôbre sucesso. Estando em constante busca de segurança, no momento em que a alcança passa a mente a considerar "não essencial" o que deixou para trás. Isso, mais uma vez, é mera atribuição de valores, e assim, nesse movimento de alvo para alvo, de "essencial" para "essencial", nesse movimento constante, transformam-se os valores estabelecidos pela mente em conformidade com os seus desejos de segurança e sua ansiedade de perpetuação.

Está, pois, a mente-coração, ou a memória, colhida na luta dos valores cambiantes, e essa batalha se chama progresso, a senda evolutiva da seleção, conducente à verdade. Isto é, a mente que busca segurança, alcançando êsse alvo, não se satisfaz com êle e novamente se põe em movimento começando de novo a atribuir valores a tudo quanto encontra. Êsse processo de movimento chama-se desenvolvimento, a senda evolutiva da seleção entre as coisas essenciais e não essenciais.

Êsse desenvolvimento é para mim apenas a memória a conformar-se e ajustar-se à sua própria criação — o ambiente; e não existe diferença fundamental entre essa memória e o ambiente. Naturalmente, a ação é sempre o resultado de cálculo, quando nasce dessa conformidade e

ajustamento. Não é verdade? Quando obscurecida pela memória, que é mero resultado da falta de compreensão do ambiente, procura a mente, na sua ação, um meio de fuga, uma culminância, um motivo, e por conseqüência tal ação nunca é livre, é sempre limitada e cria contìnuamente novas servidões e novos conflitos. Torna-se, assim, êsse círculo vicioso da memória, carregada com seu conflito, o criador de valores. Os valores são o ambiente, e a êle se escravizam a mente e o coração.

Não estou certo de que compreendestes isso. Não: vejo alguém a menear a cabeça. Vou expressar a mesma idéia diferentemente e torná-la clara, se possível.

Enquanto a mente não compreender o ambiente, o ambiente criará a memória, e o movimento da memória é a transformação dos valores. A memória existirá enquanto estiver a mente em busca de culminâncias e alvos; e sua ação será sempre calculada, nunca espontânea — por ação entendo pensamento e sentimento — e tal ação, por conseqüência, produzirá crescentes cargas e limitações. O aumento da limitação, a extensão da prisão, é chamada evolução, a senda da seleção conducente à verdade. Eis como funciona a mente, para a maioria das pessoas, e, assim sendo, quanto mais funciona, tanto maior o sofrimento e a intensidade da luta. A mente cria constantemente

barreiras novas e mais altas, procurando depois novos meios de fugir de tal conflito.

Mas, como poderemos libertar a mente dessa tendência a atribuir valores? Quando a mente atribui valores, só o pode fazer através das névoas da memória e, portanto, sem compreender o exato significado do ambiente. Quando examinamos ou procuramos compreender as circunstâncias pelo prisma de diferentes preconceitos, firmemente arraigados — preconceitos nacionais, raciais, sociais ou religiosos — como poderemos compreender o ambiente? É justamente isso o que a mente procura fazer, a mente enevoada pela memória.

Mas a inteligência nunca atribui valores, que são ùnicamente as medidas, padrões ou cálculos oriundos do desejo de proteção. Mas, como pode despontar essa inteligência, êsse espelho da verdade, cujos reflexos são absolutamente fiéis e nunca deturpados? Em última análise, o homem inteligente é o produto da inteligência; êle é a percepção absoluta, a percepção direta, sem as alterações e desfigurações resultantes da ação da memória.

O que estou dizendo só se aplica àqueles que se acham realmente em conflito, e não para os que querem reformar, fazer obra de retalhos. Já expliquei o que entendo por reforma, por obra de retalhos: é o ajustamento a um ambiente nascido da falta de compreensão.

Como poderemos possuir essa inteligência que põe têrmo à luta, ao conflito, ao esfôrço incessante que consome a própria mente? Quando fazeis um esfôrço contínuo, sois como um pedaço de madeira a ser desbastado ininterruptamente, até não restar madeira alguma. Existindo êsse esfôrço constante, êsse dispêndio contínuo, cessa a mente de ser ela própria; mas só existirá tal esfôrço, enquanto existir conformidade ou ajustamento ao ambiente. Se, entretanto, houver percepção direta, compreensão imediata e espontânea do ambiente, não haverá esfôrço de adaptação. Haverá, sim, ação imediata.

Assim sendo, como despertar essa inteligência? Ora, que acontece nos momentos de grande crise? Nesse momento fecundo em que a mente não está a fugir, nessa vigilância aguda e intensa das circunstâncias, do ambiente, sobrevém a percepção do verdadeiro. É o que fazemos em momentos de crise. Estamos, então, plenamente conscientes de tôdas as circunstâncias, das condições que nos rodeiam, e estamos igualmente cônscios de que a mente não pode fugir. Nessa intensidade que não é relativa, nessa intensidade da crise aguda, atua a inteligência, sendo espontânea a compreensão.

Mas, que é que chamamos crise, aflição? Quando a mente está letárgica, adormecida,

quando se condicionou a si própria, na satisfação, na estagnação, e sobrevém um acontecimento que nos desperta, a êsse despertar, a êsse choque chamamos crise, aflição. Pois bem: se fôr realmente intensa essa crise, ou conflito, nesse estado de intensidade da mente e do coração existe percepção imediata. Essa intensidade torna-se relativa sòmente quando a memória intervém com os seus cálculos, suas modificações e névoas.

Espero que experimenteis o que estou dizendo. Cada um de nós tem seus momentos de crise. Êles ocorrem muito freqüentemente; se estivermos sempre vigilantes, vê-los-emos ocorrer a cada minuto. Ora, nessa crise, nesse conflito, observai, sem o desejo de solução, sem o desejo de fuga, sem o desejo de dominar. Vereis então que a mente compreenderá incontinenti a causa do conflito, e compreendida a causa, esta se dissolve. Mas, de tal maneira educamos a mente para a fuga, para se deixar obscurecer pela memória, que é muito difícil ficarmos intensamente vigilantes. Buscamos, por isso, modos e meios de fugir ou de despertar aquela inteligência, o que para mim é também falso. A inteligência funcionará espontâneamente, se a mente cessar de fugir, deixar de procurar soluções.

Assim sendo, se a mente não se ocupa com avaliações, o que é puro conformismo, se exis-

te espontânea compreensão da prisão que é o ambiente, nota-se, então, a ação da inteligência, que é liberdade.

Enquanto a mente, obscurecida pela memória, criar valores, sua ação erguerá novas muralhas aprisionantes; mas na espontânea compreensão das muralhas da prisão, que é o ambiente, consiste a ação da inteligência, que é liberdade; porque essa ação, essa inteligência, não cria nem atribui valores. Existirão valores — valores que são circunstâncias e portanto servidão, conformidade ao ambiente — existirão êsses valores representativos do conformismo, das circunstâncias, enquanto existir o temor, nascido da procura de segurança. E quando a mente, que é inteligência, percebe o pleno significado do ambiente, e portanto o compreende, é espontânea a ação, pois esta é a própria inteligência, a qual não atribui valores às coisas, porquanto compreende perfeitamente as circunstâncias que a cercam.

X

Pelas perguntas que me foram feitas, parecem as minhas palestras haver motivado certa confusão, ao que julgo porque, presos às palavras, não aprofundamos o seu significado, ou nos servimos delas como instrumentos de compreensão.

Para mim, existe uma realidade, uma verdade viva e imensa; e para compreendê-la é necessária absoluta simplicidade do pensamento. O que é simples é infinitamente sutil, o que é simples é extremamente delicado. Existe uma grande sutilidade, uma sutilidade e delicadeza infinitas, e se vos utilizardes das palavras como simples instrumentos para alcançar aquela delicadeza, para alcançar aquela simplicidade do pensamento, acredito que não podereis compreneder o que desejo transmitir. Mas, se vos utilizardes da significação das palavras como uma ponte que cumpre transpor, não se tornarão, então, as palavras uma ilusão na qual a mente fica perdida.

Afirmo que existe esa realidade viva, chamai-a Deus, ou como quiserdes, e que ela não pode ser encontrada nem sentida pela busca. Tudo que implica busca, implica contraste e dualidade. Sempre que a mente está à procura de algo, tal coisa implica, forçosamente, uma divisão, uma distinção, um contraste, o que não quer dizer que deva a mente quedar-se satisfeita, que deva estagnar. Existe um equilíbrio delicado, que não é nem satisfação nem esfôrço incessante aplicado à busca, à realização do desejo de alcançar, realizar algo. E nessa delicadeza de equilíbrio reside a simplicidade, não a simplicidade consistente em ter poucas roupas e poucas posses. Não falo de uma tal simplicidade, que é forma grosseira de simplicidade, porém da simplicidade nascida dessa delicadeza de pensamento, na qual não existe nem busca nem satisfação.

Como dizia, tôda busca implica dualidade, contraste. Ora, onde existe contraste, dualidade, existirá necessàriamente identificação com um de dois opostos, e disso resulta compulsão. Quando dizemos que buscamos algo, nossa mente está rejeitando alguma coisa e procurando um substituto que a satisfaça, criando dêsse modo dualidade, do que resulta compulsão. Isto é, a escolha de uma coisa significa rejeição de outra, não é assim?

Quando dizemos que procuramos ou cultivamos um novo valor, significa isso simplesmente que desejamos desembaraçar-nos daquele a que está prêsa agora a nossa mente, e que é o oposto do que procuramos. Essa escolha baseia-se na atração para um ou no temor do outro, e êsse apegar-se pela atração, ou rejeitar pelo temor, influencia a mente. Essa influência, pois, é a negação da compreensão e só pode existir onde há divisão, a divisão psicológica de que resultam distinções tais como as de classe, nacionalidade, religião, sexo. Isto é, procurando livrar-se de algo, cria a mente dualidade, e essa dualidade impede o entendimento e cria as distinções denominadas de classe, religião e sexo. Essa dualidade influencia a mente, e tôda mente influenciada pela dualidade não pode compreender o significado do ambiente ou o significado da causa do conflito. Essas influências psicológicas são meras reações ao ambiente que partem daquele centro de consciência do "eu", de inclinação e aversão, de antítese, e naturalmente onde existem antíteses, opostos, não pode haver compreensão. Dessa distinção resulta a classificação das influências em benéficas e maléficas. Enquanto a mente fôr influenciada — e a influência nasce da atração, dos opostos, das antíteses — haverá domínio ou compulsão, do amor, do intelecto, da sociedade, e essa influência será

um empecilho àquela compreensão que é beleza, verdade e o próprio amor.

Mas, se vos tornardes cônscios dessa influência, podereis discernir-lhe a causa. A maioria parece estar cônscia superficialmente e não pela forma mais profunda. É sòmente quando existe percepção, no mais profundo da consciência, do pensamento e dos sentimentos, que se pode discernir a divisão criada pela influência, que é a negação da compreensão.

P e r g u n t a : Depois de ouvir vossa palestra sôbre a memória, perdi de todo a minha, e verifico que já me não lembro de minhas dívidas colossais. Sinto-me imensamente feliz. É libertação isso?

K r i s h n a m u r t i : Perguntai-o ao vosso credor. Parece-me que existe certa confusão com respeito ao que tenho procurado expressar, relativamente à memória. Se confiais na memória como um guia de conduta, um meio de atividade na vida, essa memória deverá entravar a vossa ação, a vossa conduta, porque, então, essa ação ou conduta será meramente o resultado de cálculo, não tendo portanto espontaneidade, nem riqueza, nem plenitude de vida. Não significa isso que devais esquecer as vossas dívidas. Não podeis esquecer o passado. Não o podeis obliterar da mente. Isso

é uma impossibilidade. Subconscientemente, êle continuará a existir. Mas, se essa lembrança subconsciente, essa lembrança adormecida, vos está influenciando inconscientemente, se ela está moldando a vossa ação. vossa conduta, tôda vossa perspectiva da vida, continuará, então, essa influência a criar novas limitações, a impor novas cargas ao funcionamento da inteligência.

Por exemplo, voltei recentemente da Índia; estive também na Austrália e na Nova Zelândia, onde conheci várias pessoas, ocorreram-me muitas idéias e vi muitas coisas. Não posso esquecer essas coisas, embora possa esmaecer-se a sua lembrança. Mas a reação dessas coisas passadas pode entravar tôda a minha compreensão do presente, pode impedir o funcionamento inteligente de minha mente. Isto é, minhas experiências e lembranças do passado podem, pela sua reação, tornar-se empecilhos no presente, impedindo-me de o compreender ou de nêle viver plena e intensamente.

Vós reagis com o passado, porque o presente perdeu a significação, ou porque quereis evitar o presente; por isso regressais ao passado e viveis nesse frêmito emocional, nessa reação da lembrança ressurgida, porque o presente tem pouco valor. Assim, quando dizeis "perdi de todo a memória", quer-me parecer que só há um lugar apropriado para vos alo-

jar... Não podeis perder a memória, mas, se viverdes completamente no presente, na plenitude do momento, podeis tornar-vos conscientes de todos os emaranhados subconscientes da memória, das esperanças e desejos latentes que, ressurgindo, vos impedem de atuar inteligentemente no presente. Se perceberdes isso, se perceberdes êsse entrave, em tôda a sua profundeza, não superficialmente, desaparecerá nesse caso a memória subconsciente, latente, que é sòmente falta de compreensão e insuficiência do viver, e estareis em condições de enfrentar com originalidade cada variação do ambiente, cada movimento célere do pensamento.

P e r g u n t a : *Dizeis que a perfeita compreensão do ambiente externo e do interno alivia o indivíduo da servidão e do pesar. Agora, mesmo nesse estado, como pode o indivíduo libertar-se do indescritível acabrunhamento que, pela natureza das coisas, é causado pela morte de alguém que êle ama realmente?*

K r i s h n a m u r t i : Qual é a causa do sofrimento, nesse caso? E que é isso que chamamos sofrimento? Não é o sofrimento um choque aplicado à mente, para despertá-la para o reconhecimento da própria insuficiência? O reconhecimento dessa insuficiência motiva o

que chamamos pesar. Suponhamos que contásseis com vosso filho, ou marido, ou espôsa, para preencher aquela insuficiência, aquela ausência de plenitude; com a perda dessa pessoa que amais, cria-se um vivo sentimento de vazio, provindo dêsse sentimento o sofrer, e dizeis: "perdi alguém".

Assim, pois, a morte nos revela claramente, em primeiro lugar, o vazio que diligentemente evitávamos. Conseqüentemente, quando há dependência, há também vazio, superficialidade, insuficiência, e portanto tristeza e dor. Não queremos reconhecer êsse fato; não queremos ver, aí, a causa fundamental. E começamos, por isso, a dizer: "Que falta me faz meu amigo, meu marido, minha mulher, meu filho. Como poderei indenizar-me dessa perda? Como poderei vencer esta tristeza?"

Ora, indenizar ou vencer é sempre substituir. Não há compreensão nisso, e por conseguinte só pode resultar mais pesar, embora possais encontrar um substituto que momentâneamente anestesie a mente. Se não procurais um meio de vencer o vosso pesar, apelais para as sessões de espiritismo, para os "mediuns", ou buscais abrigo na prova científica da continuação da vida após a morte. Começais, dêsse modo, a descobrir vários meios de fuga e substituição, que vos aliviem momentâneamente do sofrer. Mas, se se eliminasse o desejo de

vencer a dor e lhe sucedesse um desejo real de compreender, de descobrir, fundamentalmente, o que causa dor e pesar, descobriríeis que quando há solidão, superficialidade, vacuidade, insuficiência, cuja expressão é a dependência, tem de existir dor. E tal insuficiência não se pode preencher com a superação de obstáculos, com substituições, com fugas ou acumulações, que são meros ardis da mente, perdida na perseguição do ganho.

O sofrimento é apenas aquela elevada e intensa claridade do pensamento e do sentimento, que vos força a reconhecer as coisas tais como são. Mas isso não significa aceitação, resignação. Quando percebemos as coisas tais como são, no espelho da verdade, que é a inteligência, experimentamos alegria e êxtase. Não existe aí dualidade, nem sentimento de perda, nem separação. Asseguro-vos que isso não é teoria. Se ponderardes o que agora vos digo, juntamente com minha resposta à primeira pergunta, relativa à memória, vereis como a memória aumenta a dependência, recordando acontecimentos passados para obter dêles uma reação emocional que impede a plena expressão da inteligência no presente.

P e r g u n t a : *Que sugestão ou conselho daríeis a uma pessoa que luta com o empecilho de forte sexualidade?*

K r i s h n a m u r t i : Pensando bem, quando não existe expressão criadora da vida, costumamos atribuir exagerada importância ao sexo, que se torna um problema agudo. Nessas condições, o que interessa saber não é o conselho ou sugestão que eu daria, ou a maneira de dominar a paixão, o desejo sexual, mas sim a maneira de liberar o viver criador, em vez de nos ocuparmos com uma parte dêle, apenas, que é o sexo; o que nos deve interessar é a compreensão da vida no seu todo, na sua integridade.

Ora, por efeito da moderna educação, por efeito das circunstâncias e do ambiente, sois impelidos a fazer algo que detestais. Repugna-vos, isso, mas sois forçados a fazê-lo, porque vos faltam elementos apropriados, porque vos falta o necessário adestramento. Nas vossas atividades, sois impedidos pelas circunstâncias, pelas condições, de vos expressardes fundamentalmente, com fôrça criadora, do que resulta a necessidade de uma saída para a vossa expressão, e essa saída se torna o problema do sexo, ou do alcoolismo, ou outro problema qualquer, idiota e fútil. Tôdas essas saídas se tornam problemas.

Ou, tendes inclinações artísticas. Há bem poucos artistas, mas se tendes propensão para a arte, e essa inclinação está sendo continuamente pervertida, adulterada, contrariada, im-

pedindo tal circunstância a vossa verdadeira expressão, começais a atribuir indevida importância ao sexo ou qualquer mania religiosa.

Ou, se são contrariadas e estorvadas as vossas ambições, resulta disso atribuirdes, também, importância exagerada a coisas que deveriam ser normais.

Assim, pois, enquanto não compreenderdes integralmente as vossas aspirações religiosas, políticas, econômicas e sociais, e os entraves que se lhes opõem, as funções naturais da vida assumirão importância imensa e o primeiro plano na vossa vida. Essa a razão por que todos os inumeráveis problemas da cobiça, do desejo de possuir, do sexo, das distinções sociais e raciais, têm a sua medida e o seu valor falsos. Mas se, no trato com a vida, deixásseis de considerá-la nas suas partes para considerá-la no seu todo, compreensivamente, fecundamente, com inteligência, veríeis desaparecerem os problemas que debilitam a mente e destroem o viver criador, entraria a inteligência a funcionar normalmente e experimentaríeis as doçuras do êxtase.

P e r g u n t a : Tenho a impressão de estar pondo em prática as vossas idéias; mas não encontro alegria na vida nem entusiasmo por atividade alguma. Todos os meus esforços por manter-me vigilante não clarificaram a minha

confusão nem trouxeram modificação ou maior vitalidade à minha existência. Não tem agora mais significado a minha vida do que tinha há sete anos, quando comecei a ouvir as vossas palestras. Que é que não está certo, no meu caso?

Krishnamurti: Tenho minhas dúvidas sôbre se o autor da pergunta, antes de mais nada, compreendeu o que tenho dito, antes de pôr em prática as minhas idéias. Mas, porque haveria êle de pô-las em prática? Que são minhas idéias? E porque *minhas?* Não vos estou fornecendo um molde ou código para viverdes em conformidade com êle, nem um sistema para seguirdes. O que venho dizendo é que, para viver fecundamente, entusiàsticamente, com inteligência e fôrça vital, requer-se ação da inteligência. Essa inteligência é pervertida e contrariada por essa coisa chamada memória. — Já expliquei o que entendo por memória, e não necessito repeti-lo. — Enquanto existir essa batalha constante para conseguir-se algo, enquanto a mente estiver sujeita a influências, haverá dualidade, e por conseguinte dores e lutas, sendo a nossa busca da verdade ou da realidade uma mera fuga do sofrer.

Por isso, eu vos digo: Tomai sentido de que vossos esforços, vossas lutas, vossas lembran-

ças intercorrentes, estão-vos destruindo a inteligência. Tomar sentido não significa tornar-se superficialmente cônscio, mas, sim, descer ao mais profundo da consciência, por maneira que não fique por descobrir uma só reação inconsciente. Isso se alcança com o pensamento, com a atividade intensa da mente e do coração, e não com uma mente atravancada de crenças, doutrinas e ideais. A maioria das mentes está gravada dessas coisas e do desejo de ser guiada.

Ao dardes fé dessa carga, não comeceis a dizer que não deveis ter ideais, não deveis ter credos, e por aí a fora. A própria idéia de "dever" reclama outra doutrina, outro credo; tomai sentido, — sòmente, e na intensidade dêsse conhecimento, na intensidade do percebimento, nessa chama, se criará uma tal crise, um conflito tal, que êsse mesmo conflito dissolverá o obstáculo.

Sei que há pessoas que vêm aqui ano por ano, e cada ano procuro explicar por maneiras diferentes essas idéias, mas quer-me parecer que há muito pouca intensidade de pensamento da parte das pessoas que dizem "há sete anos que vimos ouvindo as vossas palestras". Entendo por pensamento, não o mero raciocinar intelectual, que é sòmente cinzas, mas o equilíbrio entre os sentimentos e a razão, entre os afetos e o pensamento; e êsse equilíbrio

não é influenciado nem atingido pelo conflito dos opostos. Mas, se não existe nem capacidade de pensar claramente nem intensidade do sentir, como é possível o despertar, como é possível o equilíbrio, como poderá haver vigilância e percebimento? Torna-se, assim, a vida fútil, vazia, sem valor.

Por essa razão, o que cumpre fazer, em primeiro lugar, se posso sugeri-lo, é descobrir por que estais pensando e sentindo de uma certa maneira. Não procureis alterar nem analisar vossos pensamentos e sentimentos; mas tomai conhecimento do que vos faz pensar por um determinado sulco, e do motivo de vossas ações. Embora possais descobrir êsse motivo pela análise, embora algo se possa descobrir pela análise, não será real o que descobrirdes; só descobrireis algo real, estando intensamente vigilantes no momento em que funcionam vossos pensamentos e sentimentos; percebereis, então, a sua extrema sutileza e delicadeza. Enquanto vossas ações forem ditadas pelas noções de "dever" e "não dever", não podereis, sob tal compulsão, perceber as céleres divagações do pensamento e dos sentimentos. E estou certo de que fôstes educados na escola do "dever" e "não dever"; e por isso destruístes o pensamento e o sentimento. Fostes maniatados e mutilados pelos sistemas, pelos métodos, e por vossos mestres. Deixai, pois, to-

dos êsses "devo" e "não devo". Não significa isso que deva existir liberdade sem peias, porém que deveis estar vigilantes para a vossa mente, se ela estiver sempre a dizer "devo" e "não devo". Então, assim como uma flor desabrocha numa bela manhã, assim também a inteligência se manifesta, está presente, funcionando, criando compreensão.

Pergunta: Diz-se que o artista é um homem que possui essa compreensão de que falais, pelo menos enquanto cria. Mas, se alguém o perturba ou contraria, é êle capaz de reagir violentamente, justificando tal reação como manifestação de temperamento. É evidente que num momento dêsses êle não está vivendo completamente. Tem êle de fato aquela compreensão, se é tão fácil fazê-lo recair na sua consciência individual?

Krishnamurti: A quem chamais artista? Ao homem que só momentâneamente é criador? Para mim um tal homem não é artista. Ao homem que só em momentos raros tem o impulso criador e expressa o seu poder de criar pela perfeição da técnica, positivamente não podemos chamá-lo artista. Para mim, o verdadeiro artista é aquêle que vive completamente, harmoniosamente, que não separa a sua arte da vida, cuja vida mesma é ex-

pressão, seja na tela, ou na música, ou na sua conduta; é o homem que não divorciou a sua expressão, na tela, na música, ou no mármore, de sua conduta, de seu viver cotidiano. Nisso se revela inteligência e harmonia no mais alto grau. Para mim, o verdadeiro artista é o homem que possui essa harmonia. Êle a expressa na tela ou pela palavra, ou não a expressa por forma alguma, sentindo-a sòmente. Mas tudo isso requer delicado equilíbrio, percebimento intenso, e por êste motivo não está divorciada a sua expressão do seu viver cotidiano.

XI

O que chamamos felicidade ou êxtase é, para mim, o pensar criador. E o pensar criador é o movimento infinito do pensamento, do sentimento e da ação. Isto é, quando o pensamento, que é sentimento, que é a própria ação, não é estorvado no seu movimento, não é compelido nem influenciado, nem está vinculado por uma idéia, nem procede do acêrvo da tradição ou do hábito, êsse movimento é então criador. Enquanto o pensamento — e não vou repetir tôdas as vêzes sentimento e ação — enquanto estiver circunscrito, prêso por uma idéia fixa, ou meramente a ajustar-se a uma tradição ou condição, tornando-se assim limitado, não é criador o pensamento.

Assim, pois, a pergunta que faz a si tôda pessoa meditativa é "como despertar êsse pensamento criador?" — porque, quando existe êsse pensamento criador, que é movimento perene, não pode haver idéia de limitação, de conflito.

Ora, êsse movimento do pensar criador não busca, na sua expressão, nem resultado, nem realização; seus resultados e expressões não representam a sua culminação. Êle jamais atinge culminância ou objetivo, porque é eterno o seu movimento. A maioria das mentes visa a uma culminância, um objetivo, uma realização, moldando-se pela idéia de sucesso, e por isso tal pensamento, tal pensar está a limitar-se contìnuamente. Mas, se não houver propósito de realização, mas sòmente o contínuo movimento do pensamento, como compreensão, como inteligência, é então criador êsse movimento do pensamento. Isto é, o pensar criador cessa quando a mente se debilitou pelo ajustamento, a que a impele a influência, ou, quando ela funciona apoiada numa tradição incompreendida ou partindo de um ponto fixo, como animal prêso a uma estaca. Enquanto existir tal limitação, tal ajustamento, não haverá pensar criador, não haverá inteligência, que, só ela, é liberdade.

Êsse movimento criador do pensamento não busca jamais resultado nem atinge culminância, porque resultado e culminância são sempre o produto de paradas e movimentos alternados, ao passo que, não havendo procura de resultado, mas sòmente movimento contínuo do pensamento, isso é, então, pensar criador. Igualmente, está livre o pensar criador da di-

visão, geradora de conflito entre o pensamento, o sentimento e a ação. E só existe divisão quando se busca objetivo, quando existe ajustamento e a complacência da certeza.

A ação é êsse movimento, que é, êle próprio, pensamento e sentimento, como já expliquei. Essa ação é a relação entre o indivíduo e a sociedade. Ela é conduta, trabalho, cooperação, que chamamos preenchimento. Isto é, quando a mente atua sem visar a uma culminância ou objetivo, e é portanto criador o seu pensar, êsse pensar é ação, a qual é a relação entre o indivíduo e a sociedade. Pois bem: se fôr êsse movimento do pensamento claro, simples, direto, espontâneo, profundo, não existirá então conflito no indivíduo, contra a sociedade, porque a ação é, nesse caso, a própria expressão dêsse movimento vivo e criador.

Nessas condições, não há, para mim, *arte* de pensar, só há pensar criador. Não há técnica de pensar, mas sòmente a espontânea ação criadora da inteligência, a qual é a harmonia da razão, do sentimento e da ação, não separados ou divorciados uns dos outros.

Ora, êsse pensar e sentir, sem aspirar a recompensa ou resultado, é uma verdadeira experiência, não achais? No verdadeiro experimentar, no verdadeiro provar não pode haver busca de resultado, porque tal experimentar é o movimento do pensamento criador. Para ex-

perimentar deve a mente estar a livrar-se continuamente do ambiente com que se choca no seu movimento, êsse ambiente que chamamos o passado. Não pode haver pensar criador para a mente estorvada pela busca de recompensa, pela perseguição de um objetivo.

Quando a mente e o coração buscam resultado ou vantagem, e com isso complacência e estagnação, tem de haver a prática, a necessidade de superar, a disciplina, de onde resulta conflito. Julga a maioria das pessoas que, pela prática de determinada idéia, conseguirão libertar o pensamento criador. Ora, se observardes, se meditardes, vereis que a prática é mero resultado da dualidade. E tôda ação nascida da dualidade deverá perpetuar a distinção entre mente e coração, tornando-se, pois, tal ação mera expressão de uma conclusão calculada, lógica, autoprotetória. Se existe tal prática de autodisciplina, ou êsse contínuo domínio ou influência das circunstâncias, é a prática então simples alteração, simples modificação em vista de um fim; é ação confinada pelo pensamento restrito que chamais consciência individual. Assim sendo, a prática não origina o pensar criador.

Pensar criativamente é estabelecer harmonia entre a mente, o sentimento e a ação. Isto é, se estais convencidos de uma ação, sem visardes a uma recompensa final, essa ação, re-

sultando da inteligência, afasta todos os óbices impostos à mente pela falta de compreensão.

Creio que não estais compreendendo isso. Quando enuncio uma idéia pela primeira vez, é natural, por não estardes habituados a ela, achardes difícil a sua compreensão; mas, se meditardes sôbre a mesma, compreendereis o seu significado.

Quando a mente e o coração estão tolhidos pelo temor, pela falta de compreensão, pela compulsão, essa mente, embora capaz de pensar dentro dos confins, dentro dos limites daquele temor, não expressará o verdadeiro pensamento, e a sua ação deverá sempre levantar novas barreiras. Por conseqüência, a sua capacidade de pensar está sendo restrita. Mas, se a mente se liberta pela compreensão das circunstâncias, e portanto age, tal ação é pensamento criador.

Pergunta: Podeis dar um exemplo da prática da vigilância constante e da ação seletiva, na vida cotidiana?

Krishnamurti: Faríeis essa pergunta se houvesse uma serpente venenosa no vosso quarto? Em tal caso, não perguntaríeis: "Como me manterei desperto? Como poderei ficar intensamente vigilante?" Só faz tal per-

gunta quem não está certo da presença do réptil no seu quarto. Ou ignorais completamente essa presença, ou desejais entreter-vos com a serpente, participando de suas dores e de seus deleites.

Acompanhai-me, por favor. Não pode haver vigilância, êsse alertamento da mente e dos sentimentos, quando a mente está ainda cativa da dor e do prazer. Quer dizer, quando uma ocorrência vos proporciona dor e prazer ao mesmo tempo, nada fazeis. Agis sòmente quando a dor é maior do que o prazer, mas, se é maior o prazer, nada fazeis, porque não há conflito intenso. É só quando a dor excede o prazer, quando é mais aguda que o prazer, que reclamais uma ação.

A maioria espera que a dor aumente antes de agir, e nesse período de espera quer saber como manter-se vigilante. Ninguém lho pode dizer. Esperam que recrudesça a dor, para então agir, isto é, esperam que a dor, pela sua compulsão, os force à ação, e na compulsão não há inteligência. É apenas o ambiente, e não a inteligência, que os força a agir de determinada maneira. Por conseguinte, quando uma mente está nessa estagnação, nessa falta de intensidade, tem de haver, naturalmente, mais dor e mais conflito.

Pelo aspecto das coisas, do ponto de vista político, é provável a irrupção de nova guerra.

Ela poderá explodir daqui a dois, cinco, dez anos. Um homem inteligente pode ver isso e agir inteligentemente. Mas o homem que ficou estacionário,à espera de que a dor o force à ação, aguarda um caos maior, um sofrimento maior que lhe dê o ímpeto de agir, e não está, por conseguinte, funcionando a sua inteligência. Só há vigilância quando a mente e o coração estão tensos, altamente tensos.

Por exemplo: quando vêdes que o amor pela posse conduz à insuficiência, quando vêdes que a insuficiência, a falta de riqueza interior, a superficialidade, sempre originam dependência, quando reconheceis êsse fato, que acontece a vossa mente e coração? O desejo imediato é de preencher a insuficiência; mas, por outro lado, quando percebeis a futilidade da acumulação contínua, começais a ficar vigilantes para o funcionamento de vossa mente. Vêdes que no mero acumular não pode haver pensamento criador; mas, apesar disso, a mente se ocupa em acumular. Por conseqüência, se vos derdes conta dêsse fato, criareis um conflito e êsse mesmo conflito dissolverá a causa da acumulação.

P e r g u n t a : Por que maneira poderia um estadista que compreendesse o que dizeis, pô-lo em prática nos negócios públicos? Ou, não é mais provável que êle se retirasse da po-

lítica, reconhecendo falsos os seus objetivos e bases?

Krishnamurti: Se êle compreendesse o que digo, não separaria a política da vida na sua plenitude; e não vejo razões por que devesse afastar-se da política. É verdade que a política é atualmente um instrumento de exploração; mas, se êle considerasse a vida como um todo, e não a política sòmente — uma vez que por política êle entende a *sua* pátria, o *seu* povo, e a exploração dos semelhantes — e considerasse os problemas humanos não como problemas nacionais, porém mundiais, não como problemas americanos, ou hindus, ou germânicos, nesse caso, se de fato compreendesse o que digo, seria êle um verdadeiro ser humano, e não um político. E para mim, é esta a coisa mais importante: ser humano, e não um explorador, ou simples expoente de uma determinada especialidade. Já na minha palestra de ontem procurei explicar isso. Acho que aí é que está o mal. O político só cuida de política, o moralista de moral, o suposto mestre espiritual, do esprito, cada um dêles se julgando autoridade, com exclusão de todos os outros. Tôda a estrutura de nossa sociedade se assenta nessa base, e promovem assim êsses líderes das diversas especialidades devastação e miséria cada vez maiores. Mas se nós, como

entes humanos, percebêssemos a relação íntima entre tôdas essas coisas, entre a política, a religião, e a vida econômica e social, se enxergássemos essa relação, não pensaríamos nem agiríamos, nesse caso, separativamente, individualìsticamente.

Na Índia, por exemplo, há milhões a morrerem de fome. O hindu, que é nacionalista, diz: "Tornemo-nos primeiro intensamente nacionalistas, e estaremos depois em condições de resolver o problema da penúria." Para mim, entretanto, a maneira de resolver o problema da penúria é deixar de ser nacionalista, e tornar-se o contrário disso; a fome é um problema mundial, e tal processo de isolamento só tem o efeito de aumentar a penúria. Se, pois, o político tratar dos problemas da vida humana como político, apenas, êsse homem originará maiores devastações, maiores males, e miséria maior; se, porém, considerar a vida como um todo, sem distinção entre raças, nacionalidades e classes, é êle, então, um verdadeiro ser humano, apesar de político.

P e r g u n t a : Dissestes que, com dois ou três que compreendessem, seríeis capaz de transformar o mundo. Há muitos que julgam compreender e que acreditam haver outros nas mesmas condições; tais são os artistas e os homens de ciência, e no entanto o mundo conti-

nua sem modificação. Explicai por que maneira iríeis transformar o mundo. Já não estais, porventura, modificando o mundo, quiçá por maneira vagarosa e sutil, porém decisivamente, pela palavra, pela vossa vida, e pela influência que sem dúvida exercereis no pensamento humano, nos anos futuros? É essa a transformação que tínheis em mente, ou se trata de algo de efeitos imediatos na estrutura política, econômica e racial?

Krishnamurti: Se bem me lembro, nunca pensei na sucessão imediata da ação e seu efeito. Para se obter resultado duradouro e real, é necessário haver, na base da ação, grande observação, pensamento e inteligência profundos, e bem poucos se dispõem a pensar criativamente ou a livrar-se de influências e inclinações. Se, individualmente, começardes a pensar, estareis então em condições de cooperar inteligentemente; mas, enquanto não houver inteligência, não será possível a cooperação e reinará sòmente a compulsão e, portanto, o caos.

Pergunta: Até que ponto pode uma pessoa governar suas próprias ações? Se somos, a todo e qualquer momento, a soma de nossa experiência anterior, se não há personalidade espiritual, é possível agirmos por maneira diferente daquela determinada pela hereditariedade, pela educação e pelos estímulos

do momento? Se assim é, que é que causa as modificações na seqüência dos fatos físicos, e como?

K r i s h n a m u r t i : "Até que ponto pode uma pessoa governar as suas ações?" Ninguém governa as suas ações sem haver compreendido o ambiente, porque, nesse caso, a ação obedece à compulsão, à influência do ambiente; tal ação não é ação, absolutamente, porém simples reação ou autoproteção. Mas, quando começa um indivíduo a compreender o ambiente, a perceber o seu exato significado e valor, torna-se êle então senhor de suas ações, porque é, nesse caso, inteligente; e, por conseguinte, atuará inteligentemente, sob quaisquer condições.

"Se somos, a todo e qualquer momento, a soma de nossa experiência anterior, se não há personalidade espiritual, é possível agirmos por maneira diferente daquela determinada pela hereditariedade, pela educação, e pelos estímulos do momento?" — Também aqui se aplica o que acabo de dizer. Se a ação do indivíduo provém do acervo do passado, sua herança ancestral ou racial, tal ação é mera reação de temor; mas, se êle compreende o subconsciente, isto é, as acumulações do passado, estará então, livre do passado e livre, portanto, da compulsão do ambiente.

O ambiente, afinal de contas, é tanto do presente como do passado. Não compreendemos o presente quando a mente está tolhida pelo passado; e libertar a mente do subconsciente, dos estorvos inconscientes do passado, não consiste em fazer rolar a memória para o passado, mas, sim, em manter-nos plenamente conscientes no presente. Nessa consciência, nessa intensa consciência do presente, põem-se em agitação e vêm à tona todos os resíduos do passado, e nessa ocasião, se estiverdes atentos, percebereis o justo significado do passado e compreendereis, pois, o presente.

"Se assim é, que causa as modificações, na seqüência dos fatos físicos?" Segundo entendo, o autor da pergunta deseja saber o que é que produz a ação a que é forçado pelo ambiente. Êle atua de uma determinada maneira, coagido pelo ambiente, mas se compreendesse, inteligentemente, êsse ambiente, não existiria compulsão de espécie alguma; haveria compreensão, que é a própria ação.

P e r g u n t a : Vivo num mundo caótico, do ponto de vista político, econômico e social, tolhido por leis e convenções que me restringem a liberdade. Quando os meus desejos se chocam com essas imposições, ou sou forçado a violar a lei e sofrer as conseqüências, ou a reprimir os meus desejos. Onde é possí-

vel, então, num mundo como êste, evitar a autodisciplina?

Krishnamurti: Já falei a êsse respeito, muitas vêzes, porém, tentarei explicá-lo de novo. Autodisciplina é, meramente, um ajustamento ao ambiente, ocasionado pelo conflito. É isso que chamo autodisciplina. Tendes estabelecido um padrão, um ideal, que atua sob a forma de compulsão, e forçais a mente a ajustar-se a êsse ambiente — estais a forçá-la, modificá-la, controlá-la. Que acontece quando assim procedeis?

Estais, com efeito, a destruir a ação criadora; estais a perverter, a reprimir o sentimento criador. Mas, se começardes a compreender o ambiente, deixará então de existir a repressão ou o mero ajustamento ao ambiente, que chamais autodisciplina.

Mas como podeis compreender o ambiente? Como podeis compreender o seu exato valor e significado? Que vos impede de perceber êsse significado? Em primeiro lugar, o temor. É o temor a causa da busca de proteção ou segurança, seja de ordem física ou espiritual, seja religiosa ou emocional. Enquanto houver tal busca, existirá temor, o qual ergue uma barreira entre vossa mente e o ambiente, criando assim conflito; e tal conflito não sereis capazes de dissolver, enquanto vos interessardes

sòmente em ajustamentos e modificações, e nunca no descobrimento da causa fundamental do temor.

Nessas condições, quando existe busca de segurança, de certeza, de objetivo, a impedir o pensamento criador, há necessàriamente ajustamento, chamado autodisciplina, o qual é sòmente compulsão, imitação de modêlo. Mas, quando a mente percebe que não se consegue segurança mediante acumulação de fatos ou de saber, está ela então liberta do temor, sendo, pois, inteligência, e a inteligência não se disciplina a si mesma. Só há autodisciplina na ausência da inteligência. Quando há inteligência, existe compreensão, livre de influências, livre de contrôle e domínio.

P e r g u n t a : *Como é possível despertar o pensamento num organismo a que falta o mecanismo indispensável para a compreensão de idéias abstratas?*

K r i s h n a m u r t i : Pelo simples processo de sofrer; pelo processo da experiência contínua. Mas, de tal modo nos abrigamos atrás dos falsos valores, que deixamos completamente de pensar, e por isso começamos a perguntar: "Que devemos fazer? Como poderemos despertar o pensamento?" Temos temores cultivados, glorificados como virtudes e

ideais, atrás dos quais busca a mente abrigo, procedendo dêsse abrigo, dêsse molde, tôdas as nossas ações. E por isso não existe o pensar. Tendes convenções, e o ajustar a essas convenções chamais pensamento e ação, mas tal não é absolutamente pensar nem agir, porque é resultado do temor, e por isso êsse ajustar debilita a mente.

Como despertar o pensamento? As circunstâncias, ou a morte de alguém que amais, ou uma catástrofe, uma crise econômica, vos lançam no conflito. As circunstâncias exteriores forçam-vos a agir, mas nessa compulsão não pode ocorrer o despertar do pensamento, porque a vossa ação resulta do temor. Mas, se começardes a perceber que não deveis aguardar que as circunstâncias vos forcem à ação, começareis então a observar as próprias circunstâncias; começareis a penetrar e a compreender as circunstâncias, o ambiente. Não esperais que uma crise econômica vos transforme num homem virtuoso, porém libertais a mente do desejo de possuir, da compulsão.

O sistema aquisitivo se baseia na idéia de que podeis ter posses e que é lícito possuir. A posse vos confere uma auréola de glória. Quanto mais tem o indivíduo, tanto melhor e tanto mais nobre é considerado. Vós criastes êste sistema e a êle vos escravizastes. Podeis criar outra sociedade, não baseada no espírito

de aquisição, e tal sociedade poderá obrigar-vos a vos conformardes com as suas convenções, tal como a atual vos obriga a vos conformardes com a sua aquisitividade. Qual a diferença entre as duas? Nenhuma, absolutamente. Como indivíduos estais meramente sendo forçados pelas circunstâncias ou pela lei a agir num determinado sentido, não havendo por isso, em absoluto, pensar criador; mas, se começa a inteligência a funcionar, nesse caso não sereis escravos nem de uma nem de outra sociedade, nem da aquisitiva nem da não aquisitiva. Mas para libertar-se a mente, requer-se grande intensidade; requer-se vigilância e observação contínuas, que criam conflito. Essa própria vigilância produz uma perturbação, e quando ocorre essa crise, êsse conflito intenso, então a mente, se não busca a fuga, começa a pensar originalmente, a pensar criativamente, e é êsse pensamento que é eternidade.

XII

Parece-me que a maioria das pessoas perdeu a arte de ouvir. Vêm ter aqui com seus problemas, julgando que, com ouvirem as minhas palestras, êles se resolverão. Acho que tal não acontecerá; mas, se souberdes ouvir, começareis a compreender o todo, e vossa mente não mais se deixará enlear pelas partes.

Assim sendo, se me permitis sugeri-lo, não busqueis nesta palestra uma solução para vosso problema, nem alívio para vosso sofrimento. Só poderei servir-vos, ou, antes, só podereis servir-vos a vós mesmos, se pensardes originalmente, criativamente. Encarai a vida, não como uma multiplicidade de problemas isolados, porém integralmente, como um todo, com uma mente que não esteja sufocada pela busca de soluções. Se ouvirdes as minhas palavras aliviados da carga dos problemas, tomando uma perspectiva global, vereis então o vosso problema assumir significado diferente; e, conquanto possa não ser resolvido imediatamente,

começareis a perceber a causa dêle. No pensar renovado, no reaprender a pensar, ocorrerá a dissolução dos problemas e conflitos que oneram a mente e o coração e dos quais resultam tôdas as desarmonias, dores e sofrimentos.

Ora, cada um de nós, em maior ou menor grau, está consumido de desejos, cujos objetos variam conforme o ambiente, o temperamento e a hereditariedade. Conforme a vossa condição individual, vossa educação e criação, em matéria religiosa, social e econômica, estabelecestes certos objetivos que incessantemente vos esforçais por alcançar, tendo-se tornado êsse esfôrço a preocupação dominante na vossa vida.

Estabelecidos êsses objetivos, surgem naturalmente especialistas, que se incumbem de vos guiar para a realização de vossos desejos. Dêsse modo, torna-se a perfeição técnica, a especialização, o meio que vos assegurará o fim almejado; e, para que possais atingir êsse fim, estabelecido pelo vosso condicionamento religioso, econômico e social, tendes necessidade dos especialistas. Perde, assim, a vossa ação todo o significado, todo o valor, porque o que vos interessa é a consecução do objetivo, e não o preenchimento da inteligência, que é ação. Interessa-vos a chegada, e não o preenchimento. Torna-se o viver um meio, apenas, para se chegar a um fim, e a vida uma escola, na

qual se aprende a atingir um fim. E, por conseqüência, a ação se torna um simples meio pelo qual podereis alcançar o objetivo estabelecido pelos vossos diversos ambientes e condições. Torna-se a vida uma escola de grande conflito e luta, e nunca uma coisa para preenchimento, enriquecimento, aperfeiçoamento.

Começais, por isso, a indagar qual a finalidade, qual o alvo da vida. É o que pergunta a maioria dos indivíduos; é o que ocupa os pensamentos da maioria das pessoas aqui presentes. Por que viveis? Qual a finalidade? Qual o objetivo? Qual o alvo? Preocupados com o alvo, a finalidade, esquecei-vos de viver no presente; ao passo que o homem que busca o preenchimento jamais indaga dos fins, porque o preenchimento é, em si, suficiente. Mas, como não sabeis como se alcança o preenchimento, como se vive completamente, com riqueza interior, com suficiência, começais a inquirir a finalidade, o objetivo, o alvo, julgando que ficareis aptos para enfrentar a vida, se conhecerdes a sua finalidade — pelo menos, acreditais possível conhecer essa finalidade — e, de posse dêsse conhecimento, esperais servir-vos da experiência como meio para chegar a um fim; torna-se por isso a vida um meio, uma medida, um valor, de que vos utilizais para alcançar tal fim.

Consciente ou inconscientemente, oculta ou abertamente, começa o indivíduo a indagar a finalidade da vida, recebendo as respostas dos chamados especialistas. O artista, se lhe perguntardes o objetivo da vida, vos dirá que é a auto-expressão pela pintura, pela escultura, pela música ou poesia; o economista, se lhe perguntardes, dirá que é trabalho, produção, cooperação, vida em conjunto, atuação em grupo, em sociedade; e se perguntardes ao religionário, êste vos dirá que a finalidade da vida é a procura e o sentimento de Deus, é viver em conformidade com as leis estatuídas pelos mestres, profetas, salvadores, e que, vivendo em consonância com tais leis e decretos, alcançareis a verdade que é Deus. Cada especialista vos dará a sua resposta sôbre a finalidade da vida, e de acôrdo com vosso temperamento, vossos caprichos, vossa imaginação, começais a considerar essas finalidades, êsses objetivos, como vossos ideais.

Tais ideais e finalidades tornaram-se, meramente, um pôrto de salvação, porque vos servis dêles para que vos guiem e protejam no tumulto da vida. Começais, pois, a utilizar êsses ideais para medir as ocorrências de vossa vida, para investigar as condições de vosso ambiente. Começais, sem o desejo de compreender ou de preencher, ùnicamente a investigar a finalidade do ambiente; e, com a

descoberta dessa finalidade, de acôrdo com vosso condicionamento, vossos preconceitos, evitais sòmente o conflito de viver sem compreensão.

Assim, pois, a mente dividiu a vida em ideais, objetivos, culminações, consecuções, finalidades; agitação, conflito, perturbação, tumulto; e vós próprios, vossa consciência individual. Isto é, a mente dividiu a vida nessas três seções. Estais em agitação e, pois, através dessa agitação, dêsse conflito, dessa perturbação que é tôda sofrimento, laborais para alcançar uma finalidade, um alvo. Tentais, penosamente, atravessar essa agitação, êsse conflito, para atingirdes o alvo, a finalidade, o pôrto de salvação, o ideal; e êsses ideais, finalidades, refúgios foram delineados pelos especialistas econômicos, religiosos e espirituais.

Estais, assim, de um lado, abrindo caminho, laboriosamente, através de condições e ambientes, e criando conflitos nesse esfôrço para alcançardes o outro lado, onde estão os ideais, os objetivos, os alvos que se tornaram vossos abrigos e refúgios. A própria indagação sôbre a finalidade da vida é indício de falta de inteligência no presente; e o homem plenamente ativo — não imerso em atividades, como a maioria dos americanos, mas plenamente ativo, com a inteligência, com os sentimentos, com plena vitalidade — êsse homem preencheu

a si mesmo. É por isso fútil a busca de finalidade, porquanto não existe fim nem princípio; o que existe é o movimento contínuo do pensar criador, e o que chamais problemas são os resultados de vossos esforços para atravessardes o tumulto e chegardes a um alvo. Isto é, preocupa-vos saber a maneira de dominar o tumulto, de vos ajustardes ao ambiente, a fim de atingirdes um fim. É isso, e não vós mesmos o vosso objetivo, o que preocupa tôda a vossa vida. O que vos preocupa é sòmente o tumulto, como atravessá-lo, como dominá-lo, como superá-lo, e portanto como fugir dêle. Quereis atingir aquela perfeita esquiva que chamais ideais, e aquêle perfeito refúgio, que chamais a finalidade da vida, o que representa apenas uma fuga da presente agitação.

Naturalmente, quando tentais superar, dominar, esquivar-vos, e atingir aquêle objetivo final, sobrevém a procura de sistemas e dos respectivos corifeus, guias, mestres e especialistas; todos êstes são, para mim, exploradores. Os sistemas, os métodos, e os seus mestres, com tôdas as suas complicadas rivalidades, incitamentos, promessas e mentiras, criam divisões na vida, conhecidas por seitas e cultos.

É isso o que acontece. Quando procurais alcançar alguma coisa, um resultado, uma maneira de superar o tumulto, sem levardes em consideração a "vossa pessoa", a consciência

do "eu", nem o fim que, consciente ou inconscientemente, buscais sem cessar, tendes naturalmente de criar exploradores, quer do passado quer do presente, e ficais colhidos nas suas futilidades, suas rivalidades, disciplinas, desarmonias e discórdias. Assim, pois, o simples desejo de atravessar êsse tumulto cria sempre novos problemas, porque não se leva em conta nem o agente nem a maneira por que age, mas sòmente a cena do tumulto é levada em consideração como meio de se chegar a um fim.

Ora, para mim, o tumulto, o fim, e "vossa pessoa" são uma só coisa; não existe separação. Essa divisão é artificial, sendo criada pelo desejo de ganhar, pela busca de aquisição e acumulação, nascida da insuficiência.

Ao tornar-se consciente do vazio, da superficialidade, começa o indivíduo a reconhecer a insuficiência de seu pensar e sentir, surgindo então, no seu pensamento, a idéia de acumulação, resultando daí a separação entre a "pessoa", isto é, a consciência individual, e o fim. Para mim, já o disse, tal separação não existe, porquanto, alcançado o preenchimento, já não pode haver agente e ação, mas sòmente o movimento criador do pensamento, o qual não busca um resultado, havendo assim o viver contínuo, isto é, a imortalidade.

Mas vós dividistes a vida. Consideremos o que é êsse "eu", êsse agente, êsse observador, êsse centro do conflito. Êle é apenas um longo e contínuo rôlo de memórias. Já apreciei demoradamente a memória, em minhas palestras anteriores, e não posso agora entrar em pormenores. Se êles vos interessam, podeis ler o que eu disse. Êsse "eu" é um rôlo de lembranças em que se apresentam recalcamentos. Êsses recalcamentos ou depressões chamam-se complexos, e são êles que determinam os nossos atos. Isto é, a mente consciente de sua insuficiência, busca um ganho, criando dêsse modo uma distinção, uma divisão. Não pode essa mente compreender o ambiente, e porque não o pode, é obrigada a confiar na acumulação da memória, para guiá-la; pois a memória é apenas uma série de acumulações que atuam como guia para um objetivo. Tal é o fim da memória. A memória é falta de compreensão; essa falta de compreensão é o fundo de onde sacais, é dêle que procede a vossa ação.

Essa memória atua como guia para um fim, e êsse fim, preestabelecido que foi, é simplesmente um refúgio autoprotetório, o qual chamais ideais, consecução, verdade, Deus ou perfeição. O comêço e o fim, a "pessoa" e o objetivo, são resultados dessa mente autoprotetora.

Já expliquei a gênese da mente autoprotetora; essa mente se origina da consciência ou percepção de vazio, de vácuo. Por isso, começa a pensar com intuitos de consecução, aquisição, e dêsse ponto de partida entra a funcionar, dividindo a vida e restringindo as próprias ações. Assim, pois, o fim e a "pessoa" são o resultado dessa mente autoprotetória; e a agitação, o conflito, a desarmonia, são apenas o processo da autoproteção e resultam dessa autoproteção espiritual e econômica.

Espiritual e econômicamente procurais segurança, porque confiais na acumulação, para vos dar riqueza interior, para vos dar compreensão, plenitude, preenchimento. E, dêsse modo, os astuciosos, tanto do mundo espiritual como do econômico, vos exploram, porque uns e outros querem alcançar poderio mediante exaltação da autoproteção. Assim, pois, cada mente se vê empenhada num esfôrço tremendo para proteger a si própria, e o fim, os meios e a "pessoa" nada mais são que o processo de autoproteção. Que acontece quando existe êsse processo de autoproteção? Acontece, inevitàvelmente, conflito com as circunstâncias, que chamamos a sociedade; vemos o "eu" buscando proteger-se contra o coletivo, o grupo, a sociedade.

Mas o inverso disso não é verdade. Isto é, não julgueis que, se deixardes de proteger-

vos, estareis perdidos. Pelo contrário, estareis perdidos se vos protegerdes, por motivo de insuficiência, por motivo de superficialidade de pensamento e sentimento. Mas, se deixardes de proteger-vos sòmente por julgardes que, fazendo-o, encontrareis a verdade, será também isso, apenas, uma outra forma de proteção.

Assim, pois, como temos construído, através dos séculos, de geração em geração, essa roda da autoproteção, espiritual e econômica, vamos averiguar se é uma coisa real a autoproteção espiritual e econômica. Talvez, do ponto de vista econômico, seja possível sustentar, temporàriamente, a autoproteção. O homem de dinheiro e muitas posses, que se garantiu confortos e prazeres corporais, é em geral, se o observardes, muito insuficiente e falto de inteligência, e está de ordinário a tatear à procura da proteção dita espiritual.

Investiguemos, entretanto, se realmente existe autoproteção espiritual, porquanto, econômicamente, sabemos que não existe segurança. A ilusão da proteção econômica se demonstra, pelo mundo todo, pelas depressões, crises, guerras, calamidades e caos. Reconhecendo isso, voltamo-nos para a segurança espiritual. Mas, para mim, não existe segurança, não existe autoproteção e nunca as haverá. Eu afirmo que só existe a razão, a qual é compreensão, e não proteção. Isto é, a segurança, a autoprote-

ção é produto da insuficiência, na qual não há inteligência, não há pensamento criador, na qual existe uma batalha constante entre a "pessoa" e a sociedade, e na qual os astuciosos vos exploram impiedosamente. Enquanto houver o desejo de autoproteção, haverá conflito, não podendo pois haver compreensão, nem razão. E enquanto perdurar essa atitude, será vã a vossa busca de espiritualidade, da verdade, ou de Deus, porque ela representa apenas uma busca de maior poder e maior segurança.

É só quando a mente que se abrigou atrás das muralhas da autoproteção se liberta de suas próprias criações, que se pode chegar àquela delicada realidade. Afinal de contas, essas muralhas da autoproteção são criações da mente, que, consciente da própria insuficiência, levanta essas muralhas de proteção abrigando-se atrás delas. O indivíduo ergueu essas barreiras, consciente ou inconscientemente, e por isso a sua mente está tão debilitada, tolhida, prêsa, que a ação motiva maior conflito e novas perturbações.

Nessas condições, a mera busca de solução para os vossos problemas não isentará vossa mente de criar novos problemas. Enquanto existir êsse centro autoprotetório, resultante da insuficiência, haverá perturbações, dores e sofrimentos tremendos; e não podeis libertar a mente do sofrimento disciplinando-a para não

ser insuficiente. Isto é, não podeis disciplinar a vós mesmos, nem ser influenciados pelas condições e pelo ambiente, para o efeito de não serdes superficiais. Dizeis para vós mesmos: "Sou superficial; reconheço êsse fato, e como me livrarei dêle?". Eu digo: Não procureis livrar-vos dêle, pois isso é um mero processo de substituição, mas tornai-vos conscientes, tomai conhecimento do que está causando a insuficiência. Não podeis constranger nem forçar o aparecimento dessa causa; ela não pode ser influenciada por ideais, nem por temores, nem pela busca de prazeres e poderio. Só se pode achar a causa da insuficiência pela vigilância. Isto é, pela observação do ambiente e a penetração de seu significado, revelar-se-ão as ardilosas sutilezas da autoproteção.

Em última análise, a autoproteção é resultado da insuficiência, e porque a mente foi educada na sua servidão, por séculos e séculos, não podeis discipliná-la nem superá-la. Se o fizerdes, deixareis de perceber o significado das burlas e sutilezas do pensamento e do sentimento, atrás das quais a mente se abrigou; e para descobrirdes essas sutilezas cumpre tornar-vos cônscios, vigilantes.

Ora, estar vigilante não é alterar. Está a nossa mente afeita à alteração, que é apenas modificação, ajustamento, disciplina imposta por uma condição; ao passo que, estando vigi-

lantes, descobrireis o pleno significado do ambiente. Não há, portanto, modificação, porém completa libertação daquele ambiente.

Só depois de se desfazerem tôdas essas muralhas protetórias, à chama da vigilância, que não produz modificação, nem alteração, nem ajustamento, mas sòmente a compreensão integral do ambiente, com tôdas as suas nuanças e sutilezas — só então encontrareis, na compreensão, o eterno; porque, em tal estado, desaparece a "vossa pessoa", o foco autoprotetório. Enquanto, porém, existir êsse foco autoprotetório que chamais o "eu", haverá confusão, haverá perturbação, desarmonia e conflito. Não podeis eliminar êsses obstáculos mediante autodisciplina, ou seguimento de um sistema, ou imitação de um modêlo; só podereis compreendê-los, em tôda a sua complicada estrutura, por meio de vigilância intensa da mente e do coração. Haverá então enlêvo, haverá então o movimento vivo da verdade, que não é uma finalidade, nem uma culminância, mas um perene viver criador, um enlêvo indescritível, porque qualquer descrição o destruiria. Enquanto não fordes atingidos pela luz da verdade, não conhecereis a imortalidade.